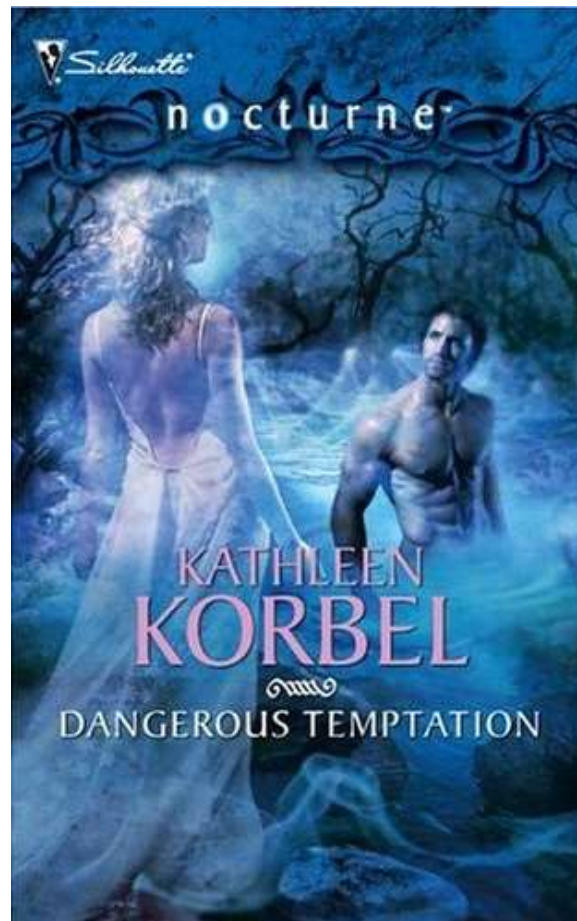
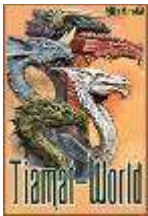




Kathleen Korbel

Perigosa Tentação

Daughters of Myth 01

Para o antropólogo Zeke Kendall, a ideia de que a herdeira ao trono das fadas tivesse estado observando-o, apaixonando-se por ele durante anos, era hilariante. Mas então conheceu Nuala e entregou seu coração a aquela beleza perigosa.

Filha mais velha da rainha das fadas, Nuala devia casar-se com alguém de sua raça para manter a pureza do sangue, mas seu coração já tinha sido possuído por aquele atraente mortal. E agora faria tudo, inclusive aliar-se com a humanidade contra o assustador poder de sua gente, para fazê-lo seu.

Disp em Esp: Nuria & Mara Adilén (MR)

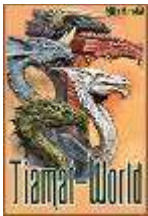
Envio do arquivo e Formatação: Gisa

Revisão: Tessy

Revisão Final: Daniella Lioni

Tiamat - World





Nota da Revisora Tessy: A história é linda e apaixonante... E para melhorar tem cenas muiiitoo quentes... Mal posso espera pela próxima!

Nota da Revisora Daniella: Uma historia de amor envolvente e terna mas com bastante intriga, inveja e ciúmes.

Prólogo

Ele era o vidente. O profeta do grande clã das fadas conhecidas como Tua de Dannan. Era ele quem via o caminho para seu futuro e o vínculo com seu passado; ele quem desembaraçava a fibra do tempo e da experiência para identificar o padrão. Ele era o elo que mantinha unido o mundo das fadas e os olhos que eram testemunhas do futuro.

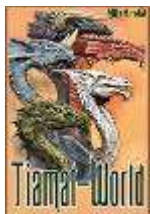
Às vezes conseguia esquecer-se disso. Às vezes deixava de lado sua carga e simplesmente desfrutava seu lugar no mundo dos mortais, onde suas responsabilidades eram simples e seu nome desconhecido. Às vezes podia fingir que não era mais que um mortal com muita imaginação. Mas aquela não era uma dessas vezes.

Estava ali a primeira hora da manhã, com a grama úmida pelo orvalho sob seus pés, com a névoa a seu redor e com os sons da terra apagados. O sol ainda não tinha saído, mas já tingia o céu de vermelho, de modo que o mesmo ar parecia carregado de energia.

O que estava dizendo? “Quando de vermelho o céu é tingido, fica o marinheiro advertido?”. Também o mundo das fadas. O céu avermelhado guardava imagens que só ele podia ver, e que estavam manchadas de carmesim. De fogo, de fracasso e do sangue das fadas.

De modo que tinha chegado o momento. A penitência pelos pecados do passado estava a ponto de cumprir-se. O precário equilíbrio que tinha começado a erodir-se fracassaria. Com a força de uma pedra, o mundo se paralisaria.

Era uma das Pedras Filiars; essas grandes gema que concediam todo o poder aos clãs das



fadas. Três pedras extraídas pelas primeiras e colocadas em coroas reais. Três pedras que controlavam o frágil equilíbrio entre o mundo mortal e o mundo das fadas.

Donelle, a que governava, que brilhava com uma luz azul como a safira, permanecia na Terra do oeste, onde as mãos caprichosas não podiam incomodá-la. Onde os corações corrompidos não podiam cobiçá-la. Dearann, a pedra feminina com a claridade do diamante, encontrava-se na coroa das Dubhlaínn Sídh, as fadas patriarcais da Espada Escura, cujo reino era o ar e o mar. E Coilin, a pedra masculina de vermelho rubi, adornava a diadema de Mab, a rainha das fadas matriarcais da terra.

Tinha sido assim durante séculos; a masculinidade e a feminilidade em harmonia e equilíbrio enquanto cuidavam da terra que tanto amavam. Mas então, fazia só cem anos, Dearann tinha sido arrebatada de seu lugar de descanso e levada fora do mundo das fadas. Mab, que ainda controlava a viril Coilin, subiu ao poder, enquanto que Cathal, rei das Dubhlaínn Sídh, adoeceu, e seu espírito se voltou escuro pelo rancor, pois desejava o poder da rainha. Os dois grandes poderes das fadas, que em outro tempo se favoreciam e agradavam, romperam o contato... E a terra sofreu.

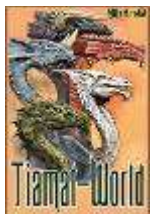
Mas tinha chegado o momento da mudança. Inclusive enquanto via sair o sol atrás de seu castelo, o vidente advertiu a um escuro estranho pôr o pé no chão irlandês. Sabia que aquele era o mortal que desencadearia quão feitos restabeleceriam a ordem ou o destruiriam para sempre. Aquele era o catalisador para a ruptura.

O vidente reconheceu a ameaça do desconhecido; sua redenção. Viu todas as possíveis consequências de sua chegada inclusive antes que o desconhecido pusesse o segundo pé no chão. E soube que, sem intervenção alguma, tudo estaria perdido. Talvez já o estivesse.

O vidente tinha que retornar à terra das fadas. Aí o necessitavam mais que algum dos videntes aos que tinha sucedido. Embora por um momento permaneceu onde estava, deleitando-se com o canto dos primeiros pássaros, com o ruído dos animais entre os arbustos e com o sussurro da névoa. Aspirou ao aroma da terra para levá-lo consigo à terra da felicidade infinita. Reconfortou-se ao pensar em sua família, que ainda dormia no castelo que se elevava a suas costas. Convocou os poderes da terra para que o protegessem contra o cataclismo que estava por chegar. Depois, sem esmagar a grama com suas pegadas, girou-se para confrontar seu destino.

Capítulo 01

Zeke Kendall não acreditava em fadas. Não era simplesmente um cientista sério, e sim um homem do milênio, de modo que não tomava a sério os fantasmas nem as aparições na metade da noite. Não importava que estivesse metido em um suposto prado de fadas no meio da Irlanda; ou mas bem, na franja ocidental, onde durante gerações tinham visto as fadas, tinham falado e se associaram com elas. Inclusive de pé em meio de seu mundo, Zeke podia dizer com toda convicção



que não acreditava nelas.

E por isso, ao ver aquela mulher delicada de olhos de claros, sobressaltou-se.

Levava ali quase toda a manhã, agachado em uma ladeira inclinada, entre a estrada e a borda do rio, preparando-se para seu trabalho montanha acima. Recolhendo a colheita para comer depois, como havia dito um de seus companheiros irlandeses. Fazendo trabalho de campo em um local de estudo com a que não estava familiarizado.

— Aqui poderá sentir a magia — Havia dito seu amigo com um enorme sorriso na noite anterior — O tipo de magia que não encontrará em um lugar com tamboretes de bar e fumaça de tabaco.

Zeke, um experiente antropólogo de campo especializado nas tribos índias da América do Norte, estava ali por convite desse mesmo amigo, que queria comparar e contrastar os rituais e costumes de enterro entre as culturas migratórias do hemisfério ocidental e as migratórias neolíticas do oriente

Os antepassados de Zeke tinham chegado em massa dos países celtas: Irlanda, Escócia e Gales. Na Carolina do Norte, de sua tataravó diziam que era uma bruxa irlandesa quando não necessitavam suas habilidades de curandeira e uma mulher de conferências quando sim as necessitavam. De modo que, em um momento de extravagância, Zeke, enquanto bebia um uísque no casamento de sua irmã, tinha sido assaltado por essa enfermidade tão comum e obviamente comunicável: a genealogia.

De modo que ali estava, metido até as botas na lama da Irlanda, com a chuva gotejando pela aba do velho chapéu de vaqueiro que usava para as escavações, e com seu campo de visão alagado de verde. Rododendros¹ verdes, samambaias verdes, musgo verde, acebo² verde... Uma explosão de verde; uma overdose para um homem mais acostumado a trabalhar nas áridas planícies do deserto da reserva de Four Corners.

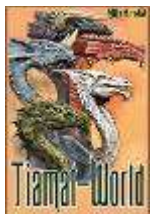
Entretanto, era curioso que se sentisse quase como em casa ali. Certamente, mais que em suas escavações, inclusive mais que no borrascoso vale de Wyoming no que se criou. Quase era acolhedor, inclusive apesar da chuva incessante. Agradável, suave e tranquila de um modo ao que não estava acostumado. Bom, imaginava que, se fosse uma fada, ele tampouco procuraria um deserto árido e inclemente para estabelecer-se.

Por outro lado, se ficava o suficientemente quieto, podia sentir algo mais ali. Algo vivo, algo profético. Um pouco mais escuro que as sombras que alagavam aquela pequena garganta. Inclusive com suas melhores calças e sua jaqueta de couro, sentia um estranho calafrio pelas costas.

Estava a ponto de dar a volta para a colina, para onde uma porta de ferro situada entre umas sebes fúcsias separava o terceiro milênio do primeiro, quando a viu. Como em um brilho.

¹ O **rododendro** é a designação comum às plantas do gênero **Rhododendron** L., da família das ericáceas, que reúne mais de 1000 espécies, entre elas as azáleas.

² Estas plantas podem ser de espécies muito diferentes, desde arbustos, árvore, musgos, trepadoras e até cactus. Algumas delas florescem nesta época.



Viu-a pela extremidade do olho, como se tratasse de um sonho. Uma pele cremosa que brilhava com aquela luz suave. Um cabelo avermelhado e frisado que parecia estranhamente seco apesar da chuva. Uns olhos grandes. Muito abertos. Olhos verdes, claros e risonhos que o contemplaram com um brilho especial antes de dar a volta. Olhos que teria jurado sobre sua tumba que tinha visto em algum lugar.

Antes de se dar conta do que fazia, Zeke estava seguindo-a. Chapinhando pela lama, foi afastando as samambaias e os ramos de carvalho para poder alcançá-la.

Usava um vestido. Como podia ser um vestido? Um objeto sedoso de uma cor cinza suave que contribuía com o ar sugiram de seu corpo. Que impunha a um homem que nunca havia se sentido imposto.

Zeke não era nenhum monge. Essa tinha sido a missão de seu irmão Jake durante quase toda sua vida. Zeke preferia provar um pouco de tudo o que a vida podia oferecer. Já tinha tido suficientes relacionamentos. Muita gente, além de sua família, havia dito que era bonito. Áspero, segundo sua última amiga, Tina. Estava em forma, isso seguro. Era difícil não estar, quando se passava mais tempo escalando que uma cabra montanhês. Era alto, saudável e de ombros largos. Nunca tinha precisado rogar às mulheres que se detivessem a olhá-lo, nem tampouco havia sentido particularmente o desejo de fazê-lo.

Mas de repente, depois de ver uma mulher que não tinha sorrido, mas sim, que tinha rido dele com aqueles lábios de morango que deixavam entrever uns dentes brancos e perfeitos, e com um simples golpe do cabelo, tinha começado a correr como se sua vida dependesse disso.

E, por alguma razão, no atalho que conduzia a um arroio na metade de nenhuma parte, perdeu-a.

Zeke chegou ao final do caminho, quase sem fôlego depois de afastar os arbustos e avançar pelo barro, e se deteve. Olhou a seu redor. Observou com atenção. Mas nada.

Estava seguro de tê-la visto. Não poderia confundir algo tão vibrante. Ainda podia ouvir em sua cabeça aquela risada leve, como um canto, antes de dar a volta. Quase podia inclusive sentir aquele vestido de seda entre seus dedos. Teria jurado que cheirava a cravo.

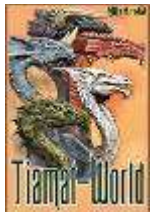
“Onde diabos estava?”

“E quem diabos era?”

Zeke só tinha pretendido passar uns minutos naquela garganta de fadas; aquela que W. B. Yeats tinha atribuído poderes mágicos. Só tinha querido ver que tipo de lugar podia ganhar uma fama que pudesse sobreviver durante tanto tempo.

E sim, tinha sido algo especial. Algo como de outro mundo, como se todo esse verde tivesse tornado a luz aquosa e a água se filtrasse entre as árvores. A Zeke sempre tinha gostado da água, pois tinha passado grande parte de sua vida profissional relacionado com ela. Mas ali... Ali era mais elementar, mais imponente. Ali era como se a água se alimentasse de toda a magia que os irlandeses pareciam lhe dar.

Ali via que as samambaias e os discos podiam transformar as sombras em criaturas vivas. Quase podia acreditar que o mundo a esse lado da porta de ferro era algo irreal. Como se não



formasse parte da luz do sol, do ritual banal da vida cotidiana. Entendia por que Yeats e todos seus compatriotas queriam encontrar fadas ali.

Mas isso não significava que elas existissem.

Deu a volta por fim, deliberadamente, e começou a subir pela colina. Realmente não a tinha visto. Seria sua imaginação. Deviam ser todas essas histórias que Colm O'Roarke tinha sussurrado ao ouvido enquanto compartilhava um fogo com ele nos cânions de Utah. Não eram fadas, pelo amor de Deus. Zeke Kendall não acreditava em fadas.

Mas então que diabos tinha sido?

— Fadas, menino! — Gritou Colm na manhã seguinte, quando foi recolher Zeke no hotel que tinha procurado.

O hotel era uma antiga casa de campo, um pouco desmantelada e rústica, dirigida por uma mulher ansiosa e hesitante chamada senhorita O'Brien, que dava a impressão de que ia ter que tomar o café da manhã fora.

Colm tinha tirado importância a sua preocupação quando Zeke falou do tema.

— Ah, não se preocupe pela velha Mary. Consegue que a gente desista de seu café da manhã com essa cara piedosa e seu olhar envergonhado — Havia dito — O que quer dizer com que viu uma mulher formosa na garganta das fadas?

Zeke se deu conta de que não deveria ter dito nada. Nenhuma palavra. Mas, por alguma razão, lhe tinha escapado.

— Você é daqui, Colm. Conhece alguma ruiva bonita que goste de ir à garganta das fadas? — Tinha-lhe perguntado.

E logo, é obvio, não tinha podido explicá-lo. Nem sua aparição, nem sua identidade, nem onde tinha ido. E certamente não tinha podido explicar o inquietante sonho que tinha tido com ela durante a noite.

Colm uivou de prazer; sua face se iluminou e seus ombros magros vibraram. Para ser um homem baixinho e esquelético, tinha uma incrível capacidade para o volume e as gargalhadas.

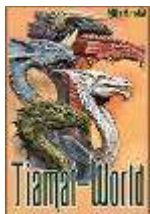
Colm quase não podia pôr o carro em movimento, pela força com a que estava rindo.

— Você, Zeke Kendall, homem da ciência, dançando com as fadas. Deus santo, que dera tivesse visto!

— Não dancei com nenhuma fada — Grunhiu Zeke enquanto retorcia o chapéu sobre seu colo, no pequeno quase carro que Colm conduzia pelas quase estradas como se estivessem em uma atração da Disneylândia — Vi uma mulher que não se apresentou e que conhecia outro caminho para sair do bosque.

— Claro que sim, menino! Vive ali! — Exclamou Colm sem deixar de rir — Me Diga uma coisa. Não te ocorreria ir por ali ao entardecer, não é?

Zeke apertou os dentes. Aquilo era pior que quando disse a sua irmã Gen que tinha entrado por acidente no vestuário das garotas e tinha visto Betty Williams sem sutiã. Mas nem sequer Betty o tinha inquietado tanto como a visão daquela garota no bosque.



— Não me importo — Respondeu, e ficou olhando a chuva.

Não era de estranhar que a água fosse tão abundante ali, pensou sem nenhuma razão. Não parava de cair.

— Ah, não, nada disso — Protestou Colm enquanto tirava um talo para metê-lo na boca — Olhe, iremos escavar ao redor da casa da garota.

— A casa de que garota?

— A de sua namorada, menino. Se é que era uma sidbe, como acredito.

— Eu acredito que não. Colm voltou a rir.

— Já lhe disse que centraríamos a seguinte fase do trabalho na escavação das múltiplas colinas e montículos de pedra situados no local que rodeia a Knocknarea e Carrowmore. A que vamos começar agora é uma montanha de uns trinta metros rodeada por um forte de pedra ou, como dizem por aqui, um forte de fadas. Nas noites sem lua, sobre tudo no começo da primavera e no Halloween, o qual se aproxima, assim tome cuidado para que sua rainha fada não te sequestre para ir viver com ela nessa colina mágica, as fadas cavalgavam do vale até o Carrowmore, passando pela montanha de Knocknarea, para celebrá-lo. Ou para sequestrar mortais com os que jogar por toda a eternidade. Depois retornavam para casa, sob nossa colina.

— Então, sendo cientistas sisudos como somos, vamos escavar para ver se continuam lá

— Os cientistas não acreditam nas fadas, menino — Disse Colm.

Zeke lhe dirigiu um sorriso amargo.

— Isso ouvi, Colm.

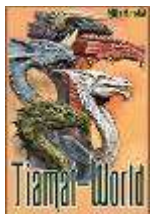
— Mas pensei que primeiro poderíamos ver a nova convocação. Nos familiarizar com o terreno antes de começar a trabalhar. Depois enviarei a Carrowmore para que conheça pessoal dali e que lhe contem o que encontraram.

Zeke simplesmente assentiu. Já tinha passado tempo estudando os achados de Carrowmore inclusive antes de chegar ali. Carrowmore tinha sido lugar de estudo durante mais de cem anos; era uma vasta convocação de restos megalíticos na península situada entre a cidade de Sligo e a montanha da Knocknarea. Na península havia mais de sessenta túmulos, círculos de pedra e dólmenes³; e cada dia descobriam mais graças às novas tecnologias disponíveis em arqueologia.

Os arqueólogos escavavam; os antropólogos teorizavam. O como contra o porquê. Zeke estava muito mais interessado no porquê de uma coisa. Por que as pessoas passavam mais de quatro gerações construindo uma elaborada tumba que só continha uns poucos restos queimados e depois a fechava deliberadamente duas gerações depois. Por que faziam um buraco triangular na parte de atrás de alguns crânios e por que esses eram os escolhidos para descansar para sempre nesses túmulos.

Acostumado às câmaras de enterro singelas dos Hopi e os Anasazi, a Zeke intrigavam as elaboradas estruturas celtas. Atraíam-no como a música ou a poesia; complexas, misteriosas e

³ Os **dólmenes** são monumentos megalíticos túmulos coletivo.



elegantes.

Estava desejando poder dar um passeio pelo local. Poder sentir o chão, a posição do sol, do céu e das estrelas. Imaginar-se por que os antigos teriam escolhido essa convocação em particular, por que teriam colocado todas suas tumbas em círculo, ao redor de uma tumba central, inclusive nas altas colinas que coroavam as montanhas do local. Estava desejando ajudar a limpar a primeira capa. As convocações intactas eram pouco frequentes.

Ao mesmo tempo, não podia evitar lamentar o fato de que, para compreender às pessoas que tinha vivido antes deles, tivessem que dismantelar tudo o que eles tinham construído e valorizado, e que tinha formado o núcleo de sua cultura.

— Certo menino — Disse Colm — Ponha os sapatos de caminhada. É hora de que conheça seus anfitriões durante a viagem.

Estavam estacionados em um atalho de terra impossivelmente estreito e rodeado de arbustos em flor. Estavam em meados de setembro, e mesmo assim os arbustos mostravam infinidade de flores vermelhas e roxas, sensuais como o sexo.

Não era de estranhar que fantasiasse com mulheres de cabelos avermelhado. Inclusive a vegetação do local era excitante. Tinha que voltar para casa para ver Tina e esquecer-se daquilo.

Ao menos tinha deixado de chover. Bom, mas bem a chuva se transformou em uma leve garoa. “Um dia suave”, como se empenhava em dizer Colm.

— Não dê muita importância, menino — Estava dizendo Colm enquanto saía do carro — Só é uma mulher.

Zeke nem sequer se incomodou em dizer a seu amigo que se calasse. Simplesmente o seguiu colina acima até um atalho coberto de grama. Os corvos voavam sobre suas cabeças, emitindo grasnidos arrepiantes, e um par de vacas jaziam tranquilas no pasto do lado. Havia provas da presença de ovelhas por toda parte, assim como um aroma forte e espesso a terra de fazenda.

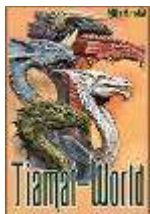
E a água. Ouviu como corria entre as pedras, oculta depois dos matagais. Viu-a em forma de atoleiros no caminho, nos campos e nas rochas. Pensou que não deveria estar perseguindo fadas, e sim sereias.

Estava a ponto de perguntar aonde iam quando viu a escavadora, o equipamento e as vigas que iam ser usados quando comesçassem a abrir-se caminho para o centro do túmulo.

Zeke tinha visto túmulos em fotos, é obvio. Tinha visto de longe o legendário túmulo de Maeve, sobre a montanha de Knocknarea, onde, segundo a lenda, dormia a rainha das fadas. Embora nunca tinha estado frente a um túmulo. Agora, entretanto, ali estava.

Pedras, um milhão de pedras, empilhadas pelo homem até chegar a uma altura de ao menos nove metros. Pedras colocadas meticulosamente para cobrir por completo as impressionantes rochas que constituíam a câmara funerária situada debaixo. Um túmulo construído para ser protegido; primeiro pelos donos originais e depois pelas fadas.

Zeke não acreditava em fadas. Nunca tinha visto fantasmas nem ouvido vozes espectrais. Tampouco tinha se encontrado com mortos na estrada. Mas, ali de pé, frente ao túmulo, sentiu de



novo um calafrio pelas costas. Algo velho, profundo. Algo que era familiar, embora odiasse ter que admiti-lo.

— Sim — Murmurou Colm — É algo incrível, não é?

E Zeke, ao olhar por volta daquela construção que não tinha sido alterada em três mil anos, só pôde assentir.

— Obrigado por me convidar, Colm — Disse.

Pela primeira vez, Colm não riu.

— Sabia que você gostaria, menino.

Então Zeke teve um desejo.

Foi um impulso que não pôde controlar. Não era uma montanha. Não era um campanário do que apreciar maravilhosas vistas. Nem sequer era uma colina levantada. Era simplesmente um montão de pedras empilhadas. Inclusive assim, Zeke se sentiu de repente invadido por aquele velho desejo de ser Rei da Colina. Quis situar-se no topo.

— Deveríamos retornar — Disse Colm — Ficamos de encontrar com dois homens do governo para tomar uma cerveja.

— Eu vou subir — Disse Zeke, enquanto acariciava a pequena pedra que tinha tirado de um arroio próximo — Desculpe com eles por mim.

Dizia-se que, todo aquele que visitasse Maeve, tinha que deixar uma pedra em sinal de respeito. De repente Zeke sentiu a necessidade de fazer o mesmo ali.

— Tome cuidado ali acima, menino — Disse Colm — Nem sequer as fadas podem te salvar de uma lesão cerebral, e eu vi autênticas cabras montanhês cair dessa coisa.

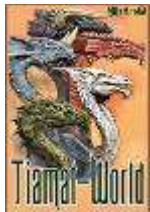
— OH, Colm, escalei caras rochosas de mais de mil metros. Isto é uma brincadeira de meninos.

A garoa golpeava sua face. O ar cheirava a sal, proveniente do oceano. Zeke podia ouvir as ovelhas pastando perto, e os corvos grasnar, como se estivessem vigiando tudo. Começou a subir com muito cuidado, sabendo que, embora a estrutura fosse sólida, as rochas estavam soltas e um mau passo poderia fazer que escorregassem.

la aguentando a respiração. Que estranho. Era como se, apesar dos sons e dos aromas de seu redor, o mundo ficou quieto. Como se tivesse parado para observar Zeke Kendall subir por uma montanha de fadas.

Desejou que sua família pudesse vê-lo. Sobre tudo seu irmão Jake. Sorriu. Podia imaginar-se sentado à mesa da cozinha, no Wyoming, contando a Jake que subir a aquela colina era como entrar através de uma porta em um mundo mágico.

Chegou ao topo pouco depois do pôr do sol. O céu por volta do oeste era de um vermelho intenso que se transformava em púrpura à medida que se aproximava do mar. Podia vê-lo de ali; podia ver Maeve em sua montanha ao longe, e sabia, mais ou menos, onde se encontrava entre meias o campo de Carrowmore. Sentiu-se como se estivesse em uma matriz. Como se, só olhando atentamente, pudesse compreender à perfeição o que os antigos habitantes tinham querido dizer com suas construções.



Se ficasse ali um pouco mais, enquanto as sombras se agrupavam no vale e obscureciam as pedras, poderia ver o que eles tinham visto.

De repente voltou a vê-la. Um brilho de cor, uma gargalhada, o cheiro de cravo. Sem nem sequer pensar onde estava, com a única intenção de apanhá-la nessa ocasião, Zeke deu a volta apressadamente. Viu-a ocultar-se nas sombras e gritou.

Acreditou que respondia.

— Não! — Acreditou entender. Mas não podia ser certo. De modo que voltou a chamá-la.

Não se deu conta de que, de baixo, seus gritos soavam como os de um homem caindo. Não ouviu Colm amaldiçoar e dar a volta para ele. Concentrado como estava naquele brilho cinza esverdeado que tinha visto entre as sombras, Zeke perdeu o equilíbrio e caiu pela montanha de pedras até acabar estendido no fosso que a rodeava.

Mas ele não sentiu nada. Não sentiu nada porque estava olhando os olhos verdes mais formosos que já tinha visto.

— O que aconteceu? — Perguntou sem deixar de olhá-la nos olhos — Não a conheço?

— Tem que se levantar, Zeke — Respondeu enquanto lhe acariciava a bochecha com sua mão sedosa — Tem que partir antes que a rainha te veja. É sua única oportunidade.

— A rainha? — Perguntou ele com um sorriso. Não sentia nada absolutamente salvo a carícia de seus dedos sobre a pele.

— A rainha das fadas — Respondeu ela enquanto tentava levantá-lo.

— Soa divertido.

— Não! — Exclamou ela — Não sabe o que diz. Destruí-lo-á.

Mas Zeke não podia mover-se. E nem sequer parecia se importar.

— Prefiro dormir, acredito. OH, e provavelmente deveria te dizer que... — Começava a fechar os olhos — Não acredito em fadas.

Sua voz era tão suave que parecia um sonho. Um sonho que de repente se voltou tão escuro que o fez estremecer, inclusive aconchegado entre seus braços.

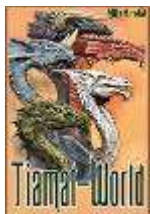
— Não importa — Disse ela — Elas acreditam em você.

Capítulo 02

Tinha estado apaixonada por ele desde que podia recordar. Era o único no que Nuala podia pensar, sentada na grama com a cabeça de Zeke Kendall apoiada em seu colo.

Tinha-o amado desde que tinha consciência do que era o amor. Desde aquele primeiro dia em que tinha olhado na água e o tinha visto, tão longe, envolto no pó de um rancho desmantelado, com as pernas machucadas e seus olhos verdes e assustados, brilhantes como a grama.

Tinha crescido muito bem. Era um homem forte, doce e divertido. Não suportava ver



aqueles olhos fechados e o machucado que começava a formar-se em sua testa.

Supunha que ela era mais velha que ele. Ao menos em termos que ele pudesse compreender. Ela já era consciente inclusive antes que ele nascesse. Mas em tantos outros aspectos era mais jovem, menos experimentada que ele. Menos vivida, apesar de sua magia. Tinha vivido sua vida intacta, inanimada, até aquele primeiro momento em que visse os olhos de Zeke através da água. Tinha sido como esfregar-se contra algo elementar. Agora por fim podia tocá-lo de verdade, ouvir o som de sua respiração, e era entristecedor. Sentada ali, no crepúsculo eterno, tinha sua cabeça no colo e sua mão entre os dedos. Sentia como sua vida transbordava energia, como as abelhas zumbindo ao redor de uma nova colmeia. Nuala absorvia cores que não podia ver e ouvia a música de lugares nos que nunca tinha estado. Era como voltar para a vida.

O qual era certo, dado que tinha esperado esse momento toda sua vida. E a sua vez, isso estava errado, pois só poderia tomá-lo emprestado antes de ter que devolvê-lo. Antes que a rainha visse Zeke e o seduzisse para a escuridão. Ou pior, pois Orla poderia arrebatá-lo a alma e deixá-lo, como os outros, sendo só uma vagem vazia.

Entretanto, no momento Nuala podia desfrutar dele em silêncio. Era dela, depois de tudo. Tinha-o pedido fazia muito tempo. A ele e a sua família, os meninos Kendall, que tinham ficado sozinhos e tinham tido que sobreviver em uma fazenda ruínosa. Quatro espíritos brilhantes que agarrados os uns aos outros enquanto se faziam adultos.

Mas era Zeke o que sempre tinha chamado sua atenção. Zeke o que a chamava através de um oceano, ou enquanto se sentava sozinho frente a uma fogueira, com os coiotes espreitando na distância e com a lua como única e fria amiga.

Nuala não pôde evitar sorrir enquanto afastava uma mecha de cabelo da testa. Castanho, forte e revoltado; sedoso, como as asas de um duende. Tinha deixado de cortá-lo um par de anos antes, durante uma de suas escavações na reserva de Four Corners. Agora o tinha recolhido com uma tira de couro que um de seus sobrinhos tinha confeccionado sendo escoteiro.

Sua face era forte e bronzeada; a herança irlandesa que corria por suas veias se diluiu depois de três gerações na América. Suas mãos tinham uma forma elegante, e mostravam calos de escavar na terra e nas lembranças das pessoas.

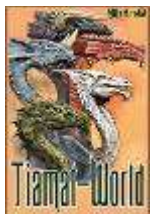
Tinha os olhos fechados, mas também os conhecia bem. Verdes e risonhos como o campo na Irlanda; distraídos a maior parte do tempo enquanto pensava nas vidas daqueles que tinham morrido fazia tempo. Tinha rugas debaixo dos olhos devido a seu sorriso, e algumas rugas no entre os olhos, de passar horas concentrado frente ao sol do deserto.

Nuala sacudiu a cabeça e acariciou uma de suas rugas com o polegar. Perguntou-se como poderia alguém ser feliz em um lugar assim, onde o vento soprava e nunca chovia. Perguntou também se Zeke saberia que o tinha convertido em seu próprio purgatório.

Se tão somente ela pudesse tirá-lo dele. Embora não tinha tempo. Tinha que devolvê-lo — Não é seu, já sabe.

Nuala nem sequer se incomodou em olhar para cima para ouvir aquela voz masculina.

— Sim o é, Michael. Foi meu do momento em que criaram nos dois.



— Talvez, mas ela não pensará o mesmo.

Nuala sorriu e olhou a seu tio.

— Bom, nunca gostou de compartilhar, não é?

— Esse é seu encanto, mo chroí — Respondeu seu tio.

— É sua lenda. E, embora não faça outra coisa, sabe bem como criar uma lenda.

Arqueado e de olhos brilhantes, Michael controlava os cavalos brancos do reino das fadas. Entretanto, naquela ocasião a olhou com tristeza.

— Ele não vai voltar — Disse — Já sabe. Por que não deixá-lo? Certamente seria um bom consorte⁴ quando chegasse seu momento. Ao menos assim estaria protegido.

Nuala voltou a olhar a face de Zeke e lhe acariciou a bochecha com os dedos.

— Meu consorte já está escolhido.

Michael deu de ombros.

— Não há razão para que não pratique primeiro com alguém que você goste. Não há razão para que não fique a ele também.

— Claro que há razões, Michael. Não pertence a este mundo. Suas cores são muito brilhantes. Ele caminha com firmeza sobre a terra; deixa rastros por onde passa, mas nós não. Ele necessita do sol, vento e céu. Não as semi sombras nas que nós vivemos.

Zeke Kendall comia a vida como um glutão; mergulhava-se em suas cores, seus gostos e suas texturas. Inclusive no meio do deserto que tanto gostava. Condená-lo a uma vida de penumbra eterna seria como lhe arrebatara a alma.

— Além disso — Disse ela, como se não tivesse importância — Já é meu. O fato de que tenha que devolvê-lo não significa que tenha que renunciar a ele.

— Mas não poderia desfrutar de seu toque, mo chroí. Não poderia levar a seu filho no ventre, nem dançar com ele nos através dos dias isolados.

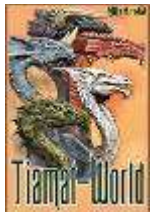
— Então não o farei.

Seu tio ficou calado durante comprido momento. Mesmo assim Nuala ouvia tudo o que desejava lhe dizer, todas as advertências que havia feito do primeiro momento em que ela aceitou os Kendall como dela.

Ela não tinha por que seguir os mortais. Ia contra as regras das fadas que uma delas adotasse a uma família inteira, como se fosse seu anjo da guarda. Mas não se importava. Tinha chegado a amar essa família; aqueles momentos nos que os quatro órfãos se uniram para sobreviver ao que quase nenhum adulto podia. Tinha chegado a amar Zeke, que tinha sofrido mais que ninguém com o ocorrido e que era o que menos o demonstrava.

E agora estava ali, em seus braços, como se tivesse que estar com ela. Tinha-o diante, ao alcance de sua mão, não esquivo através da água. Podia acariciar sua pele áspera e cheirar sua essência. Podia enlaçar os dedos em seu cabelo a vontade. E, no momento, antes de ter que dar via livre a seu destino, poderia fingir que sempre seria assim.

⁴ **Consorte** é o nome que se dá à pessoa que compartilha da sorte, direitos, títulos e/ou poder de outra.



— Deixa que fique aqui com ele durante um momento — Disse ela — É o único peço.

— Então falaremos com ela?

Nuala assentiu.

— Sim. E, com muita sorte, poderemos convencê-la para deixá-lo partir.

Mesmo assim, Michael soava triste.

— Vai precisar algo mais que sorte, e sabe bem.

Era certo. Precisaria sacrificar algo. Bem, seria ela a que fizesse o sacrifício para sua rainha caprichosa. Faria tudo para que Zeke fosse feliz. Inclusive renunciar a ele. Logo.

Entretanto, no momento, simplesmente queria ficar ali sentada e desfrutar de seu espírito. Desejava saboreá-lo com os dedos e cheirar o sol em seu corpo. Alguns dias podia vê-lo refletido nos olhos de Zeke enquanto ele estava naqueles altiplanos, e o invejava por isso. Invejava-o por poder enfrentar aos elementos climatológicos.

A terra ali sempre estava tranquila, inclusive quando ameaçava a escuridão. Nuala adorava seu mundo como um menino adorava a sua mãe, pois a terra era sua mãe. Mas às vezes... As vezes desejava poder ver as cores brilhantes que via Zeke. Desejava poder sentir o vento na cara. Desejava...

Mas os desejos eram para os meninos. Embora fossem meninos fada. Ela não tinha nada que oferecer a Zeke salvo sonhos que mal recordava e a possibilidade de uma perda. Ela não tinha mais vida que a que acontecia ao cair o sol, ao outro lado do mundo. Tinha a magia, e a visão, e a música. Mas essas coisas não importavam no mundo no que Zeke vivia, e já ninguém podia as usar. Ninguém salvo a corte das fadas que ela logo herdaria. A corte que poderia ser um grave perigo para ele.

De modo que ficou sentada, lhe acariciando a cara, e sofrendo pelo que nunca poderia acontecer.

— Bom, é um bom espécime.

Zeke ouviu uma voz suave, baixa como a magia, sensual como a seda. Dietrich, Bacall e Helena de Troya, todas fundidas em uma só voz irlandesa e em uma gargalhada que era como um convite ao pecado. Estirou-se como um gato para ouvir o som e descobriu que era muito mais construtivo que o fato de que não pudesse mover-se.

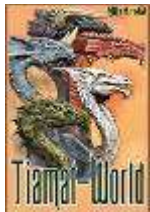
Caiu, não é? Se machucou?

Não podia dizer que se importasse. Simplesmente queria deixar-se envolver por essa voz e pensar no impensável.

— Acredito que deveria ficar — Disse a voz. Uma voz tentadora, carnal. Se tivesse podido mover-se, Zeke teria retorcido de prazer.

— Não pertence a este mundo.

Um momento. Sentiu-se confuso. Não era essa a voz que tinha seguido montanha abaixo? A música das fadas, como haveria dito sua cunhada; como os sinos no vento. Mas de repente parecia diferente. Mais suave. Mais triste. Mais preocupada.



Não precisava preocupar-se. Como podia ir algo mal com essa outra voz perto? Essa outra voz despertava as fantasias mais lascivas que Zeke já teve.

— OH, vamos, pequeno homem — Disse a primeira voz, quase como se soasse unicamente em sua cabeça — Não dormiu já suficiente? Desperta diante mim. Acorda e descobre o que acaba de encontrar.

Pequeno homem? Zeke quis rir. Se pensava que era pequeno, então ela devia formar parte das defesas dos Packers de Green Bay. Nos hotéis, rara vez cabiam suas pernas na cama. Media dois metros e continuava crescendo, segundo suas irmãs, que eram as que se encarregavam de comprar jérseis por Natal.

— Devolve-o — Rogou a outra voz — Não necessita outro mais. Pede muito.

— Certamente que não — Respondeu a primeira voz com uma gargalhada.

— Preferiria que não o fizesse — Disse ele sem abrir os olhos.

As gargalhadas se intensificaram.

— Claro que não, pequeno homem. Agora, abre os olhos.

Curiosamente, quando Zeke tentou abrir os olhos nessa ocasião, não teve nenhum problema. É obvio, isso não significava que seus problemas se resolveram. Teve que piscar umas quantas vezes para enfocar e, inclusive depois disso, não esteve seguro de havê-lo feito bem.

Acontecia algo ao mundo, ou a seus nervos ópticos. Era como se tudo brilhasse com excesso, como o sol de última hora da tarde refletido no mar. Tudo a seu redor parecia mais brilhante, mas de uma vez menos nítido. Um pouco mais formoso e menos real; uma terra apanhada sob um mar pouco profundo. E Zeke, que tinha passado grande parte de sua vida adulta em um deserto assolado pelo vento do sudoeste, sentiu-se hipnotizado.

E então viu a face sobre ele. “Deus santo”, pensou. Deviam ser seus olhos. Ou sua cabeça. Nenhuma mulher podia ter esse aspecto. Sem idade, deliciosa, com olhos de gata e cabelo como as folhas dos álamos em outono.

E seu sorriso. Zeke, que não tinha lido um poema desde que o obrigassem a recitá-lo como castigo no colégio, desejava escrever odes inteiras sobre esse sorriso. Desejava lambê-la como um gato.

— Olá, pequeno homem — Disse ela, lhe acariciando o cabelo com a mão. Zeke sorriu atordado.

— Olá.

Foi então quando a segunda face se fez notar emitindo um sopro. Zeke piscou de novo e seu coração deu um tombo.

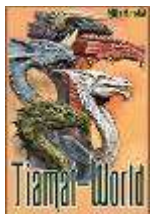
Era ela. A formosa mulher do claro, cujo sorriso soava como sinos de vento. A mulher que, por alguma razão, Era lhe familiar.

— Bom, corri o suficientemente depressa para deixar que me alcançasse — Disse ele.

Ela não pareceu surpreendida.

— Eu disse que tomasse cuidado, não é certo? — Perguntou.

Levava o mesmo vestido de seda, que ondeava com uma brisa que Zeke não sentia. Uma



brisa que enredava o cabelo e fazia que dançasse como rubis no sol.

— E mesmo assim aqui está.

Era curioso, mas era mais brilhante e doce com seu vestido cinza esverdeado que a outra mulher vestida de branco. Curioso, pois era ela a quem não podia tirar os olhos de cima.

Franziu o cenho e recordou algo.

— Não te conheço?

— O advertiu? — Perguntou a outra mulher com voz suave.

A mulher de cinza olhou à outra de frente, embora Zeke observou que lhe tremiam as mãos. Umas mãos com anéis prateados que tinham acariciado a face à luz do sol.

A luz do sol.

Caiu pelo túmulo ao pôr de sol sob a chuva, e entretanto teria jurado que o sol ainda brilhava. Entretanto, quando a mulher de cinza falou, foi como se o ar se obscurecesse a seu redor.

Tratou de mover-se de novo, mas não conseguiu.

— Pode me dizer o que aconteceu? — Perguntou — Sei que é um clichê, mas onde estou?

— Está onde tem que estar — Respondeu a primeira mulher sem afastar o olhar da mulher a que ele tinha seguido — Em minha casa.

Zeke viu os sulcos de uma paisagem formada por um arroio; e árvores velhas e retorcidas ocultos em um musgo quase fluorescente. Ouviu como a água fluía em alguma parte. Viu as nuvens e as montanhas ao longe. Não viu nenhuma casa. Não recordava estar perto de uma casa. Só...

— OH, não.

— Assim é — Disse a mulher sem idade e com fumaça na voz — Minha pequena Nuala decidiu que ficaria com você. É certo, verdade, Nuala?

— Sim — Respondeu Nuala.

— Nuala? — Perguntou ele.

Nenhuma das duas se incomodou em olhá-lo.

— É meu nome — Respondeu a garota enquanto o vento invisível agitava seu cabelo. Um cabelo vermelho, acobreado, como o pôr do sol do Colorado.

Salvo que não estava no Colorado. Estava na Irlanda. Na casa da outra mulher. Salvo que não havia casa alguma.

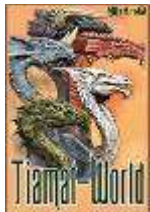
— Pode me chamar Mab, se quiser, pequeno homem — Respondeu, como se ele tivesse perguntado — Mas usa-o com cuidado. Seu poder assusta. Quase ninguém o compreende — Sorriu de novo de maneira felina e acariciou a bochecha à outra garota — Embora alguns não o respeitam como deveriam.

— Eu o respeito — Assegurou Nuala — Seria tola se não o fizesse, não é certo?

— E desnaturada — Sim. Desnaturada.

— Mas me desafiaria por causa deste pequeno homem, não é?

Zeke viu como a garota, Nuala, detinha-se. Foi como se ficasse menor, mais serviçal. Ele



quis protestar. Por alguma razão, entretanto, sua boca não funcionava muito melhor que suas pernas.

— Como poderia eu te desafiar, minha rainha? — Disse ela — Eu pediria isso. Rogaria. Acaso não pode escolher os consortes que deseje? Poderia escolher a qualquer mortal que desejasse passar seus dias no claro. Este, entretanto, não o deseja.

— E isso sabe com certeza?

— Sim.

— Que claro? — Perguntou Zeke finalmente — Onde estamos?

“E acaso não te conheço?” Quis perguntar.

A mulher que se fazia chamar Mab o assinalou com uma mão e disse:

— Paciência, pequeno homem — Como se isso fosse quão único merecesse ouvir.

Mab.

Era um nome estranho, mas juraria que o tinha ouvido antes. Em algum lugar antigo. Em algum dos contos que sua cunhada contava a seus filhos, ou nos livros que escrevia sobre folclore irlandês. Em algum lugar...

OH, Deus. Então se lembrou. Mab. Rainha das fadas. Era uma variante do nome de Maeve. Maeve, que se supunha descansava eternamente no topo dessa montanha próxima, sob umas cinquenta mil toneladas de pedra.

Mab se voltou para ele como se o tivesse ouvido.

Sorriu, e seus olhos pareceram tão antigos que Zeke não pôde evitar perguntar se teriam visto os dias de esplendor do império romano, ou falado com os deuses gregos. Ou visto nascer e morrer aos que tinham construído aquele túmulo.

— Ah, não — Respondeu ela — Essa em que pensa é outra. Mais velha, mais sábia e mais poderosa — Nuala e ela inclinaram a cabeça imediatamente, como se estivessem apresentando seus respeitos. Depois Mab voltou a sorrir — Mas ela se foi à Terra do oeste. Onde minha corte viajará logo. Você gostará de estar ali, na terra do sol eterno.

— Parte-se?

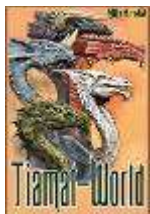
Como podia sentir-se tão triste por perder a alguém a quem acabava de conhecer? De repente Nuala se transformou em algo vital para ele. Como se tivesse esperado toda sua vida a tropeçar-se com ela. Quase literalmente.

— Dói saber isso? — Perguntou Mab, ao que parecia encantada — Não tem por que. Não é, Nuala?

— Deixa-o em paz — Disse Nuala — Por que não joga com outro?

Mab pareceu aumentar de tamanho. Zeke piscou e se perguntou se estaria ficando pior. Alucinando. Parecia brilhar com uma luz escura que projetava uma sombra estranha sobre Nuala. Por um segundo, menos de um segundo, Mab mudou. Sua face se voltou assustadora, seus olhos negros e seus dentes afiados. E seu cabelo se transformou em serpentes. Um pesadelo, uma horrível visão que o fez querer fechar os olhos e fugir dali.

E então, antes de poder acreditar o que tinha visto, desapareceu. E voltou a aparecer a



beleza loira do princípio.

— Agradeceria que não tentasse dar por sentado seu lugar antes que chegue o momento, minha pequena Nuala — Sugeriu a rainha, e a Zeke pareceu que o som de sua voz resultava desagradável.

Sentia medo pela garota. De repente a outra mulher era aterradora. Entretanto, não podia deixar de olhá-la.

— Estou paralisado? — Perguntou para encher o profundo silêncio que nem os pássaros se atreviam a romper.

Com a mesma rapidez, a escuridão abandonou à rainha e esta começou a brilhar de novo. Literalmente, como se o sol se refletisse em sua pele.

— Por que ia fazer algo tão mau? — Perguntou com um golpe no cabelo — Não tem sentido que o consorte de uma rainha seja imperfeito. E acredito que não há nada de imperfeito em você, pequeno homem.

Ao menos Zeke soube que não tinha uma lesão cerebral. Foi capaz de assimilar essa informação.

— Consorte da rainha?

— Um grande privilégio, assim é. Se te escolher, viverá uma eternidade de prazer, de risada e de música. E, é óbvio, viverá comigo para sempre.

Essas últimas palavras convocaram em sua mente um sem-fim de imagens eróticas com coxas lisas e seios perfeitos. Imagens de pecado, sensualidade e sedução. Podia vê-lo com clareza em sua cabeça. Seus corpos enredados em um matagal de membros. Em poucos segundos se sentiu ruborizado, impaciente e ansioso por poder mover-se.

Para ela.

A rainha do olhar sedutor. Essa gente devia ser capaz de comunicar-se sem palavras, porque Nuala voltou a soprar e Zeke teve a desconcertante sensação de que ela via as mesmas imagens que ele. Ruborizou-se de novo. E não se ruborizou desde que visse os seios de Betty Williams no sétimo ano.

— Não está bem escutar conversas alheias — Disse ele tentando sorrir.

Mas não lhe devolveu o sorriso. Estava olhando a Mab com desaprovação no olhar. E, de repente, sem dizer uma palavra, Zeke pôde vê-la com mais clareza em sua mente. Uma pele de manteiga, a peça sobre os ombros. Quase pôde sentir o peso de seus seios nas mãos e a suavidade de seu cabelo sobre sua face. Sentiu uma alegria inesperada e se excitou em questão de segundos.

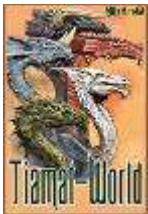
— Já pode parar — Resmungou ele, aliviado por seguir levando postos os jeans e a camisa. Ao menos assim seus pensamentos lascivos não seriam tão evidentes.

— Parar o que? — Perguntou ela.

— Parar de me colocar essas imagens na cabeça. Não necessito ajuda, me acredite.

Pensou que nessa ocasião seria ela que ruborizasse. Entretanto, dirigiu a Mab um olhar inquisitivo.

— Não fiz tal coisa — Disse.



Mab franziu o cenho, e foi como se a luz a seu redor diminuísse.

— Não me faria nenhuma graça — Disse.

Nuala olhou de um lado a outro durante vários segundos. Zeke observou as sardas em seu nariz e desejou as beijar, uma a uma. As acariciar com sua língua. Desejou esticar o braço e percorrer com os dedos o contorno de seu pescoço. Só isso, como se fosse o cúmulo do excesso sensual.

Decidiu que, se ia ter um sonho, melhor que fosse um sonho erótico.

— Não está sonhando, pequeno homem — O informou Mab.

Zeke sorriu assombrado.

— Claro que sim. Te ocorre outra razão para que duas mulheres formosas briguem por mim?

As duas o olharam como se tivesse fogo no cabelo.

E então, curiosamente, Nuala lhe dirigiu um sorriso.

— Não — Disse, como se estivesse dando a razão a um louco — Nenhuma absolutamente.

— Vê? — Perguntou ele levantando uma mão — Agora, se me devolverem as pernas, eu gostaria de jogar uma olhada ao redor. Dado que já estou aqui, ao menos poderei aprender algo sobre as autênticas fadas que viviam aqui. Sou antropólogo. Além disso, minha cunhada nunca me perdoaria se deixasse passar esta oportunidade. Recolher histórias sobre vocês.

— Você não acredita nas fadas — Disse Nuala.

— É meu sonho — Recordou ele — Posso acreditar no que queira enquanto esteja aqui.

— Assim é — Assegurou Mab, mas seus olhos pareciam ocultar um significado mais complexo. Era como se a mesma terra estivesse chamando-o. Agitava-o e o sacudia de maneiras que não podia descrever — Não é sua decisão, pequeno homem.

— Meu sonho — Disse Zeke — Minha decisão.

— Tampouco é sua decisão — Esclareceu Mab — Ela tem responsabilidades que não incluem a você.

Zeke franziu o cenho.

— As fadas têm responsabilidades? Como o que? Varrer os pastos e ordenhar aos unicórnios?

— Ela será Mab — Respondeu a mulher — Não tem tempo para você.

— Mas você é Mab — Disse ele, sentindo-se estúpido.

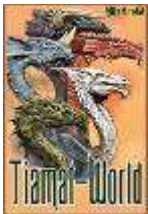
— Devolve-o — Rogou Nuala — Por favor.

— Não — Disse a rainha — Acredito que não o farei. E acredito que eu gosto do desafio.

Como se aquelas fossem palavras mágicas, de repente Zeke recuperou as pernas. Não perdeu um só segundo. Ficou em pé e descobriu que era mais alto que ambas as mulheres. Entretanto, era curioso que ainda sentisse como se tivesse que olhar para cima para ver Mab.

Ao menos podia ter-se em pé. Entretanto, ainda lhe doía a cabeça. E se enjoava ao mover-se depressa. Teria jurado que, em um sonho, a pessoa não era consciente dessas coisas.

— Obrigado — Disse com uma reverência, como se fosse o normal — Agradeço poder usar



meus membros de novo. Viram meu chapéu?

Nula sorriu.

— Temo-me que o deixou atrás.

— Atrás onde? Tinha-o posto quando subi a essa maldita colina.

Mab franziu o cenho de novo. Uma vez mais, a luz pareceu atenuar-se, e uma brisa fria percorreu as costas de Zeke.

— Agradeceria que não desacreditasse meu lar, pequeno homem.

Zeke sorriu.

— Minhas desculpas, mi... Bem, como se dirige um à rainha das fadas?

— Amante — Sugeriu ela, e com essa palavra desatou de novo as fantasias em sua mente.

— E o que te parece algo um pouco menos pessoal? — Perguntou ele.

— Então de momento servirá com “milady”.

— Minha rainha... — Disse Nuala, mas a rainha a interrompeu.

— O que está disposta a oferecer?

— Tudo — Respondeu Nuala sem hesitar um instante.

A rainha arqueou uma sobrancelha. Então sorriu, mas não foi um sorriso agradável.

— Bom, teremos que pensá-lo.

Nuala pareceu voltar a encolher-se.

— Se for o que deseja, minha rainha.

Mab ficou aí de pé durante vários segundos, contemplando. Seu cabelo brilhava e atraía a luz e o olhar. A malha branca de seu vestido ressaltava seus seios turgentes e obrigava o Zeke a olhar.

— Sim — Disse ela — Gosto de um desafio. Considerarei seu pedido, Nuala. Mas deveria pensar bem o que esta disposta a oferecer em troca de sua liberdade.

— Até então, seguirá tendo tempo — Exigiu Nuala.

Mab se deteve um segundo a pensar.

— É o justo. Que assim seja.

Nuala pareceu desinflar-se sem mais, como se o único que a tivesse mantido inteira tivesse sido sua valentia.

— Agradeço — Disse com uma reverência.

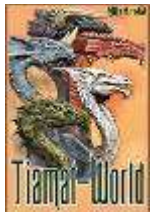
— Agradece-me, o que? — Perguntou Mab arqueando de novo a sobrancelha.

— Agradeço-lhe, mãe.

Mab assentiu, evidentemente satisfeita.

— Isso está melhor — Disse, e sem mais, desapareceu.

Capítulo 03



Então foi Zeke quem ficou olhando.

— Mãe?

Nuala viu esfumar-se afastar-se Mab como se não tivesse pés. Algum dia talvez ela também tivesse a capacidade de fazer isso. Algum dia, quando fosse rainha. Quando se convertesse em Mab.

Não, não o faria. Porque não importava que fosse a filha de sua mãe, pois nunca deveria ter sido a herdeira. Não tinha a presença nem o poder, nem era tão desumana como exigia a uma Mab. Preferia as curvas insignificantes da terra aos esplendores da corte. Ansiava estar sozinha, não rodeada de servidão.

Não importava. Sua mãe finalmente tinha tomado a decisão de levar-se daquele lugar para a Terra do oeste, onde o sol nunca se punha. Quando partisse, aqueles que ficassem veriam como sua nova rainha, fosse merecedora disso ou não.

Mesmo assim, era melhor que ir-se. Não estava preparada ainda. Não estava segura de poder está-lo algum dia. Preparada para não voltar a ver aquele lugar sempre verde, a não escutar aos corvos nem às vacas pastar, nem o sussurro da brisa entre as árvores.

Preparada para não voltar a ver o sol refletido nos olhos de um homem enquanto jogava a cabeça para trás e contemplava o céu no deserto.

— Nuala?

Nuala se voltou para ele e sentiu uma imensa tristeza.

— Sim — Respondeu — É minha mãe.

— Deve ser como crescer com a Marlene Dietrich.

Nuala franziu o cenho, confusa. — Acredito que não sei quem é.

— Já imagino — Disse ele com um sorriso — Não acredito que ponham os filmes da Marlene no Rialto do país das fadas.

— Conheço o John Wayne — Disse ela, e pensou que Zeke era igual de alto, embora mais bonito com sua camisa e seu jeans gastos — Esteve aqui uma vez. Era um homem grande, como você. Ia fazer um filme com um homem baixinho.

Zeke assentiu, evidentemente assombrado.

— Barry Fitzgerald. Estava viva quando rodaram aqui O homem tranquilo? Viu-o?

— O tempo é... Diferente aqui. Sou mais jovem do que aparento.

— Medem as coisas ao contrário que os anos caninos — Disse Zeke, mas ela voltou a franzir o cenho sem compreender — O sinto. É uma brincadeira de humanos.

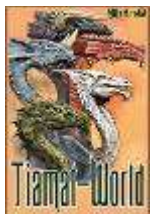
— Mortais — Respondeu ela com um sorriso — Nós os chamamos mortais. Não humanos. Nós também somos humanos.

— Como pode ser isso?

— Bom, não sempre fomos fadas. Fomos humanos, como você. Quer ouvir a história?

— Sou antropólogo. É obvio que quero ouvi-la.

— Então iremos visitar a Ealga. Ela é a contara de histórias. É uma das poucas que ficam e o recordam.



— Preferiria que me contasse isso você — Disse ele lhe oferecendo a mão.

— Por que? — Perguntou ela — Não tenho música em minhas palavras. Não é meu talento.

Sorriu, e Nuala pensou que uma mulher poderia sobreviver só com esse sorriso como alimento.

— Qual é seu talento?

— A harpa — Respondeu — Toco harpa.

— Eu gostaria de ouvi-lo.

Não fazia falta, pensou ela. A música da harpa podia ouvir-se em sua voz. OH, como ia sentir falta dessa voz.

— Fará-o — Prometeu — Teremos música esta noite no banquete.

— Tem um banquete esta noite?

— Temos um banquete todas as noites. Assim são as coisas aqui.

— Mmm — Disse ele com um sorriso — Vejo, mulheres e música. Acredito que vou gostar desse lugar.

— Não acredite — Advertiu ela — Homens melhores que você se perderam aqui e não puderam encontrar o caminho de volta. Não quero que te converta em um deles.

— Por que não? Você não gostaria que ficasse com você?

Foi ela que o viu nessa ocasião; suas mãos fortes e bronzeadas sobre sua pele, sua boca devorando-a, seus dedos enredados em seu cabelo mogno. Pele contra pele; fricção, fusão e fogo. Calor; muito calor. Gemidos e gritos de prazer.

— Não está destinado a viver aqui — Foi quão único pôde dizer — Te destruiria. Destruiria a sua família.

— O que sabe de minha família? — Perguntou ele.

Nuala não pôde evitá-lo. Levantou a mão e lhe acariciou a bochecha, como havia feito antes, como tinha desejado fazer desde que era um menino e o tinha visto naquele celeiro frio e abandonado onde tinha encontrado a seu pai.

— Ah, bem, suponho que poderia dizer-se que é outro dom que tenho. Posso olhar através da água e ver o que está longe. Vi-o ali quando era uma menina.

— Não pode ser. Estava vendo como rodavam “O homem tranquilo”.

— Já disse — Disse ela, afastando a mão — O tempo aqui é diferente. A infância de uma fada é mais longa. Prometo-lhe isso. Nós dois fomos meninos ao mesmo tempo.

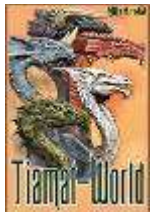
— E você... Viu meu irmão Jake, a Gen, a Lee e a mim.

— OH, sim. Às vezes sonhava com que fossem minha família. Que me sentava a comer com você em torno de uma grande mesa de madeira com uma toalha de quadros vermelhos e brancos. Comia com você e contava a seu irmão Jake o que tinha aprendido esse dia no colégio, e sempre pedia repetir prato. Como o chamavam? Guisado?

Zeke ficou olhando-a assombrado.

— Não pode ser. Não podia querer ter frio e fome a cada minuto de sua vida.

Quis acariciá-lo de novo, mas não o fez. Acabava de levantar essa barreira invisível que às



vezes empregava para manter às pessoas a distância. Para manter-se a salvo, quando em realidade não havia nenhum lugar seguro, nem sequer em seu mundo.

— OH, sinto muito, Zeke. Sinto que seus pais morreram quando eram tão jovens. Sinto muito que tivessem que passar fome durante tanto tempo antes que seu irmão descobrisse a magia daquela terra. Mas você tinha a ele. Tinha a suas irmãs. É afortunado, Zeke. De verdade.

Perguntou-se o que viu Zeke em seus olhos, pois foi ele quem levantou a mão e lhe acariciou a bochecha. E foi ele quem sorriu nessa ocasião.

— Deve ser uma fada — Disse — Nenhuma mulher humana me falaria assim e sairia impune.

— Mortal — Insistiu ela enquanto se perdia no abismo de seu olhar — Já te disse que os chamamos mortais.

— E Ealga me vai contar isso tudo.

— Sim — Respondeu ela.

Deixava-a sem respiração. Roubava-lhe a alma só com seus olhos. Estava fazendo-o de novo, olhando-a como se pudesse capturar seu coração; passar por cima de sua magia e de sua vontade e lhe arrebatara os sentidos.

Sabia que poderia. Poderia fazê-lo só estalando com os dedos. Com um sorriso que fizesse que sua covinha se pronunciasse, que seus dentes brilhassem e que seus olhos verdes perdessem esse tom desconfiado que não se dava conta de que tinha.

Mas, no momento, ficou ali. Não sorriu, nem sequer enquanto estirava a mão pela segunda vez, como se quisesse tocá-la. Pô-la a prova. Descobrir se era real.

Era real. Ansiava poder ter a vida que via naqueles olhos, as lembranças de sua cabeça, a força de seu espírito.

— Quer que vamos? — Perguntou-lhe, e nem sequer reconheceu sua própria voz.

— Não — Respondeu ele — Primeiro há algo que tenho que fazer.

— Sim?

— Quero saber coisas sobre você. Não te conheço?

— OH, bem... — Começou a dizer ela, e olhou brevemente para as sombras do claro no que pequenos seres diminutos passavam suas vidas entre as flores — Isso requer uma longa explicação. Por que não caminhamos? Para quando tiver acabado, estaremos na casa de Ealga.

Zeke olhou a seu redor.

— Suponho que não acontecerá nada. Não me perderei, não é?

— Não mais do que já o tem feito.

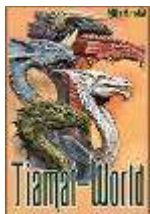
— Nesse caso, vamos — Disse Zeke com outro sorriso.

Nuala franziu o cenho, pois ainda estava preocupada com sua queda.

— Então se sente bem? Não te dói a cabeça? Deste-te um bom golpe.

— Sim, sei. Posso sentir em meu corpo todas as pedras pelas que escorreguei. Mas a cabeça me dói pouco, e já não estou tão tonto.

— E não sente nada mais? Nada inquietante?



— Além de uma grande confusão?

Nessa ocasião, Nuala sorriu.

— Não deve estar confuso. Tudo é muito simples. Subiu a uma colina para encontrar a rainha das fadas e a encontrou.

— Eu já disse que não acredito nas fadas?

— E não te disse que isso aqui só importa a você?

Zeke riu, e Nuala sentiu um tombo no coração.

— Sempre e quando conhecer as regras — Disse ele — Mas terei que me acostumar.

— A que?

— A este lugar. A este sonho. É tão real... Mas não é real absolutamente, o que me faz pensar que posso fazer tudo aqui e não pagar as consequências.

Não foram suas palavras o que surpreendeu a Nuala, e sim seu olhar. O raio de luz que brilhou de novo entre eles. A doce música da paixão que uma fada entendia muito bem. Em um instante, trocariam poemas, promessas, salmos. Nuala voltou a vê-lo entre seus braços, com os olhos abertos, risonhos e incandescentes. Saboreou sua essência e desejou mais. Desejava tudo, como cada vez que se escapuliu para olhar através da água.

Desejava lhe dizer que não acreditasse. Que não se deixasse levar pelo feitiço daquele lugar e que não desse por feito que tudo era possível sem pagar as consequências. Logo partiria, voltaria com sua família, e ela ficaria sozinha para liderar seu clã durante no seguinte milênio com um consorte que não tinha escolhido. Zeke sairia ferido. Ela acabaria destruída e nunca voltaria a ser a mesma.

Mas não podia. Não podia lhe dizer nenhuma palavra. Egoistamente, desejava que se apaixonasse por ela.

Desejava que a olhasse a cada instante, que sorrisse ao vê-la, que sorrisse quando fizessem amor. Queria ser a única mulher de seus olhos, embora só fosse durante o pouco tempo que tinham. Pois ela o tinha amado assim durante muito tempo.

De modo que sorriu, tomou uma decisão e entrou no mundo das fadas.

Se aquilo era um sonho, tratava-se de um maravilhoso. Não só a terra que pisavam era brilhante, doce e verde, mas sim as pessoas que habitavam aquele lugar eram formosas sem exceção. Umas pálidas como a neve, outras escuras como a noite; algumas terríveis de um modo inexplicável. Todas graciosas e de corpo esbelto.

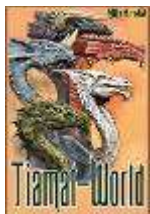
Não era que aparecessem diante ele e se apresentassem. Zeke só as via pela extremidade do olho. Escondidas entre as árvores, camufladas nas sombras. Entretanto, elas o observavam. Ficavam tão quietas que às vezes acreditava haver imaginado.

Mas o observavam.

— Saudações, senhora — Disse Nuala de repente.

Zeke deu a volta e viu como fazia uma reverência a um enorme carvalho.

A árvore se agitou ligeiramente e, diante sua surpresa, fez o que parecia ser uma



reverência.

— E saudações a você, minha filha — Disse uma voz velha e jovem ao mesmo tempo, que lhe fez pensar na primavera, no inverno e no tempo.

— É amiga sua? — Perguntou a Nuala, tentando ver por todos os meios quem tinha respondido. Não podia ter sido a árvore. Por isso sabia, estava no país das fadas, não em Oz.

— Assim é — Respondeu ela com um sorriso — É Ailish, a dríada que habita nesta árvore.

— Uma dríada.

— Sim. Talvez queira lhe dizer olá. Então te recordará, quando retornar. As dríadas cuidam das árvores sagradas nas que habitam. São anciãs, sabias e caprichosas.

Zeke juraria ter ouvido uma gargalhada proveniente da árvore. Firme defensor de “onde for, faz o que vir”, Zeke sorriu e lhe fez uma reverência à árvore.

— Milady Ailish — Disse com firmeza — Seu lar é magnífico e deve albergar um sem-fim de formosos pássaros e animais.

— OH — Disse a voz, e a árvore meneou as folhas suavemente, como uma mulher jogando o cabelo para trás — Tem uma língua de prata.

Nuala sorriu com doçura.

— OH, sim, milady. Isso e muito mais — Seguiu caminhando elegantemente, sem pisar na grama a seu passo — Gostou de você — Disse.

— De verdade? — Perguntou Zeke — E o que acontece as demais? Todas as que nos seguem e nos observam como se fôssemos insetos raros.

— Pode as ver?

— Acaso não deveria?

— Claro, não todo mundo as vê, inclusive aqui. Mas não deixe que se preocupe. Não pretendem te fazer nenhum dano.

— Não, segundo a lenda.

Ela negou com a cabeça.

— Está sob a proteção da rainha. Ao menos de momento, até que diga o contrário.

— Sim, esse é um tema de que deveríamos falar.

— Assim o faremos. Mas primeiro, deveria saber mais sobre nós.

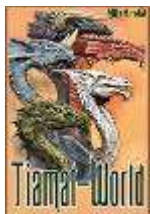
Zeke assentiu, pois se sentia cômodo caminhando a seu lado.

— Dado que sou antropólogo e tudo isso.

Seu sorriso não foi tão brilhante como teria gostado. Mesmo assim era radiante e lhe hipnotizava como uma droga. E de novo podia advertir o aroma de cravo. E algo mais esquivo. Íris? Aliso?

— Dado que é antropólogo.

Zeke lhe devolveu o sorriso. Não podia deixar de olhá-la. Era tão delicada, apesar de ser alta. Suas maçãs do rosto eram altas, seus olhos afiados e seus lábios carnudos. Uns lábios desejáveis. Uns lábios que nenhum homem quereria deixar escapar. Olhos verdes, olhos de bosque, tão profundos e tranquilos que não podia deixar de olhá-los. Um corpo desenhado para



encaixar nas mãos de um homem; esbelto e flexível, embora curvilíneo nos lugares apropriados. Só vendo o rebolado de seus quadris sua boca enchia de água.

Quem desenhasse os vestidos das fadas deveria ser recompensado por sua engenhosidade. Eram vestidos etéreos que se deslizavam sobre seus corpos e realçavam as zonas mais interessantes; eram tudo o que um homem podia desejar.

E quando Nuala balançou a cabeça, Zeke lhe viu as orelhas; e eram tão perfeitas que quis rir. Pequenas, ligeiramente espetas pela parte de acima. Orelhas de fada, como se alguma vez as tivesse visto.

Era o sonho perfeito. Não só tinha encontrado a resposta ao enigma que tinha ido resolver, mas também a resposta se achava na mulher mais formosa que jamais tinha visto. Uma mulher a que acreditava conhecer melhor do que pensava, e a que desejava conhecer mais ainda. Uma mulher com a que desejava deitar-se e falar. E jamais tinha conhecido a uma mulher assim em toda sua vida.

Algum dia teria que aprender a ter sonhos assim em Utah.

— Zeke? Está bem?

Sua voz lhe produziu um calafrio de prazer pela coluna. Outra vez os sinos de vento, embora não soprava por nenhuma parte...

Realmente estava pensando nessas coisas? A única vez que tinha usado um adjetivo em sua vida tinha sido para descrever as condições de vida dos antigos Anasazi. Estava a ponto de ficar a falar com sonetos, e não podia parar.

Piscou, como tentando se enfocar melhor.

— Sinto como se não quisesse te deixar — Admitiu.

O sorriso de Nuala se tornou mais enigmático ainda.

— Claro, é a magia do lugar. Vê-o? O sol brilha, inclusive embora se aproxime a escuridão.

Zeke olhou a seu redor e pensou que definitivamente tinha que ser um sonho. Ou isso, ou tinha batido a cabeça com mais força do que pensava. O mundo a seu redor parecia desfocado, com um brilho estranho. Não podia ver o sol, mas a paisagem o refletia. Não de uma maneira brilhante, e sim sutil, misteriosa como essas sombras que se amontoavam nas curvas da terra. Sombras sedutoras como as mulheres que as povoavam.

— Não chamam a isto o crepúsculo?

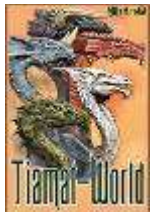
— Se estivéssemos no mundo mortal, sim.

— Não reconheço nada. Deveria haver uma fazenda aqui, e ao menos meia dúzia de montículos de pedra em um raio de dois quilômetros.

Mas só havia um bosque com carvalhos, alisos, aveleiras e endrinos; e pedras cobertas de musgo. Podia cheirar a turfa a seu redor, e a chuva no ar.

— Ah, bom — Disse ela — Não está nesse reino. O reino das fadas está em outro plano diferente; algo que os mortais chamam dimensões. Simplesmente há lugares e momentos nos que é mais fácil cruzar ao outro lado.

— O véu é mais fino aqui?



Nuala o olhou surpreendida e ele sorriu.

— O fato de que escolhesse estudar a América do Norte não significa que não conheça as crenças do local. Ao fim e ao cabo, minha família provinha daqui.

— Sim — Disse ela — Sei.

— Minha tataravó era uma curandeira da Irlanda. Pode que a conhecesse.

— Temo-me que isso ocorreu antes que eu nascesse. O perguntaremos a Ealga.

Mesmo assim, Zeke tinha a sensação de que havia algo que não queria lhe contar. Algo que deveria lhe dizer. Decidiu que não importava. Tinha tempo. No momento, simplesmente desfrutaria de sua companhia e veria o que acontecia depois. Admiraria seu brilho, o aroma da terra e das flores exóticas que a rodeavam. Encheria-se com sua risada e se perderia no mistério de seus olhos. Seus olhos, que tinham a mesma cor que as folhas novas das árvores sobre suas cabeças.

Ao se dar conta disso, Zeke se deteve em seco. As árvores estavam infestadas de folhas. Folhas novas.

Olhou a seu redor e viu que inclusive com aquela luz tênue, a grama crescia por toda parte com uma cor verde amarelada que só aparecia na primavera. Então viu os rododendros e as íris amarelas que abarrotavam a paisagem. Inclusive tinha visto as campainhas azuis e não se deu conta de seu significado.

Ao cair pela montanha, era setembro. Esse carvalho não deveria ter folhas; e as flores de cores deveriam ser uma lembrança longínqua da primavera.

— Quanto tempo levo aqui? — Perguntou, sentindo de repente um intenso pânico.

Nuala sorriu e lhe pôs uma mão no braço.

— Não muito. Nossas estações são diferentes.

— Como pode haver vilurias em setembro?

— Ah, bom. As vilurias crescem aqui sempre. Como então se fariam os chapéus das crianças?

— As crianças? As fadas têm filhos?

— Claro. Como então teríamos adultos?

— Mas pensei que a gente pequena... Quero dizer...

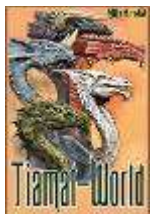
— Ah, entendo. Procura duendes irlandeses, verdade? Uma fada no lugar equivocado e todo mundo anda buscando-os. Os duendes irlandeses vivem no oriente. E tampouco há tantos. Simplesmente chamam mais a atenção.

— Então os outros pequenos que não são crianças... ?

Nuala deu de ombros.

— Acaso não somos tão variados como os mortais? Alguns clãs estão formados por fadas que patinam pela água, e outras vivem em claros e dançam nas flores. Algumas são grandes e ferozes e cavalgam no vento. E as Tuas, que são mais velhas e mais sabias, vigiam-nas a todas. A todas salvo às fadas escuras, claro. Mas disso não se fala.

Zeke a olhou e viu como fazia um estranho sinal com as mãos. Recordou a alguém que se



benzia para proteger do diabo.

— As fadas escuras?

— Não as conhecerá. Não pense nisso.

Zeke assentiu, sem saber bem o que dizer.

— E o resto das fadas? Estarão dispostas a falar comigo?

— Se não quiser as assustar nem as insultar. Recorda. Vivemos na margem do que vocês veem, no crepúsculo, em lugares afastados. Permanecemos aqui, ocultas na terra porque acreditam que os mortais são muito dados à violência e à fúria. Saqueiam os lugares sagrados e não acreditam na magia. Afastam-se do que é formoso e depois, quando se negam a acreditar, perguntam-se por que nos partimos.

Enquanto Nuala falava, Zeke voltou a olhar a seu redor e viu umas pequenas espirais de fumaça elevar-se pelo ar. Era curioso; tratava-se de umas pequenas estruturas de madeira e canavial que pareciam ser casas. Viu animais e crianças, e uma mulher incrivelmente velha sentada frente a um tear em um jardim. E, ao dobrar o arroio, esteve seguro de ter visto um dos apreciados cavalos de seu irmão Jake; o grande Grayghost, inclusive apesar de levar morto tantos anos.

Piscou e se perguntou de onde diabos teriam saído todos; aquela comunidade de seres de orelhas bicudas. Ao vê-los, voltou-lhe a dor de cabeça. Já lhe custava suficiente trabalho assumir a presença de duas mulheres. Ao ver a multidão, sentiu que tudo lhe dava voltas.

— Me diga uma coisa — Disse esfregando-a têmpora esquerda — Vou despertar com o cabelo cinza e descobrir que todos meus familiares e amigos morreram?

Fez-se o silêncio durante uns segundos. Zeke se voltou para a Nuala e lhe surpreendeu ver sua cara de angústia.

— Não — Respondeu ela — A rainha fez sua promessa.

— O que é o que queria dizer?

— Já me conhece muito bem, Zeke Kendall. Ia perguntar se te importaria tanto que fosse assim. Mas não sou eu quem deve perguntar isso nem você quem deve oferecer-se.

De novo lhe assaltaram as imagens; anos sem fim entre os braços de Nuala, deitado nos vales, onde as criaturas pequenas usavam chapéus feitos de vilurias e todas as mulheres conjuravam fantasias sexuais.

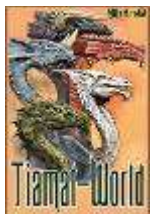
Nuala devia se dar conta. Franziu o cenho e as visões mudaram. Em vez de desfrutar de seu tempo ali, imaginou a si mesmo murchando ano após ano até voltar-se nada. Algo que já não era humano; uma criatura sedenta de sol que jamais poderia encontrar repouso nem paixão.

— Entendo — Disse finalmente. A dor de cabeça estava se intensificando e estava revolvendo o estômago — Então o que acontecerá?

— Até que tome uma decisão, os dois relógios irão ao mesmo tempo e não envelhecerá mais do normal.

— Uma decisão?

— Sim, bom, falaremos disso mais tarde — Disse ela — Quando tiver visto a Ealga e



encontre as respostas que busca.

Voltou a esfregar a têmpora; cada vez estava mais tonto. O estômago lhe dava voltas e acreditou ouvir alguém chamando-o para despertá-lo. A visão de um povoado de fadas não podia o afetar desse modo.

— Zeke?

Continuou esfregando a testa, mas sua visão se nublava cada vez mais.

— Acredito que não me encontro bem — Admitiu, e fechou os olhos, com a esperança de que todos continuassem ali quando voltasse a abri-los. Ou possivelmente desejando que não estivessem. Realmente já não sabia.

— Me olhe, Zeke.

Sua voz parecia peremptória. Forte. Sentiu suas mãos na face. Poderia controlar sua prudência só com as mãos? Poderia Nuala fazer que aquele sonho tivesse sentido, ou pôr fim a aquela sensação de estar caindo para alguma parte? Acaso não tinha acontecido isso já?

E então, de repente, encontrou a si mesmo de joelhos. O mundo dava voltas e parecia que a cabeça ia explodir.

— OH, Deus...

— Zeke? O que acontece? Me fale, Zeke. Por favor, abra os olhos.

Ouvia sua voz na distância. E de repente começou para ouvir outras vozes; sussurros ansiosos e apressados. Mas não conseguia distingui-los. Doía-lhe muito a cabeça.

Então a sentiu. Nuala colocou as mãos em cima para acalmar seu pânico e sua dor.

— Estou sendo castigado? — Perguntou. Ao fim e ao cabo, seus pensamentos não tinham sido de tudo altruístas — Eu prometo. Faça o que tenha feito, não voltarei a fazê-lo.

Podiam as fadas lhe fazer isso? Ele poderia sobreviver?

— Ah, não — Sussurrou ela — Tudo bem. Simplesmente fica deitado e deixa que te cure.

Já estava deitado de todos os modos. Tinha os olhos abertos, mas não podia vê-la. Não podia ver essas colinas verdes nem as nuvens que voavam frente ao sol do crepúsculo. Quão único via era uma luz mortífera que o cegava até que não ficou mais remédio que voltar a fechar os olhos.

— Está segura? — Perguntou apertando os dentes.

— Descansa — Respondeu ela — Descansa um pouco. Ficará bem. Fecha os olhos e todo passará.

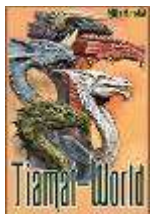
Sua voz era como música que metia na cabeça e se deslizava por todo seu corpo. Esforçou-se por escutá-la, e então começou a acalmar-se e a relaxar-se. Ficou estendido em seus braços e deixou que lhe acariciasse a face com essas mãos mágicas capazes de curá-lo.

— Já está melhor — Declarou Nuala como em uma melodia — Calma. Seu coração e sua alma estão melhor; sua carne e seu sangue se curam; sua dor se vai e volta a luz...

E assim foi. Como se suas palavras curassem, seu coração começou a tranquilizar-se, a dor cessou, o pânico desapareceu e Zeke sentiu que podia descansar.

— Agora dorme — Disse ela — Dorme e eu estarei aqui para cuidar de você.

Tentou. Invocou o sonho enquanto as vozes murmuravam seu nome e Nuala lhe acariciava



a cabeça. Então acreditou sentir uma gota de chuva na face; uma chuva quente e suave. E com a água desapareceram as últimas dores e ficou adormecido.

Aconchegada no tronco do carvalho maior do bosque, a rainha descansava nua sobre o peito de seu último consorte; um jovem fada de cabelo negro e olhos azuis chamado Ardwen que se encarregava das leis da corte; inclusive enquanto agradava a sua rainha e ela agradava a ele.

Não estavam fazendo nada nesse momento. Embora jaziam nus e suas mãos se moviam instintivamente, acariciando-se, observavam a Nuala, sentada com as pernas cruzadas como uma menina enquanto embalava o homem mortal entre seus braços.

— Está esbanjando suas lágrimas de fada nele, acredito — Murmurou Ardwen.

Mab mal moveu uma sobrancelha enquanto observava a sua filha.

— Eu acredito que está mostrando seu novo dom. Não será mau para ela aprender a curar se for converter-se em rainha. Sua gente a necessitará quando eu vá daqui com as maiores.

— Cura porque é um dom ou porque acredita que ama a esse mortal? — Perguntou ele.

— Questiona suas decisões? — Perguntou a rainha com voz suave; tão suave que a árvore que tinham atrás estremeceu. Nunca era bom sinal que a rainha parecesse a calma.

— OH, bom, ainda é jovem — Respondeu Ardwen com olhar de preocupação. Sabia melhor que ninguém que sua posição não era segura, e venerava a sua rainha de maneiras que um mortal jamais poderia compreender — Tem que encontrar a maneira de superar este amor absurdo.

— Assim é — Disse Mab enquanto acariciava o braço de seu amante — Acaso não assegurei que aprenda a fazê-lo?

— Sigo sem entender como permitiu que o trouxesse aqui.

A rainha gargalhou e a árvore estremeceu de novo.

— Acredita que foi ela a que o trouxe aqui?

— Mas por quê? Não deveria estar concentrada no que vai se transformar? Não pode permitir o luxo de entreter-se assim com um mortal.

— É o momento de que fique a prova, querido consorte. Vai ser rainha, e esta rainha tem que saber com certeza do que parece.

Ardwen a rodeou entre seus braços com ternura, para que soubesse que a adorava, não que a constrangia.

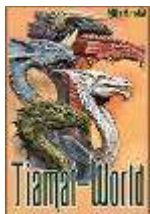
— É sua filha — Recordou. Mab ficou muito quieta — Vai ser rainha.

E Ardwen, que conhecia sua rainha tão bem como qualquer consorte, estremeceu-se junto com a árvore. A garota que embalava aquele mortal adormecido ainda era doce e aberta. Parecia que tinha chegado o momento de que se esquecesse de tudo isso e encontrasse a raiva que impulsionava a uma rainha.

— Assim é — Respondeu sua própria rainha — Assim é.

E, depois de terminar com sua filha, girou-se de novo para seu amante.

Seu amante no momento. A rainha não tinha nenhuma intenção de renunciar o mortal e cedê-la a sua filha. Tinha que ter alguma recompensa por levar o peso de toda a corte sobre seus



ombros, depois de tudo. Mas, no momento, desfrutaria dos cuidados de Ardwen.

Mais à frente, escondida entre as árvores, outras duas fadas observavam Nuala e seu mortal. Ambas tinham um papel importante no futuro de Nuala. Darragh, um homem fada de cabelo prateado e olhos hipnóticos, tinha o poder do trovão em seus dedos e ia ser o consorte de Nuala quando se transformasse em rainha. Tinha sido decidido fazia tempo, quando Nuala e ele ainda brincavam entre as flores silvestres e teciam mantas de trevo, que seu papel sustentaria o dela na eternidade. Ela com sua sabedoria e sua força; ele com o poder das tormentas e da escuridão.

Darragh era uma fada ciumenta. Tinha crescido sabendo qual seria seu lugar, e não estava disposto a perdê-lo por um capricho que a rainha não teria acreditado oportuno arrebatá-lo de sua filha. Ele não tinha nada que fazer com os mortais e sabia que sua rainha tampouco. De modo que ali estava, sentado entre as raízes de um aliso⁵, com o corpo tão quieto que nem sequer os coelhos o advertiam. E observava à fada que seria sua tirar a dor do mortal como se tivesse direito a fazê-lo. Observava como seus dedos acariciavam sua pele, como sua voz celestial acalmava sua dor, como suas lágrimas molhavam sua face. Observava e pensava no que teria que fazer, sobre tudo se Mab decidisse não fazer nada.

Mas então, ao pensá-lo, sorriu. Sabia que Mab não deixaria escapar um mortal bonito. Ele esperaria então que Mab deixasse as coisas claras a sua filha. E, se não o fazia, estaria mais que disposto a fazê-lo por ela. Afinal, ele ia ser o consorte da rainha. Seria seu direito.

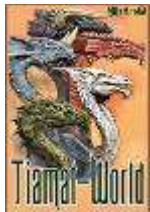
A outra fada que observava Nuala era Orla, uma das leannan sídhe. Era Orla que arrastava os homens à perdição, a que transformava em escravos os homens que ouviam seu canto de sereia e seguiam suas pegadas para o crepúsculo.

Orla era também filha da rainha, mas uma filha ambiciosa. Era ela que devia herdar a corte, não sua irmã. Sabia, e pensava que Nuala sabia também. Orla tinha ânsia de poder. Não tinha piedade. Inclusive possuía a raiva que inspirava uma rainha a lutar, se fosse necessário. Depois de tudo, era ela a que atraía os homens a sua armadilha e depois se desfazia deles. Era ela que tinha ajudado a frear o último ataque das fadas escuras com um simples olhar.

Esbelta como um gato negro, encontrava-se de pé à sombra de uma aveleira cuja dríada observava com apreensão, e pensava que já era hora de que sua rainha se desse conta de que Nuala não era merecedora. Que era seu momento para reinar.

Não importava o que tivesse que fazer, Orla o conseguiria. A final era pelo bem de seu clã. Não podia evitar pensar que provavelmente desfrutasse com os métodos que tivesse que empregar. Sobre tudo se esses métodos incluíam destruir o mortal que Nuala considerava dela. Ao pensar no que isso poderia significar, Orla sorriu. E as árvores se estremeceram até onde alcançava sua vista.

⁵ Árvore de tamanho médio, amplamente distribuída no planalto e encostas orientais dos Andes, perto de fontes de água. Esta árvore fornece uma madeira macia branca altamente valorizada para o fabrico de mobiliário rústico.



Capítulo 04

Zeke abriu os olhos e se encontrou com a criatura mais horrível que já tinha visto em sua vida. E ao longo de sua vida enfrentou a todo tipo de coisas; desde roedores jovens até vaqueiros velhos.

— Maldição.

Instintivamente se separou da coisa e estirou uma mão para defender-se. Era um pouco enrugado, pequeno e de cor noz, com os olhos do azul mais pálido que jamais tivesse visto. Seus dentes eram longos e bicudos.

Pensou que talvez estivesse sorrindo. Ou pondo cara de dor. Não estava seguro. Mas estava ali, a seus pés, com as mãos nos quadris, com o cabelo de uma cor indeterminável que caía sobre as orelhas e quase lhe tampava os olhos.

— Mas o que di... ? — Esclareceu garganta e recordou a advertência de Nuala sobre não insultar às pessoas.

Ao menos acreditava que aquilo fosse uma pessoa. Ainda não tinha falado, nem tinha se movido. Quão último Zeke recordava era a Nuala sustentando-o em seus braços. Bom, isso e outro daqueles sonhos eróticos que implicavam Nuala e a sua mãe. Definitivamente não era algo que fosse perseguir nesse momento. Provavelmente, se fosse preparado. Além disso, tinha problemas mais importantes dos que preocupar-se. Onde estava Nuala?

Estava seguro de que tinha que haver uma explicação perfeitamente lógica; tão lógica como era possível ali. Nuala não partiu. Não havia... Mas não ia terminar esse pensamento. Zeke não ia cair preso de velhos pesadelos, apesar de estar apanhado em um lugar que parecia invocar os maus sonhos. E certamente não ia esbanjar sua energia no personagem de um sonho. Em qualquer caso, despertaria logo. Seguiria com sua vida, como sempre.

— Sinto muito — Disse, e se sentou. Então descobriu que se encontrava em uma espécie de cama. Uma cama suave de lençóis tremendamente brancos e suaves. Hyatt faria um grande negócio se pusesse esses lençóis em suas camas. Cheiravam a ar fresco e a flores. A lavanda e lírios. Algo assim. A cama era o suficientemente larga, o qual resultava desconcertante, pois parecia estar situada sob os beirais de uma dessas estranhas casas de hobbits⁶.

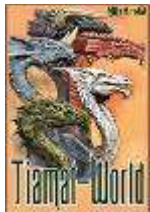
Então se deu conta de algo que deveria ter advertido desde o começo. Estava nu.

— Pode me dizer onde está Nuala, por favor? — Perguntou enquanto tratava de entender o acontecido. A cabeça ainda doía, e se sentia um pouco tonto.

Voltou a olhar para cima e se preparou para ver essa horrível face.

— Pode me dizer o que aconteceu?

⁶ Um **hobbit** é uma das criaturas apresentadas por J.R.R. Tolkien em suas obras (notavelmente O Hobbit e O Senhor dos Anéis), onde têm um papel principal, apesar de à partida serem um povo secundário entre os que habitam a Terra Média.



Não sabia se a criatura falava inglês. Perguntou-se que idioma falaria os trols, e então recordou que aquela gente provavelmente pudesse ler a mente.

— E não o esqueça — Disse a coisa com a voz mais suave e calma que poderia imaginar. Uma voz que prometia bolachas quentes e limonada — Posso te ouvir perfeitamente. E não chame a ninguém “trol” neste lugar, se não se importar.

— Sinto muito.

— Assim que caiu pelo buraco das fadas, homenzinho? — Perguntou a coisa — Vocês os mortais são muito desajeitados. Sempre se encontram com fadas boas e depois não sabem o que fazer com elas.

Uma vez mais, sentiu-se hipnotizado com essa voz, e quase podia cheirar as malditas bolachas no forno. Se fechasse os olhos, podia deixar-se levar por essa voz. Fingir que era a de sua mãe, e isso que mal recordava um momento no que sua mãe não tivesse sido frágil e doente. Se tivesse se mantido sã e forte, entretanto, sua voz teria sido assim. Teria cheirado a lavanda e a sol, em vez de remédios e a decadência.

— Então é... bem... Uma fada? — Perguntou cuidadosamente. Tampou-se com o lençol e tirou as pernas da cama, onde esteve a ponto de bater os joelhos com as gavetas que havia junto à parede.

Assim que suas pernas abandonaram a cama, a estrutura pareceu encolher-se até adotar um tamanho normal... Ou bem, um tamanho hobbit. Agarrou-se ao lençol, por medo de que desaparecesse também.

— Agradeceria que não me chamasse hobbit tampouco — Disse a coisa — Os hobbits são peludos, e não sabem dançar.

— Conhece os hobbits?

— Claro que não! — Respondeu a coisa — Os hobbits não são reais!

— OH, está acordado! — Disse uma voz da porta.

Não precisava levantar a cabeça para saber que era Nuala.

— Quer me dizer o que aconteceu? — Perguntou Zeke.

— Chamou-me hobbit — Disse a criatura.

Nuala riu e Zeke sorriu, embora ainda se sentia desorientado e perdido. E nu.

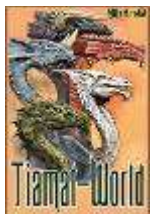
— Ah, Bee, não pode evitar. Nunca antes tinha visto gente como nós. Não acredita em nós, sabia?

— Então como explica que esteja sentado em nossa cama nos insultando? Zeke esfregou a cabeça.

— Inclusive embora acreditasse em... Já sabem, duvido que pudesse explicar tudo isto.

— Deve dizer obrigado a Bee — Assegurou Nuala enquanto se aproximava — É nossa curandeira. Nossa própria bean tigbe. Te trouxe a ela quando... Quando não se sentia bem.

— Logo saberá tudo — Disse Bee a Zeke com um sorriso grotesco enquanto lhe dava um tapinha na bochecha — De momento, vai brincar com a garota. É ela a que te curou, e não estas velhas mãos.



Zeke levantou a cabeça e viu que Nuala ruborizava.

— Não, Bee — Disse — Eu só...

— Sei melhor que ninguém, menina — Disse Bee — Já era hora de que o fizesse. Agora, vai se divertir com o garoto.

— O garoto não tem roupa — Recordou Zeke — Ao menos me deem minhas botas. Eu não gosto de caminhar descalço. Nunca sabe a quantas fadas vai pisar.

Nuala riu.

— Claro, e acredito que nós as garotas o preferiríamos como está agora. Não acredita, Bee?

— Alegrou-me o dia — Respondeu Bee com um sorriso que fez que lhe enrugasse toda a cara.

Zeke fechou os olhos. Era melhor assim. Imaginou a si mesmo de volta na universidade. E ali estava, nu na casa das fadas...

— Agora dê ao homem um pouco de dignidade — Disse uma nova voz atrás de Nuala — Nós exigiríamos o mesmo, não?

Bee soprou molesta.

— Sempre acaba com a diversão com sua consideração excessiva para todos.

Nuala riu e deu a volta; e então Zeke viu quem tinha falado. Outra fada mais pequena e leve que Nuala. Magra como um junco, com olhos afiados e cachos loiros e curtos. Se não tivesse tido posto um incrível vestido azul, Zeke teria jurado que estava olhando a Peter Pan.

— Zeke Kendall — Disse Nuala — Quero que conheça a melhor amiga que uma fada poderia ter. Sorcha, a costureira.

A loira olhou para Nuala com o cenho franzido.

— Sorcha a costureira, que é também sua irmã.

— OH, como ia esquecer me disso? — Perguntou Nuala com um sorriso — Era você a que roubava as mantas quando éramos pequenas.

— E era você que roubava meus primeiros feitiços.

— Jamais teriam funcionado, Sorcha. Não podia permitir que confundisse as palavras e convertesse a nosso ferreiro em um tritão.

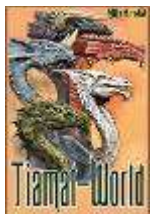
— Isso teria melhorado muito seu aspecto — Respondeu Sorcha com um sorriso.

— Bom, você seria melhor guaxinim que costureira — Brincou Bee — Dê ao homem sua roupa.

Sorcha ruborizou e entregou a roupa limpa e engomada a Zeke.

— Estava tentando fabricar um jogo de roupa imortal como esta — Disse com cara ruborizada, olhando os jeans como se fossem um objeto estranho — Mas não consegui encontrar a forma. Foi Nuala que me convenceu finalmente de que não podíamos esperar mais para te devolver suas coisas. Asseguro-te que só estava usando sua roupa para tomar medidas; não queria te roubar.

Não estava o suficientemente perto para que Zeke pudesse agarrar suas calças, e não lhe ocorria nenhuma maneira de alcançá-los sem ter que soltar o lençol.



— Não se preocupe. Entendo-o — Disse ele.

— Mas está tudo bem — Acrescentou ela com um sorriso — Já o descobriremos. Agora tenho as medidas e você tem tempo.

— Não, não o tem — Insistiu Nuala enquanto tirava a roupa das mãos a sua irmã — A rainha e eu vamos ter uma conversa.

Lançou a roupa a Zeke sem deixar de olhar a Sorchá. Zeke agarrou os objetos e as cheirou. Cheiravam a brisa e a prados. Poderia acostumar-se a isso. Normalmente, sua roupa cheirava a suor, a pó e a restos de fazia milhares de anos.

— Se você não o quiser, posso ficar com ele então? — Perguntou Sorchá em voz baixa — Não seria fantástico despertar junto a ele pelas manhãs?

— Ninguém vai ficar com ele — Insistiu Nuala, e depois se voltou para Zeke como se fosse culpa sua — Vamos. Já não temos nada que fazer aqui.

Zeke ficou ali sentado. As fadas permaneceram de pé.

Finalmente, esclareceu-se garganta.

— Bem, não sei como funciona em seu mundo, mas no meu um homem desfruta de um pouco de privacidade para vestir-se.

As três sorriram.

— Não teve intimidade quando o despimos — Recordou Nuala com um brilho pícaro no olhar.

— Então estava inconsciente — Disse ele — Por alguma razão, não é o mesmo.

Bee riu com tanta força que lhe tremeram as orelhas.

— Pois espero que não esteja aqui durante os festivais — Disse — Lhe daria um ataque. Zeke franziu o cenho.

— É mortal, Bee — Disse Nuala — Eles são muito mais tímidos que nós.

— Eu não me escondo sob as pétalas das flores — Grunhiu Zeke.

— E eu não estou acostumada a levar tanta roupa — Disse Nuala, e olhou seu jeans — Poderia se afogar com esse tecido.

— Esse tecido me protege das arbustos.

— Bom, ao menos deixemos que fique até o Samhain — Insistiu Sorchá com outro de seus sorrisos ardesse — Com certeza que não sou quão única ofereceria autêntico ouro para vê-lo dançar ao redor de uma fogueira como Deus o trouxe para o mundo.

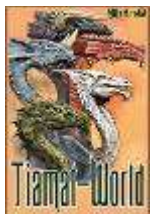
— Pode apostar o que quiser — Disse Zeke, e se agarrou a sua roupa, pois sentia que o lençol ia encolhendo cada vez mais — E podem deixar de brincar com o lençol, se não se importar.

Em um instante, o lençol voltou a esticar-se e cobriu todo seu corpo.

— Agora, se me derem um minuto — Disse assinalando para a porta — Bem, será melhor que nos rendamos — Disse Nuala enquanto acompanhava às outras à porta — Com o que nos custou lhe tirar essa coisa azul das pernas, imaginem o que custará voltar a pô-la.

— E o que me diz dessa coisa que usa em baixo? — Perguntou Bee — Para que são?

— Ouvi que o chamam boxers — Disse Sorchá — Parece que é algo com o que os mortais



estão obcecados. Boxers ou cueca.

Por sorte para de Zeke, a porta se fechou nesse momento e por fim obteve a comodidade suficiente para colocar a roupa. Para falar a verdade, nunca tinha pensado tanto na roupa. Simplesmente era algo que o mantinha quente no inverno e fresco no verão. Mas tinha que admitir que, frente a aquela gente, sentia-se agradecido por levar os jeans como barreira protetora. Por não mencionar a camuflagem. Sentado na cama, tinha estado pensando todo o momento na pouca roupa que levava Nuala, e a verdade era que o lençol não teria sido suficiente para evitar ficar morto de calor.

Depois de atar os cordões, ficou em pé, embora manteve a cabeça agachada para não golpear-se com o teto. Caminhou para a porta. Obviamente tinha reunido muita gente em torno da casa de Bee para ver o mortal. Quando abriu a porta, todos se dispersaram como folhas no vento.

Literalmente.

Zeke não pôde evitar ficar olhando. Tinha visto às pessoas sair correndo quando se sentia ameaçada, mas nunca a tinha visto voar. Nem desaparecer de repente. Só ficavam Nuala, Bee e Sorchia.

— As pessoas se move aqui com muita rapidez — Murmurou ele.

— Estavam preocupados com você — Assegurou Nuala.

— Não. Sentiam curiosidade pelo mortal que se ficou apanhado em seu mundo — Disse ele.

— Ah, bom, isso também.

— De acordo então — Disse Bee — Vamos. Não há razão para seguir em casa de uma curandeira quando o problema já está resolvido.

Zeke sorriu e se inclinou para dar um beijo à curandeira na bochecha.

— Obrigado por sua ajuda.

Bee lhe deu um pequeno empurrão, mas mesmo assim ruborizou.

— Essa é a maneira de dizer obrigado a alguém — Informou a Sorchia.

— E eu como ia saber? — Disse a loira — E eu que tinha passado toda a tarde me ocupando de sua roupa. Toda a tarde...

De modo que Zeke teve que agradecê-la de igual forma.

— Obrigado por limpar minha roupa. Nunca tinha cheirado tão bem. E foi um gesto agradável tentar me pôr o uniforme local. Mas tenho a sensação de que não estou feito para isso.

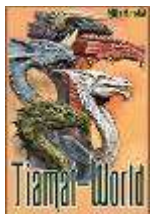
— É o que tentava lhes dizer — Disse Nuala.

Sorchia ainda estava ruborizada depois do beijo de Zeke.

— Cabelos no rosto — Disse com uma risada — É algo ao que poderia me acostumar. Está segura de que não podemos ficar com ele Nuala?

— Vai brincar com o mortal de outra, Sorchia. Este vai para casa.

— OH, está bem — Disse Sorchia — Estaria agradecida se voltasse a se sujar, mortal. Suponho que, cada vez que limpe a roupa, receberei outro beijo... Algo que desfrutarei



enormemente.

Zeke não recordava a última vez que havia se sentido tão encantado.

— Realmente passa seu tempo cortando padrões e costurando? — Perguntou-lhe.

— OH, é muito mais complicado — Disse Nuala, e dirigiu um sorriso a sua irmã — Nossos objetos refletem; refletem nossos dons, nossas forças e espíritos. É Sorchá a que se encarrega disso. A cor, o material, a estrutura. Encarrega-se de cada nascimento, de cada posta de comprimento. É a guardiã das pedras.

— E sabe falar sozinha — Disse Sorchá com as mãos nos quadris.

— Mas nunca diz suficientes coisas sobre si mesma. Não é, Bee?

— Nenhuma das boas o faz, menina.

— E vê Nuala vestida de azul esverdeado? — Perguntou Zeke.

— Acaso você não? — Perguntou Sorchá com um sorriso ardente — Nossa Nuala é um espírito estranho, e seu traje tem que ser brilhante. É a cor de sua vista, de sua mente, de sua música. Especialmente de sua música.

— Então por que a rainha veio de branco? — Perguntou Zeke — Não quero ofender, claro, mas não acredito ter conhecido nunca a ninguém que renda menos com essa cor.

— Ah, bom, o branco é a cor real neste local. Não tem que ver com sua personalidade.

— Assim trocou de roupa pelo posto?

Sorchá sorriu e assentiu.

— A maioria de nós nascemos com nossas cores e nossas pedras. Vê os anéis que usamos? Cada um tem diferentes pedras que refletem a força da que as leva.

— E qual era a cor de Mab antes de ser rainha?

— Vermelho — Respondeu Nuala.

Zeke assentiu.

— Isso tem mais sentido — Disse — E que cor sou eu?

— Esse é o problema — Disse Sorchá — Acredito que você é justo a malha que usa, e essa malha não é própria das fadas absolutamente.

— Sim — Concordou Zeke — Provavelmente os tecidos de aranha e os raios de lua não ficassem bem.

Sorchá riu uma vez mais.

— Bom, espero ver os dois esta noite.

Nuala deu um beijo a sua irmã.

— OH, ali estaremos. E tenho a sensação de que a rainha também virá.

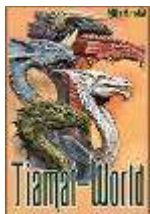
— Então será melhor que me prepare — Disse Sorchá — Não haverá um só assento vazio, e eu quero um assento concreto.

Nuala sorriu a sua irmã, mas Zeke viu tristeza nos olhos de ambas.

— E agora o que? — Perguntou a Nuala quando Sorchá desapareceu pelo atalho.

Ela sorriu e começou a caminhar.

— Agora procuraremos um lugar para descansar até o banquete.



— Já descansei.

— E muito, mas não acredito que venha mal fazê-lo um pouco mais.

Sem saber o que outra coisa fazer, Zeke a seguiu. Foi então quando olhou a sua redor pela primeira vez desde que saiu da casa do Bee. Nesse instante se deteve, assombrado. Estavam no meio do grupo de casas que tinha visto antes, com a fumaça saindo das chaminés e flores por toda parte. Havia gente ocupando-se dos jardins, e gado nos pastos. Antes pensava que o tinha imaginado.

— É um povoado — Anunciou Zeke, como se Nuala não soubesse já.

— Claro que é um povoado — Disse ela com uma gargalhada — Onde acredita que vivemos? Sob a chuva?

— Bom, sim. Suponho que sim. Nas pétalas das flores, esse tipo de coisas.

— Bom, há quem faz justo isso. As fadas das flores, e não se importam com a chuva. Mas nós vivemos comodamente como qualquer.

Zeke ficou ali parado, em metade do caminho, distraído pelas criaturas a seu redor.

— OH — Foi quão único pôde dizer, e voltou a esfregar a têmpora para encontrar sentido a todo aquilo.

— Encontra se bem? — Perguntou Nuala.

Zeke se voltou e a viu com o cenho franzido. De repente não pôde suportar a ideia de vê-la preocupada, e sentiu a necessidade de lhe acariciar a testa para apagar suas rugas. Embora não o fez.

— Estou bem — Assegurou, embora a cabeça ainda doía um pouco, e outra vez ouvia essas vozes na distância, como uma rádio que alguém tivesse deixado ligado — Como acabei em casa de Bee?

— Ah, bom, bateu a cabeça ao cair por essa colina. Você mesmo o disse. Necessitava um pouco mais de tempo para descansar, nada mais.

— E quanto tempo estive assim? Descansando, quero dizer.

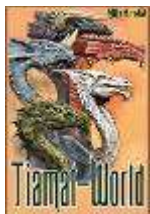
Então Nuala sorriu.

— Bom, aqui não sentimos a necessidade de medir o tempo como fazem em seu mundo. Era cedo quando chegou aqui. Agora está a ponto de anoitecer. Estarão preparando o banquete.

Zeke olhou a seu redor para calibrar a luz e tentar medir o passado do tempo. Mas era impossível naquele lugar. Se não podia ver o sol, como ia medir sua trajetória? Quão único sabia era que a luz que parecia impregnar aquele lugar se suavizou e parecia mais dispersa. Resultava mais difícil ver todos os habitantes, embora sim via crianças por toda parte; meninos fada que brincavam até o último minuto do dia.

Esses meninos fada, brilhantes como o sol, com olhos inteligentes e risadas encantadoras. Loiros, morenos e ruivos; todos com as orelhas bicudas. Todos observando-o como se fosse o último em vídeo games. E, ao igual a ocorria com os meninos de todo o mundo, sua atenção não durava.

Salvo em um deles. Um menino pequeno com cabelo avermelhado que parecia brilhar na



semi escuridão e que tinha os olhos mais escuros que jamais tinha visto. Durante uns segundos, o menino simplesmente ficou aí, vestido com uma espécie de túnica e malhas em tons verdes e azuis. Ficou tão quieto que, por um momento, Zeke se perguntou se realmente estaria ali. Seus olhos eram escuros, e pareciam muito vivos para um rosto tão jovem. O menino franziu o cenho, como se estivesse tentando decifrar algo. E então, como um raio de luz, sorriu. Assentiu e, sem mais, deu-se a volta.

Zeke se surpreendeu para ouvir a Nuala suspirar junto a ele.

— O que? — Perguntou, e viu que ela também estava olhando ao menino.

— Nada — Respondeu Nuala.

— Não me parece isso. Quem era esse?

— Kieran. Às vezes nos emprestam ele.

— Emprestam-lhes? — Perguntou Zeke — Quer dizer que não é uma fada?

— OH, sim — Respondeu ela — Uma encarnação de dois mortais que não sabiam que tinham o sangue.

— Mais ou menos como um traço recessivo? Que curioso.

— Ele será nosso próximo profeta — Disse ela.

— Seu o que?

— Cada determinado tempo, quando mais se necessita, as fadas são bentas com um profeta. Um grande dom, mas também uma carga muito pesada. Não tivemos nenhum desde que vocês os mortais descobriram a eletricidade. Não sabe o que significa isso para o espírito de uma fada. Agora chegou o momento de novo. E, a primeira vez que vimos Kieran, soubemos que era ele. Só tinha três anos, e ali estava, nos vendo na metade do dia. Assim que seus pais estiveram de acordo em compartilhá-lo, para que nós lhe ensinássemos tudo o que precisava saber. Mas ele deve escolher se ficar ou partir.

— Um profeta. E o que é o que vê?

— O passado. O futuro. O padrão.

— O padrão?

— Onde tudo encaixa; este mundo e o seu, e todos outros.

— Outros? — Perguntou surpreso.

— Bom, pode que isso seja algo para o que ainda não está preparado — Respondeu Nuala com um sorriso — Por que não deixa que primeiro lhe tratemos com atenção com nossa comida e nossa música? Depois, poderá fazer todas as perguntas que queira.

— Mas primeiro me diga por que assentiu com a cabeça.

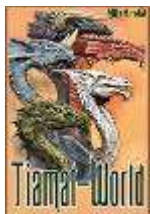
— Ah, bom, isso é simples. O menino leva muito tempo afastado do basquete. Querirá te perguntar resultados e coisas do tipo; e sobre uma equipe chamada os Knicks.

— Basquete?

Nuala sorriu.

— Adora. Mas te encontrará quando o desejar.

Havia mais coisas que não dizia. Zeke queria perguntar-lhe mas ao ver seu rosto sereno se



decidiu. Não faria nenhum bem. Aquelas fadas eram inescrutáveis.

Além disso, Nuala tinha começado a caminhar de novo entre as casas e as árvores.

— E deveria comer a comida das fadas? — Perguntou enquanto a seguia — Ouvi que não é boa ideia. Ao menos para os mortais. Nuala assentiu.

— Em circunstâncias normais, não quereria que comesse nada aqui. Mas a rainha te deu sua proteção. Desfrutará dela. Poucos mortais conseguem provar estes manjares e retornar para contá-lo.

Zeke não podia deixar de olhá-la. Não podia imaginar como conseguiria manter as mãos afastadas dela. Sua pele brilhava com a luz tênue do sol, como se o brilho saísse de seu interior. Seus olhos eram profundos e misteriosos. Seu cabelo; OH, seu cabelo. Desejava tocá-lo, enredar os dedos nele e cheirar sua fragrância.

Desejava-a em todas as maneiras imagináveis. E ali de pé, na metade da rua principal de Vila Fada, de repente não entendia por que não podia tê-la.

A Zeke adorava as mulheres. Todas. Qualquer. Gostava de seu mistério, seu aroma, seu sabor. Nunca antes tinha questionado uma atração. E sabia por experiência que nada aumentava mais o prazer das mulheres que a paciência. Poderia ser paciente com sua princesa fada, se isso significava passar mais tempo com ela.

— E você? — Perguntou — O que você gosta? Qual é sua história, Nuala? Acredito que ia perguntar isso antes, mas nos distraíram.

— Assim é — Respondeu ela sem olhá-lo. Em vez disso, sorria aos meninos e saudava com a cabeça aos que passavam por eles — E agora não tenho muita história. Vivi aqui toda minha vida. Apreendi a tocar o harpa graças ao mesmo Agheam, que é o mestre de harpa das Tua, e aprendi a ver o futuro nos cristais; embora nisso sou autodidata. E...Bom, preparei-me para quando Mab abandone estas costas para não voltar.

— Realmente vai partir?

— Sim. Partirá quando chegar o momento, e levará aos anciões consigo.

— E quantos ficarão aqui?

Nuala deu de ombros.

— Ainda ficarão muitos. Os suficientes para seguir cativando as pobres mortais durante anos.

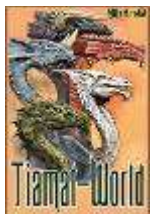
— Me alegre — Disse ele, porque em um sonho não lhe custava nada acreditar em tudo aquilo — Me alegre de que algumas fiquem. O mundo seria um lugar muito triste sem um pouco de magia.

Nuala parecia sentir quão mesmo ele.

— Sim — Sussurrou, como se fosse uma carga — Assim é. Embora aqui também há escuridão. Não é bom idealizar nenhum lugar nem a nenhuma pessoa.

Zeke a olhou e viu que tinha o olhar perdido na escuridão. Pensou que jamais tinha visto nada tão formoso em sua vida.

Desejava tocá-la. Abraçá-la e fazê-la rir. Queria explorar essas visões que tinha tido de seus



seios, suas coxas e sua língua.

Nuala se voltou para ele; e as imagens retornaram.

Seu cabelo caindo sobre seu peito enquanto se inclinava sobre ele, seus seios turgentes roçando sua pele, seus olhos brilhantes e sua voz carregada de desejo. Juraria que podia sentir seus dedos deslizando-se por sua pele. Ficou ali de pé, sem nem sequer tocá-la, e soube que podia saborear o mel em seus lábios.

E soube além que ela também podia saboreá-la. Se obscureceram os olhos e levantou as mãos, brevemente, como se tentasse capturar o raio de luz que brilhava entre eles.

— O que está fazendo? — Perguntou ele.

Ela negou com a cabeça sem deixar de olhá-lo nos olhos.

— Eu ia te perguntar o mesmo. Eu nunca fiz...

— Nunca?

— Desta maneira — Explicou ela — Nunca vi... Nunca saboreei...

Zeke assentiu, como se o compreendesse.

— Então esta não é a maneira habitual de cortejo entre as fadas?

— OH, não — Respondeu ela rindo — Me parece que não.

— Tenho que te beijar.

— Sim — Disse ela, e simplesmente assentiu.

Zeke se inclinou para ela e viu como suas pupilas se dilatavam. Ouviu sua respiração entrecortada e sentiu a seda deslizando-se por seus braços enquanto a abraçava. Viu como fechava os olhos, e então a beijou.

Suavemente, como em um sussurro. Sabendo que, se aprofundava mais, estaria perdido.

Embora já o estivesse. Uma vez, estando na metade de um deserto perdido, viu-se apanhado em uma tempestade elétrica. Sem chuva. Four Corners era um local muito seco para isso. O ar se carregou de eletricidade a seu redor e pôs os pelos em pé.

Foi o mesmo que sentiu nesse momento. Como se, se abrisse os olhos, fosse ver um raio no céu.

Ouviu um pequeno gemido e soube que era Nuala, assim que a abraçou com mais força. Abriu-lhe a boca com a língua e a saboreou de verdade pela primeira vez.

Sabia que seria como o mel, e assim era; como o mel, misturado com a fumaça e o cravo. Era um sabor misterioso, enlouquecedor; mas não se importava. Não podia se importar. Se fosse, teria que deixá-la ir.

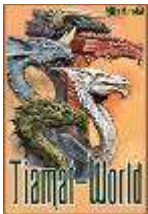
E não podia deixá-la ir.

— Perdoem — Disse uma voz.

Nuala ficou rígida. Durante um segundo, Zeke ficou quieto, pois não queria romper o contato — Nuala!

Nuala deu uma cotovelada. Zeke se afastou, sem deixar de pensar que só seria um momento. Não, seria toda uma vida, mas poderia esperar que passasse a interrupção.

— Darragh — Disse Nuala com voz tremula.



Isso fez que Zeke abrisse os olhos e se encontrasse com um homem fada frente a ele. Tinha o cabelo prateado e uns olhos escuros. Sua túnica era de cor cinza, e fazia jogo com seu semblante.

- Podemos te ajudar? — Perguntou Zeke finalmente.
- Não, mas possivelmente eu a vocês sim — Respondeu ele.
- Darragh, deixa-o em paz.
- Acaso quer ter outro consorte, Nuala? Tanto o deseja para se expor na metade da rua?
- Não é assim — Protestou ela — Partirá logo. A rainha se encarregará disso.
- Melhor assim — Respondeu Darragh — Seria uma pena ter que nos desfazer do rapaz.
- O rapaz? — Perguntou Zeke.

Mas Nuala pôs uma mão no braço para detê-lo.

- Vá, Darragh. Vá procurar seu lugar no conselho e recorda quem é.
- Recordo-o perfeitamente. É você a que parece ter se esquecido.
- E, sem dizer uma palavra mais, deu-se a volta e partiu.
- Que tipo tão agradável — Disse Zeke com sarcasmo — Quem é?
- Bom — Disse Nuala — Em termos humanos, suponho que é meu marido.

O jovem Kieran O'Driscoll se apresentou diante a rainha das fadas sem temor, pois ele era o único bardo que podia dizer a verdade.

— Diga o que tenha que dizer, pequeno — Ordenou a rainha ficando em pé — Diz que retornou para me falar sobre o convidado de Nuala.

— Sua chegada pode desencadear a perdição para as Tuas, milady — Disse o menino — Ele atrairá às Dubhlainn Sidhe.

Foi uma frase que deveria ter feito que à rainha tremessem os joelhos. Nada era mais temido que as Dubhlainn Sidhe, que cavalgavam sobre o vento e semeavam a destruição a seu passo.

- É uma advertência muito direta — Disse ela — Sugere que o devolvamos a seu mundo?
- Já é muito tarde. Tudo começou no momento no que o trouxeram aqui. Pode que seja o catalisador para uma grande guerra das fadas.

A rainha arqueou uma sobrancelha.

— Espera que aceite isso sem mais?

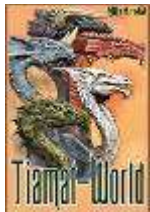
O menino ficou olhando a sua rainha durante vários segundos com expressão de gravidade.

— Isso espero, pois faz tempo que sabe, milady, que este seria o único desenlace possível depois de que não ajudassem às Dubhlainn Sidhe a recuperar a pedra de Dearann quando se perdeu pela primeira vez.

— Não te ocorra tentar disciplinar a rainha das fadas — Disse a rainha.

O menino não estremeceu, apesar da diferença de tamanhos.

— Só penso em cumprir com meu dever. Chegou a hora, milady, como estou seguro de que já sabia que ocorreria. As Tua correm um grande perigo.



— Por culpa das Dubhlainn Sidhe.

— Elas virão.

— E não posso as deter?

— Talvez pedindo uma trégua — Disse o menino — Trabalhando com elas para restabelecer a ordem.

— Elas não querem ordem — Respondeu a rainha — Querem meu poder.

O menino simplesmente manteve o silêncio. A rainha olhou para as verdes colinas, como se pudesse ver as Dubhlainn Sidhe aproximar-se a lombos de seus corcéis de olhos de fogo. Ficou tão quieta que parecia ser feita de pedra. Finalmente, olhou o profeta fixamente.

— Pensarei-o — Declarou.

— Depressa — Rogou Kieran — Por favor.

Capítulo 05

Nuala introduziu Zeke no salão do banquete justo quando começavam a soar os primeiros acordes da música. Sabia que seriam os últimos em chegar, mas pensava que, quanto menos tempo tivesse que suportar Zeke os olhares curiosos, melhor. Já ia ser suficientemente difícil enfrentar a rainha. Sobre tudo depois de que Nuala tivesse passado tanto tempo tentando explicar a Zeke como seria sua vida no futuro.

— Ele é seu o que? — Tinha perguntado Zeke depois de seu encontro com o Darragh.

— Foi escolhido para mim — Tentou explicar ela — Quando nascemos. Ele será o consorte quando eu for Mab.

— Eu não brinco com mulheres casadas — Disse ele, como se sentisse traído.

Ela já sabia. Por frívolo que fosse em seus afetos, nunca tinha pretendido fazer mal a ninguém. Era seu código de honra particular.

— Não é como em seu mundo, Zeke — Tinha tentado explicar — Nós... Darragh não tinha direito a te acusar. Não tem direito até que Mab não parta.

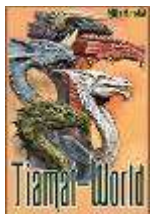
— Você disse que era seu marido.

— É o mais próximo que me ocorreu para descrevê-lo. Uma rainha tem que ter um consorte. O primeiro se escolhe. Mas ela pode escolher a outros.

— Ao mesmo tempo?

— E até o momento de sua ascensão, pode fazer o que desejar.

Tinha pensado que a ideia seria atraente a Zeke. Afinal, através da água não só o tinha visto no rancho. Quando estava em uma escavação, Zeke era um ermitão. Mas, enquanto isso, tinha desfrutado muito dos favores das mulheres. Mulheres formosas, mulheres tímidas, mulheres doces, mulheres espertas; todas embevecidas com seu sorriso e rendidas a suas carícias. Todas esquecidas depois de uma breve aventura.



Tinha imaginado que ele o compreenderia.

— Então está praticando até o grande dia? — Perguntou ele.

— Pensei que você gostaria de um interlúdio, Zeke. Depois de tudo, não ficou com nenhuma mulher, não é certo?

— O que tem isso a ver?

— Acaso pergunta às mulheres mortais às que seduz se planejam casar-se com alguém? Se acaso tiverem a alguém com quem podem estar ligeiramente comprometidas?

— Está me dizendo que quer uma aventura de uma noite?

— Afinal não temos muito tempo, Zeke. Você voltará e eu serei rainha.

Durante vários segundos, Zeke ficou ali, olhando-a, com as mãos nos bolsos de seu jeans e os ombros encurvados, como se estivesse defendendo-se de algo. Finalmente, negou com a cabeça.

— Tenho que pensá-lo, Nuala.

Nuala assentiu, porque sabia que, quando o pensasse, daria conta de que isso era justo o que desejava. O que sempre tinha desejado. E apesar de que ela desejava algo mais dele, era o suficientemente egoísta para conformar-se com isso.

— É o único que peço — Disse — Enquanto isso, não seria fantástico poder desfrutar do banquete?

E, antes que Zeke pudesse dizer uma palavra mais, conduziu-o para as mesas.

Cada dia de sua vida, Nuala tinha entrado naquele salão mais ou menos à mesma hora, quando a luz desaparecia e o mistério se apoderava de tudo. Conhecia-o como seu próprio nome. Mas viu como os olhos de Zeke se iluminavam e foi como ver o lugar pela primeira vez. E teve que admitir que era avassalador.

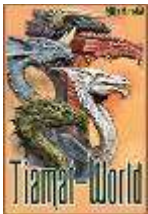
O salão era grande e comprido, com tetos altos; um palácio arqueado formado por árvores vivas, cujos ramos e troncos formavam as paredes. A luz do fogo e a da lua brilhavam nas faces dos presente e se refletia nos espelhos. As mesas estavam cobertas de flores e a música se elevava até o teto. O chão, feito de cristal, brilhava com a luz das fadas que passavam por cima.

OH, as fadas. Não todas elas, claro, pois não caberiam todas juntas, nem desejariam estar ali, tendo salões próprios. Só as favoritas da rainha, o que significava que os assistentes podiam conversar a vontade.

As Tua de Dannan, é obvio, altas e magras, vestidas com as elegantes túnicas de Sorchá. Os duendes e as fadas do bosque, as Daoine Sidhe e a Corte de Seelie, que caminhava em procissão pelas colinas para que os mortais pudessem as ouvir. Elfos ourives e gnomos caldeireiros. A sala vibrava com o som das risadas e das taças.

Nuala adorava aquele lugar, que enchia de vida os que entravam nele. Adorava as distintas filas de fadas que se reuniam ali, sem importar quão ruidosas pudessem ser. Adorava a comida, a luz, a música e o baile. Inclusive desfrutava vendo a Mab, sentada à mesa principal com seu vestido de seda e sua coroa de luz de estrelas; com o Ardwen a seu lado.

Sobre Mab se escrevia odes, obras e sinfonias. Mas nenhuma tinha conseguido expressar



sua elegância, sua beleza nem sua atração. Nenhuma fada ou mortal podia suportar sua ira nem conquistar seu coração. Mab era rainha. Era tudo o que o homem tinha imaginado e muito mais.

E ali estava, sentada com retidão, com o cabelo brilhante e a túnica branca como a neve; com joias que adornavam suas mãos, seu pescoço e seus pulsos. Esmeraldas e pedras lunares. Essas eram as gemas pessoais da rainha. Essas e a gema do estado que adornava sua coroa. A grande pedra, Coilin, a masculina, que brilhava como o sangue sobre seu cabelo.

Junto a Mab se encontrava Sorchá, com um vestido azul e uma capa prateada. Seus cachos dourados estavam recolhidos no alto da cabeça e deixavam ver as opalas que adornavam seu pescoço. Saudou Nuala com a mão e fez gestos para que se sentassem junto a ela, na mesa de Mab. Nuala o considerou, apesar de que Darragh estava sentado perto.

Mas sabia que Mab nunca o permitiria. Mab tinha um novo brinquedo com o que jogar, e nunca o deixaria sozinho. Além disso, a outra irmã de Nuala aguardava além desses dois assentos vazios, e nesse momento Nuala não estava de humor para aguentar o sarcasmo e o ressentimento de Orla.

De cabelo negro, vestida em cor carmesim e dourado, com diamantes no cabelo e quartzo nas joias, Orla observava Nuala como uma leoa observava a uma manada de gazelas; esperando o momento de fraqueza para atacar e ganhar o trono que tinha sido prometido a sua irmã. O que Orla não compreendia era que Nuala cederia gostosamente o papel de rainha. Ela temia o dia em que o navio de Mab zarpassse.

O que Nuala não podia dizer a ninguém era que, por muito que adorasse aquele lugar e a aquelas pessoas, não pertencia a aquele mundo. Nunca o tinha feito. Ela podia cheirar a turfa do terreno além de seu reino. Podia ouvir o som da vida no interior da terra e saborear sua substância na brisa. Tinham-lhe dado delicados vestidos de fada para usar, e entretanto ansiava sentir a fricção dos jeans de Zeke. Desejava sentir a aspereza do próprio Zeke.

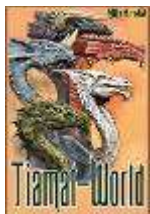
Tinha-a visto nele, é obvio, na água através dos anos. Tinha visto o pelo dourado em seu peito e em seus braços, que frequentemente brilhava com o suor enquanto trabalhava nas escavações. Os calos em seus dedos e em seus pés descalços. As cicatrizes que adornavam dedos e cotovelos. Tinha desejado sempre explorar essas cicatrizes com os dedos, deslizar a língua por seu corpo como se fosse uma fruta proibida.

Os homens fada eram formosos, claro. Tinham as mesmas partes que um humano. Darragh, seu consorte, tinha uma face e um físico que podia enfeitiçar a mulheres de qualquer raça. Mas os homens fada eram suaves e sedosos. Como seu mundo, eram etéreos. Não estavam feitos para criar fricção.

Quando tinha ajudado a despir Zeke aquele dia, Nuala tinha ficado surpreendida ao vê-lo. Seu tamanho. O brilho de seu suor. Tinha estirado a mão e tinha acariciado o peito, deixando que seus dedos saboreassem o tato de seu pelo e a força de seus músculos. Ficou assombrada.

Ela não pertencia a aquele lugar. Como podia pertencer se desejava coisas que não eram para ela?

Mas não era decisão dela. Nem de Orla. A rainha, o profeta e o conselho falavam no mundo



das fadas. E, desde o dia em que entregaram a Nuala suas pedras, seu futuro tinha ficado escrito.

Mas ali estava Orla, sentada, observando a porta para ver quando aparecia sua irmã. Quando viu Zeke, sorriu com malícia. Umedeceu os lábios e o olhou como se fosse sua presa. E, embora Nuala tivesse ignorado a Orla todos esses anos, nessa ocasião não pôde controlar-se. Estava cega de ira. Mas não fez saber Orla, pois seria como dar a oportunidade de saltar.

— Que lugar vocês têm aqui — Disse Zeke.

— Ah, bom, nós gostamos de chamá-lo lar — Disse Nuala.

— Faz que todas as lendas empalideçam em comparação.

— Bom, uma rainha tem que ter um grande palácio para brincar, não?

— Se o tamanho do rubi que levar na coroa é indicativo de algo, diria que poderia permitir-se qualquer lugar que quisesse.

— A pedra não é sua — Disse Nuala — É Coilin, a pedra reinante das fadas da terra. É uma das três que mantêm a harmonia no mundo.

— E quais são?

— Donelle, a que governa o mundo e mantém a Terra do oeste onde nada possa pô-la em perigo. Coilin, a pedra masculina, que controla às Tuas, as fadas matriarcais. E Dearann, a pedra feminina, que controlava às fadas patriarcais Dubhlainn Sidhe. As fadas da Espada Escura. As pedras mantêm o equilíbrio.

— Controlava? No passado?

— Dearann se perdeu — Disse ela.

— E isso não é bom?

— Custou às Dubhlainn Sidhe sua luz.

— E deu força e poder às femininas Tuas — Imaginou Zeke olhando a seu redor.

— Fala em voz baixa, Zeke — Disse ela colocando uma mão no ombro.

— E qual será seu legado quando a pedra descanse sobre sua coroa? — Perguntou ele.

Nuala não tinha uma resposta para isso. Como podia admitir na presença de sua mãe que se sentiria mais forte com suas próprias pedras, com sua ametista e seu caledonia; com seu vestido verde e com a pequena diadema de flocos de neve que aparecia em seu cabelo cada vez que atravessava as portas para realizar uma cerimônia?

Coilin lhe dava medo. Seu nome significava “viril”. Era a pedra que transformava a Mab em um ser terrível. Nuala não queria ser terrível.

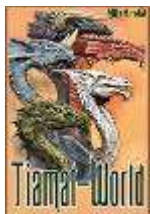
— Espero poder levá-la com elegância e sabedoria — Disse, e depois trocou de tema deliberadamente — Espero que você goste de dançar — Brincou — Haverá muito baile esta noite, junto com a música. Há poucas coisas que às fadas goste mais que dançar. Sobre tudo à rainha.

Zeke olhou para o teto, onde as fadas ainda saltavam de árvore em árvore.

— Sim. Já tinha essa impressão. Algo mais que deva saber?

— Bem, seguro que o descobrirá quando chegar o momento.

— Este poderia ser um bom momento — Insistiu ele — Se deu conta de que somos o centro de atenção?



— OH, sim. Não estamos acostumados a ter visitantes que vistam como você — Disse ela — Se perguntarão como pode se mover com essa roupa.

— Repito que esta roupa me salvou que me machucar muito hoje com os arbustos.

— Ah, pode estar tranquilo, porque aqui não há.

— Pode ser. Mas tenho a sensação de que aqui se escondem outros perigos.

Tinha razão. Havia perigos. O salão vibrava com a tensão. Quando entraram, a música se deteve junto com a conversa. Inclusive as fadas que tinham estado fazendo acrobacias pelo teto pararam para observar o recém-chegado.

Nuala podia notar a raiva que sentiam ao ver que aquele mortal tinha irrompido em seu paraíso. Preocupava-lhes que aquele homem tivesse o poder de trocar o curso de seu futuro. Tinham-na visto com ele. Teriam se informado, por muito que tivesse tentado ocultá-lo, do perto que se sentia de Zeke. As demais se perguntariam o que significava isso. De modo que a observavam, e a ele também; e observavam à rainha. Inclusive observavam a Orla, que sorria como uma gata de seu assento enquanto acariciava sua taça dourada com os dedos.

E a rainha, a que adorava um pouco de drama durante o jantar, deixava que sua preocupação aumentasse, mantendo a incerteza até o último instante. Nuala não podia fazer nada mais que ficar ali de pé com outros e esperar que sua mãe se pronunciasse. Sabia perfeitamente que, se tentasse sentar-se antes que sua mãe tivesse falado, chamariam-lhe a atenção com consequências dramáticas. Afinal, ainda não era rainha.

— Suponho que não chegaremos ao próximo espetáculo — Murmurou Zeke.

— Coragem — Murmurou ela — Não mordem. Ao menos não as que estão aqui esta noite — Acrescentou com um sorriso — Não esqueça que é maior que qualquer dos que estão aqui.

— Maior, sim — Admitiu ele — Mas duvido que seja tão poderoso.

Isso era certo.

— Bem, pequena Nuala — Disse a rainha finalmente — Vejo que nos trouxe um presente.

— Trouxe um convidado — Disse Nuala com uma reverência — Um convidado que não tem culpa de estar aqui.

— Não tem culpa? — Perguntou a rainha — Não era ele quem queria ficar a cavar ao redor de minha casa?

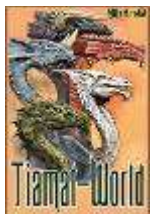
— Não quer que o resto do mundo te conheça? — Perguntou Zeke antes que Nuala pudesse dizer nada — Que conheça sua beleza e sua vida?

— As histórias estão aí — Disse Mab, como se nada daquilo fosse interessante — As canções, os poemas. Ninguém questiona o poder e a beleza da rainha das fadas.

— Mas essas são histórias antigas — Protestou ele — Poemas antigos. De uma Mab antiga, acredito eu. Não quer que ninguém conheça você?

— Não me encontrará debaixo dessa colina de pedras, pequeno homem.

— Nem sequer uma indireta? Não há nada que quereria que nós os mortais soubessem? Ouvimos as histórias, e sentimos curiosidade. Provavelmente vocês também sintam curiosidade por outras raças que não sejam a sua. Não querem saber coisas sobre os mortais?



— Eu já conheço os mortais — Disse Mab — São mesquinhos e orgulhosos; e tolos. Todos e cada um deles.

— OH, eu não os chamaria mesquinhos a todos — Disse Orla sem deixar de olhar Zeke por baixo da cintura.

De repente todo mundo riu nas mesas.

— Você não estava também nessa casa quando me despiram, não é? — Perguntou Zeke.

— Não — Respondeu Orla — E eu gostaria de saber por que. É meu esporte favorito.

— Despir a homens indefesos?

— OH, sim. Quanto mais indefesos, melhor — Respondeu Orla.

Zeke riu. Nuala, apesar de ter o coração em um punho pelo perigo que estava enfrentando.

Zeke, teve que controlar seu sorriso. Ninguém jogava com Orla. Nenhum homem tinha sobrevivido a ela. Por outra parte, Nuala não recordava a nenhum mortal que enfrentou à rainha com algo que não fosse terror. Zeke era um homem valente e orgulhoso.

— E não quer apresentá-los, Nuala? — Perguntou a rainha — Que o mortal saiba a quem se enfrenta.

Nuala não suportava que brincasse com ela. Quando fosse rainha, não o toleraria.

— Quando for rainha, pequena Nuala — Recordou Mab — Desfrutará dos mesmos prazeres que qualquer Mab anterior a você. Agora, faz o favor de me obedecer.

Nuala fez outra reverência e ruborizou.

— Como desejar, minha rainha — Disse com voz serena — Zeke Kendall, é um prazer para mim te apresentar a minha irmã, Orla, filha também de Mab.

— Outra irmã — Disse Zeke surpreso — E tão bonita como a anterior. É um prazer.

— Será — Prometeu Orla.

Zeke sorriu e Nuala reconheceu seu sorriso sedutor. Afinal, não gostava de todas as mulheres? E ela não suportava sentir-se ciumenta.

“É meu”, quis gritar do mais profundo de sua alma. “Meu!”.

Mas não o fez. Já tinha chamado bastante a atenção.

— E o que você faz? — Perguntou Zeke a Orla sem apagar o sorriso de seus lábios.

Orla arqueou uma sobrancelha e Nuala virtualmente pôde cheirar sua excitação.

— O que faço? — Perguntou Orla enquanto passava o dedo pelo pescoço.

— Claro — Disse Zeke — Bee é curandeira, e Sorcha costureira. E a rainha é... A rainha. Qual é sua especialidade?

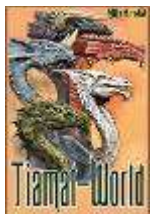
— A discórdia — Respondeu Orla — O caos.

— Ah, bem — Disse Zeke como se não o impactasse — Todo mundo deveria ter uma habilidade.

Nuala não pôde evitar e deixou escapar uma gargalhada.

— Veem se sentar com sua mãe e com sua irmã — Disse a rainha — Nos conte enquanto jantamos por que deveríamos permitir a seu amigo escapar.

— Vai me permitir falar? — Perguntou Nuala.



— E a mim? — Acrescentou Orla.

— Permitirei qualquer argumento — Disse Mab com um sorriso aterrador — Até que chegue o momento de decidir. Mas primeiro, deixemos que o pequeno homem desfrute de nossa comida.

Durante um momento, Nuala não se sentiu capaz de mover-se. Um passo na direção errada e tudo estaria perdido. Sabia. Todo mundo ali sabia. Mas Nuala viu a força imutável da rainha e soube que, no momento, estava apanhada. De modo que deixou que Zeke entrasse na guarida da leoa para ser observado por todas e cada uma das fadas enquanto desfrutava de sua comida e de sua bebida. Para que a rainha o estudasse com atenção e Orla sorrisse triunfante.

— Então que este é o jantar — Disse Zeke, vendo a quantidade de fontes cheias de fruta, queijos, carne e todos os frutos dos jardins das fadas — É incrível que as fadas não estejam muito gordas para voar.

Nuala não pôde evitar ficar olhando. Zeke parecia completamente alheio às mulheres que tentavam seduzi-lo. Não podia acreditá-lo. Não pôde evitar e riu.

— Ouvi que temos um metabolismo alto — Assegurou antes de provar o queijo.

Zeke observou às fadas mais jovens, que seguiam revoando junto aos ramos.

— Sim, já o vejo. Alguma vez pousam?

— OH, sim. Quando dormem.

— Estou seguro de que isso é algo que minha cunhada não sabia quando contava suas histórias sobre fadas.

— OH, claro que sim. Os meninos mortais sabem. São eles os que melhor podem nos ver no crepúsculo. A piscada das luzes os atrai.

— As luzes piscando atraem a todo mundo. Mas há... Bom, há muitos tipos de fadas, não é?

— Igual a há muitos tipos de mortais, suponho.

— OH, não acredito que nós sejamos tão variados.

— Bom — Admitiu Nuala com um sorriso — Reconheço que não vi a nenhum mortal voando.

— Ao menos sem um motor e muito metal ao redor. E você o faz?

— Fazer o que?

— Voar.

— Ah, não — Respondeu ela — Adoro os dois pés que a mãe natureza me deu.

— Tem medo? — Perguntou Zeke.

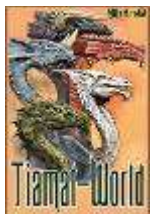
— Voar? Nada disso. É só que, as vezes que o tentei, não desfrutei.

— A Nuala sangra o nariz — Disse Sorch do outro lado da mesa.

— Bom, você se estrelou contra uma árvore — Respondeu Nuala, e as duas sorriram como meninas — Quebrou dois ramos e um dente.

Sorcha negou com a cabeça e fingiu tristeza.

— Estava executando uma manobra brilhante com cambalhota e não vi aproximar a árvore. O que acontece é que está ciumenta, Nuala, e deveria admiti-lo.



— Não admitirei tal coisa. E não estava fazendo cambalhota alguma — Disse Nuala rindo — Espirrou e perdeu a concentração.

— Isso é um rumor vil — Disse Sorchá com uma gargalhada — Estendido por meus caluniadores.

— Estendido por seu professor de voo — Disse uma das fadas voadoras do teto.

— OH, sempre tem que haver um crítico em toda multidão — Disse Sorchá olhando para cima — Claro, se nascer no ar, não será difícil voar por ali. Mas a nós, as que nascemos na terra, custa-nos um pouco mais chegar aí acima.

— Mas ela conseguiu — Disse Nuala com orgulho. Tinha sido um grande dia; Sorchá tinha rido e tinha descido voando para assustar às ovelhas do prado antes de estelar-se contra a árvore.

— Como? — Perguntou Zeke — Como voam?

Todos se voltaram para ele. Nuala pensou por um momento como explicar a aquele mortal o que para uma fada era algo normal.

— Peter Pan — Disse finalmente.

— Então também viu como faziam esse filme? — Perguntou ele.

— OH, não. Mas ouvimos falar dele. Estamos à corrente de quase tudo o que acontece o mundo exterior.

— Então todas voam como Peter Pan?

— Com pó de fadas.

Zeke gargalhou

— Vamos.

— Vê as fadas voando, não é?

Zeke olhou para cima e assentiu.

— Tem razão — Disse — Então o pó poderia me fazer voar também?

Nessa ocasião as risadas foram unânimes.

— Bom — Disse Nuala — Não acredito que seja tão simples.

— Por que não?

— Bom, Peter é um menino.

— Eu também o sou

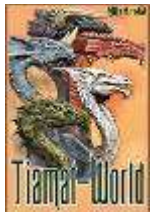
— Algo que eu gostaria de verificar — Sussurrou Orla.

— Algo que eu já verifiquei. Disso podem estar seguras — Disse Bee de uma mesa próxima — E posso dizer que este mortal faz tempo que deixou de ser um menino.

— Ah — Disse Zeke depois de uma breve confusão — Refere-me a jovem.

— Refiro a pequeno — Respondeu Bee — E confia em mim. “Pequeno” não te descreve absolutamente.

Todas as fadas pareciam desfrutar com a conversa. Nuala sorriu e se sentiu orgulhosa de seu mortal. Proprietária de seu sorriso, de sua risada e de sua inteligência. Queria ficar ali para sempre, sentada a seu lado naquele salão, escutando-o falar com suas amigas e confundir a sua família.



Mas ao mesmo tempo mal podia estar-se quieta. Era uma tortura estar sentada junto a ele, conversando como amigos, com seus corpos roçando-se levemente. Mal podia concentrar-se na comida, e muito menos em sua mãe e em sua irmã, que simplesmente estavam esperando a que chegasse o melhor momento para atacar.

Teria que ir com cuidado. Mas era tão difícil, pois o único que desejava era desfrutar com a imagem de Zeke. Enquanto o observava, esqueceu-se do passado do tempo. As fadas comeram e beberam. Limparam-se as mesas e começou a música. Era seu turno para atuar numa das tarefas mais apreciadas que realizava para seu mundo.

Depois de tudo, poucas coisas apaixonavam tanto às fadas como a música. Eram famosas por sequestrar a grandes músicos só para poder desfrutar de suas melodias. Era o único que as apaziguava quando estavam inquietas, e o único que as animava quando estavam tristes.

— Mostre a seu mortal o que faz para nós, Nuala — Rogou Sorch — Toca para nós.

— Toca para nós — Gritaram outros.

— É certo — Disse Zeke — Toca a harpa.

— Não é verdade — Disse a rainha — Não toca a harpa. Faz que a harpa cante. Faz que chore, que ria e que corteje. Sua magia é um dom para nós.

Nuala se perguntou que sentido tinha ser uma fada se continuava ruborizando-se como uma menina pequena. Estava ocorrendo nesse mesmo instante; sentia-se ansiosa e insegura, quando o único que nunca tinha questionado em seu mundo era sua música.

Mas então Zeke dirigiu um sorriso e ela relaxou.

— Toca para nós — Insistiu ele.

Assim se levantou e se afastou da mesa. Sua preciosa Ceo Sidhe a aguardava. Enquanto se aproximava, ouviu como as primeiras notas começavam a soar, chamando-a, antecipando suas carícias. Sentiu como a música crescia entre elas. Sorriu, pois ali era tão poderosa como sua mãe, como suas irmãs, como seu clã. Ali podia cortejar Zeke Kendall com todo seu coração e sem necessidade de dizer uma só palavra.

Ali, antes de ter que renunciar a ele. Se sua mãe o permitia.

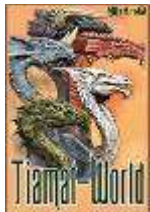
Porque, se não fosse assim, se escolhesse escravizar a aquele homem, Nuala não voltaria a ter vontade de tocar em toda sua vida.

Levantou a harpa entre seus braços e se sentou em uma cadeira de carvalho. Escutou atentamente. A música aguardava. Todos se calaram, e no silêncio se ouviu a voz de sua mãe.

— E, quando houver tocado, Nuala — Disse — Encarregaremos do mortal.

Nesse momento, a magia se esfumou. A música desapareceu e todas as fadas pareceram uivar. A rainha tinha ido muito longe. Tinha violado um sacramento, e todas as fadas ali presente sabiam. Nuala fechou os olhos para não ver sua mãe, apoiou a harpa sobre seu ombro e a rodeou com seus braços; como se queria protegê-la de rainhas caprichosas, igual a desejava poder proteger a seu mortal.

Já pensaria nele mais tarde. No momento, tinha que tocar. E possivelmente, se tocava com graça e sinceridade, pudesse encantar à rainha e salvar ao homem de que tinha estado



apaixonada sempre.

Com uma tremenda suavidade, Nuala começou a tocar.

— Nos dias mais escuros do passado — Começou a cantar. Era uma melodia tão velha como o tempo, e suas letras estavam gravadas no coração de todas as fadas, como um hino que lhes dava força e imortalidade — Na aurora dourada dos tempos, caminhavam os grandes, os selvagens, os terríveis, os sábios...

Zeke não podia respirar. Não podia mover-se, petrificado como estava pela música. Já havia custado suficiente trabalho acostumar-se ao edifício... Casa na árvore... Ou o que fosse. Afinal, quantos lugares nos que tinha estado se iluminavam só com o poder das fadas? Era uma catedral de árvores decorada com luz de estrela e povoada por uma coleção de criaturas mitológicas que jamais teria imaginado.

Depois tinha se encontrado cara a cara não só com a rainha, mas também com sua terceira filha; a sereia de cabelo negro que fazia que as demais garotas da família empalidescessem em comparação. Só o som de sua voz era suficiente para fazer suar a um homem.

Mas, curiosamente, apesar de que seu corpo tivesse reagido como um adolescente quente, sua mente se mostrou completamente dissociada. Ficou fascinado ao tempo que sua anatomia alterada punha a prova o elástico de seu jeans.

E então Nuala se sentou e tinha começado a tocar; todo o resto tinha deixado de existir. Zeke tinha ouvido dizer que escutar música formosa podia te transportar ao céu. Nunca tinha acreditado... Até aquele mesmo momento.

Nunca tinha interessado particularmente a música. Sempre tinha atraído o silêncio seco do deserto, onde inclusive o pensamento tinha eco. Mas se enganara. Nunca antes tinha escutado nada assim. Todo seu corpo vibrava com as notas. Pôs um véu sobre os olhos e começaram a arder, como se quisesse chorar. E não tinha chorado desde dia em que encontrou seu pai no celeiro aos seis anos de idade.

E o mais curioso era que o resto de seres na sala pareciam sentir o mesmo. Seguro que as fadas escutavam boa música. Eram legendárias por isso. Mas todas tinham os olhos úmidos e a boca aberta. Era como se esqueceram de tudo; inclusive a rainha.

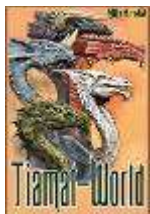
Escutava com os olhos fechados e um sorriso nos lábios, sem soltar a mão de seu consorte. Balançava-se suavemente ao ritmo da música, como se estivesse ingerido ópio.

Música de fadas.

Por fim Zeke compreendia o que queria dizer sua cunhada quando falava de como a pessoa adoecia até morrer por seu som. Ele poderia adoecer até morrer.

Mas não era só a música. Era Nuala. Seu sorriso. O delicado baile de seus dedos. O brilho que parecia rodear seu corpo enquanto tocava. A alegria de seu rosto.

Zeke tinha uma sobrinha que era música. Elizabeth. Era uma boa música, e algum dia se transformaria em uma grande pianista. Tinha visto a mesma concentração em seus traços, como desaparecia nas notas que saíam de seu piano, como se estivessem compostas de ar e de água.



Compreendia sua paixão e aplaudia seu talento.

Mas aquilo... Aquilo era algo completamente diferente. Aquilo era... Era magia.

Orla não podia respirar. Estava raivosa. Frenética. Assustada.

O mortal riu dela. Dela.

Nenhum homem ria dela. Nenhum homem a rejeitava.

E esse tampouco o faria. Sobre tudo dado que parecia que pensava escolher a sua irmã por cima dela.

Orla tinha pensado esperar. Tinha pensado em dar tempo à rainha para planejar sua vingança e ficar ela com o homem, pois o único que Orla precisava era transformar Nuala em um ser miserável. Mas agora, ao ver a atenção com a que o mortal observava a sua irmã, soube que não seria suficiente.

Maldito e estúpido mortal. Merecia consumir-se pouco a pouco até que só ficasse dele a pele e os ossos. Esse era seu dom.

Era seu direito.

Mas não podia delatar-se. Ainda não. Não até que não chegasse o momento em que pudesse fazer o maior dano possível. De modo que se manteve muito quieta, agarrando sua taça com força, e sorriu.

Esperou durante esses miados que sua irmã chamava música, mas que produzia uma espécie de alergia, pois não podia parar de esfregar os olhos.

Tentou por todos os meios não rir. Demonstraria a sua irmã quem tinha o poder. Ela deveria ser rainha. Roubaria seu mortal e se desfaria dele como dos outros. Estava desejando-o.

E então, em poucos segundos, tudo mudou. De uma nota a outra, a música de Nuala trocou e os planos de Orla com ela. Pela primeira vez em toda a noite, encontrou-se a si mesma sorrindo pelo puro prazer de fazê-lo.

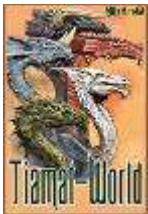
Nuala não percebeu a mudança. Inundou-se muito na música; até o lugar no que viviam os senhores das fadas, onde o coração e a alma vibravam com a verdade, a alegria e a paixão. Fechou os olhos e se deixou levar pela beleza que alagava a sala.

E enquanto cantava e as notas da harpa caíam como uma cascata que refletia a luz do sol, perdeu-se. Perdeu seu lugar e seu passado. Perdeu a presença de seu público. Só era consciente do fluir da música. Só ouvia a voz de sua preciosa Ceo Sidhe. Quão único sentia era a ressonância de seu instrumento e sua voz, e os milhares de músicos que tinham ido antes dela.

Não ouviu quando sua canção trocou. Não se deu conta de que sua música, que normalmente era brilhante e forte, começou a soar com desejo, com amor e com perda.

Não abriu os olhos até que a última nota não se dissolveu entre as sombras das árvores; e, quando o fez, quão único soube foi que, como sempre, seu coração estava cheio. Sua pele palpitava, a cabeça dava voltas; o peito vibrava.

Sabia o que a corte sentia com a música. Sabia que quase todas as noites espalhava a luz e a risada entre as sombras. Pensou que essa noite tinha criado uma autêntica maravilha. De modo



que, quando se voltou para seu público, sorriu encantada.

Foi então quando se deu conta de que a atmosfera não era normal. Normalmente, as fadas saudavam sua música com uma quietude reverente. Essa noite, entretanto, o silêncio parecia aflito. Forçado. Espantoso.

Nuala esteve a ponto de deixar cair a harpa ao olhar a seu redor e ver a desolação nos olhos das pessoas. Lágrimas. Começou a tremer. Aquilo estava mau. Não deveria ser assim. E então viu a rainha.

Sua mãe normalmente estava orgulhosa dela, embora com essa atitude altiva que mostravam as rainhas. Nuala dependia disso. Essa noite, entretanto, em vez de ver aprovação nos olhos de sua mãe, viu fúria. Rígida e com os lábios brancos, a rainha ficou em pé lentamente.

— Mudei de opinião — Disse com voz terrível. A Nuala pareceu ver lágrimas em seus olhos — Esta noite não é para encarregar do mortal, depois de tudo. Michael?

— A seu serviço, minha rainha.

— Leve o homem com você. Sorchia, se ocupe de sua irmã. E agora, meus servos, desejem boa noite.

Nuala ficou gelada enquanto Mab saía do salão como o último raio de luz do dia, seguida de seu séquito. Se deu conta de que o resto ainda não se moveu e estava disperso. O protocolo na corte exigia que se rendesse obediência a Mab quando saía. Em vez disso, toda a corte ficou quieta e em silêncio, olhando Nuala fixamente.

Parecia que tinha respondido a uma das perguntas. E provavelmente fosse a última resposta que nenhum deles desejava.

Capítulo 06

— Suponho que isto significa que não vamos dançar — Disse Zeke a ninguém em particular. Um homem enrugado e baixinho se aproximou dele e o agarrou por braço.

— Esta noite não, jovem. Esta noite não.

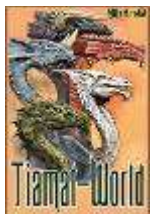
Zeke o olhou, mas em seguida devolveu sua atenção a Nuala, que estava de pé segurando sua harpa, como se fosse a última coisa real do universo.

— Que diabos aconteceu? — Perguntou ele.

Tinha estado tão absorto na música que nem sequer se deu conta de que se esfregou as bochechas para quando Nuala enviou aquela última nota à multidão.

Foi ver a face da rainha quando se deu conta de que algo tinha acontecido. Virou-se para o resto da sala e tinha descoberto que todos os assistentes também sabiam e pareciam saber o que significava.

Ele não, com certeza. Viu o sorriso de Nuala transformar-se em cinza e quis saltar aí e defendê-la. Mas a rainha o tinha impedido, ficando em pé com essa maneira imperial que tinha



antes de sair da sala como se Nuala a tivesse insultado pessoalmente.

Zeke não o entendia. Só sabia que Nuala tinha devotado uma música muito formosa para suportá-la e que parecia estar sendo castigada por isso.

— O que aconteceu? — Repetiu, e não viu como as fadas desapareciam na escuridão nem ouviu os sussurros ansiosos que as seguiram. Só viu Nuala, só e tremula, com a cabeça agachada.

Deu um passo para ela, mas o homenzinho que tinha ao lado puxou-o.

— OH, não, jovem. Terá que esperar a manhã para ver a garota. A rainha disse, e dados os anos de experiência que levo com ela, não te recomendo que a incomode agora mesmo. Confia em mim, se acalmará pela manhã.

Finalmente, Zeke olhou para baixo e viu seus olhos azuis. Era parecido a um duende irlandês, com pés de galinhas e pele morena, vestido com couro marrom e um pequeno chapéu esmagado. Zeke não pôde evitar pensar que era esse o aspecto que teriam que ter as fadas. Como Colm O'Roarke. Não como Nuala.

Deus, não como Nuala.

— Mas o que fez? — Perguntou.

O homenzinho suspirou e olhou para onde estava Nuala, que se encontrava falando com sua agradável irmã.

— OH, bom, jovem, cometeu um terrível crime diante da rainha. Disse a verdade.

Zeke franziu o cenho.

— O que quer dizer? Estava tocando a harpa. Cantou canções populares e um par que pareciam passagens da Bíblia.

— A história — Respondeu o homenzinho — A garota estava cantando sua árvore genealógica para você.

— E por isso a tratam assim?

— Não, mas temo que não posso encontrar a maneira de explicar isso antes do amanhecer. Agora, veem comigo. Tenho a sensação de que ainda não está preparado para nossas festas noturnas, sobre tudo depois desse golpe que te deu na cabeça. Quanto a mim, tenho a impressão de que meus serviços serão requeridos antes que acabe esta noite.

— Seus serviços? — Perguntou Zeke, deixando que o homem o conduzisse para a porta.

— OH, claro, não me apresentei — Disse o homem com um sorriso — Sou o tio de Nuala. Michael. Tio Mick, chamam-me alguns. Sou o mestre dos cavalos do local. Mas te agradeceria que não o contasse a eles — Se inclinou para ele rindo — Se negam a aceitar a nenhum mestre que não eles sejam mesmos.

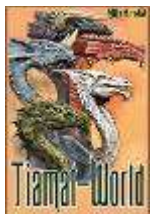
Zeke olhou a seu redor e viu o salão quase vazio.

— E o que te faz supor que vai trabalhar? Michael negou com a cabeça.

— OH, sinto-o no ar, moço. Se fosse uma fada que gostasse das apostas... E a verdade é que sou, apostaria muito dinheiro a que esta noite a rainha cavalgará.

— Cavalgar? Onde?

— Onde vocês os mortais possam vê-la de longe e assim criar mais mitos.



— O que fiz? — Gemeu Nuala enquanto sua irmã a conduzia para a profundidade da noite.

Quão último Nuala esperava era risada. Mas Sorchu riu, embora soava um pouco amarga.

— OH, garota, quanto tempo leva tocando harpa?

Nuala piscou, um pouco surpreendida.

— Desde que abri os olhos na primeira primavera, coisa que sabe perfeitamente bem, pois foi você a que me pôs a harpa nas mãos.

Sorchu assentiu.

— E em todo este tempo, por que é a última em saber que não pode escapar à verdade de sua música?

— Que verdade?

— A verdade da que fala, claro. O passado, o futuro, a magia. Confiamos nessa sinceridade. Alimentamo-nos dela.

— Mas o que aconteceu esta noite?

— Esta noite, querida minha irmã, apaixonou-se. E, se houvesse feito de um menino fada, agora não estaríamos aqui, na escuridão, tentando descobrir como evitar à rainha umas quantas horas. Não, tinha que se apaixonar por um mortal. E o soube desde que o viu na água, aquele dia que se escapou ao bosque pensando que ela não poderia vê-la.

— Mas nós levamos um mortal em nosso interior — Protestou Nuala — Depois de todos estes séculos, todas as fadas o fazem. Inclusive ela.

— OH, Nuala, nos faça um favor e não o recorde. Desatária uma tormenta que nem sequer Darragh poderia conjurar.

— Já que ela governa às fadas, não deveria ter a coragem de enfrentar-se à verdade? — Perguntou Nuala.

E Sorchu voltou a rir.

— OH, garota, me economize o preço de sua coragem. Vamos. Acredito que precisamos dormir para poder nos preparar para amanhã. Deixemos que se acalme e então, quando o sol se levante, verá-o como a brincadeira que é.

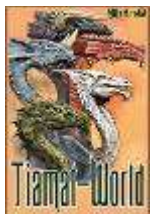
— Não é uma brincadeira, Sorchu. Acredito que perdi a oportunidade de Zeke de poder escapar.

— É seu coração o que perdeu, mo chroí. Mas todas as fadas sobre a terra fizeram isso ao menos cem vezes em sua vida. O problema com você é que isso se percebe nas notas quando toca a harpa, e ninguém pode confundi-lo. Amanhã toca uma melodia feliz para ela; uma melodia para a rainha, e então não temerá a esse homem.

Durante vários segundos, Nuala ficou de pé, olhando a escuridão, onde as luzes das fadas revoavam de um lado a outro e as brisas da noite lhe agitavam o cabelo.

— Certo Sorchu — Disse finalmente — Tem razão. Estou cansada, acredito que o melhor será ir à cama.

Mesmo assim, passou muito tempo até que fechou os olhos.



A rainha das fadas cavalgou aquela noite. Cavalgou pela escuridão, onde se teciam as lendas nos acampamentos; onde os maiores escutavam atentamente o som da magia, onde os bebês riam em sonhos e os pais olhavam pela janela, sentidos saudades diante sons que não pertenciam ao mundo moderno; colocou a seus cavalos e a seu séquito nas colinas para recordar o mundo adormecido que aquilo era muito mais do que parecia.

Houve uma procissão de cavalos orgulhosos, com suas bridas prateadas soando com os sinos que penduravam delas; e seus cavaleiros altos e régios. Um raio em um céu sem nuvens. Uma onda de presciência que apagava o sonho a seu passo. A lua, que brilhava sobre os isolados do oeste, projetava sombras prateadas que de repente adotaram a forma de uma cavalaria.

A rainha cavalgava, e os mortais recordavam seu folclore. Os jovens o desprezavam. Afinal, tinham a tecnologia, tinham o progresso, estradas riscadas sobre terreno sagrado e televisões que deslocavam a poesia dos maiores com concursos e anúncios. Os jovens o desprezavam, mas dormiam mal, e ouviam pisadas de cavalo em seus sonhos.

Os mais velhos, que sabiam a verdade, mantinham os olhos abertos e as portas protegidas com serbal. A rainha estava cavalgando em uma noite que não era a de todos os Santos. Ninguém tinha a coragem de sair e descobrir o que significava isso.

Orla já tinha tido suficiente. A noite tinha começado bem. Depois de tudo, sua apreciada irmã estava sofrendo, e nada lhe abria o apetite mais que isso. Depois, enquanto a rainha esperava que os cavalos estivessem preparados, Orla tinha obtido prazer de um humano que se entrou na colina equivocada. Ainda podia sentir a luxúria em seu corpo enquanto o despia. Quando despertasse à manhã seguinte, se acaso despertava, teria um sorriso de idiota e uma história que ninguém acreditaria.

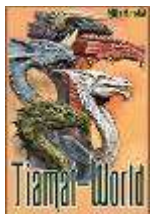
Sim, uma boa maneira de passar a noite. Mas então a rainha tinha decidido exasperar um pouco os humanos. E, dado que Orla era parte do séquito, teve que ir também. Suas irmãs não. Essas duas meninas tinham sido desculpadas por mau comportamento. Não tinham tido que passar o resto de horas até o amanhecer cavalgando pela terra como uma trupe de circo.

Orla odiava cavalgar com a rainha. Odiava a pompa, sobre tudo porque não outorgava nenhum benefício a ela. Odiava a obediência, o ritual. Mas, sobre tudo, odiava os cavalos.

A quem ocorreria que era necessário para uma fada ter contato com essas bestas tão temperamentais? A quem teria parecido boa ideia aterrorizar os humanos com cavalos? Se queria aterrorizar a alguém, melhor enviar lobos. Ursos. Às Dubhlainn Sidhe.

Essa sim seria uma boa ideia. Cada dia tinha que convencer a si mesma de que não se sentia atraída pela ideia.

Deixar soltas pelo reino às fadas da Espada Escura. Orla não pôde evitar sorrir ao pensar no terror e no caos que provocariam a seu passo; uma tempestade que eclipsaria a pior das tormentas de Darragh. Inclusive a tormenta que estava forjando essa noite pelo comportamento de Nuala. Com os guerreiros protegendo-a, Orla não voltaria a ser ignorada.



Ou talvez só guerreiro. O mínimo para que a rainha visse que não podia ignorar os problemas. Então se daria conta de que filha podia ostentar suficiente poder para controlar às fadas da Espada Negra.

A situação ainda não era o suficientemente extrema para arriscar as consequências que teria que pagar por esse crime. Ainda não. Mas, se sua mãe seguia com essa tolice, seria Orla a que acabasse com sua paciência. Sobre tudo se tinha que voltar a subir a um cavalo.

Para quando entregou as rédeas a um dos moços do tio Michael, Orla estava dolorida e esgotada. Necessitava a outro mortal.

Ou alguma travessura.

— E bem, o que está fazendo aqui, moço? — Perguntou Michael sem incomodar-se em levantar a cabeça de seu trabalho — Ainda fica muito para que amanheça.

— A tormenta me despertou — Disse Zeke, e olhou para cima para ver as nuvens que voavam com o vento — É impressionante.

Michael deu de ombros enquanto desencilhava um cavalo.

— Darragh estava zangado.

— O tipo que vai ser o... Não sei o quê de Nuala?

— Tem raios nos dedos. O vento se levanta se ele o chama. E ontem à noite o chamou.

Zeke assentiu com a cabeça. Depois de decidir que não podia dormir mais, vestiu-se e tinha saído de casa de Michael. Encontrou-se com outro homenzinho enrugado ao que tinha pedido indicações, e tinha acabado naquele páramo ao bordo do povoado, onde outros homens ajudavam Michael enquanto desencilhava os cavalos. Uma manada de cavalos cinzas que lhe pareciam estranhamente familiares. Uma manada de cavalos fantasmagóricos que pareciam estar observando-o por algo.

— São cavalos Diamond K — Disse sem pensar — De nosso rancho.

Vários dos animais levantaram a cabeça, mas Michael seguiu sua tarefa sem alterar-se.

— Não — Disse Zeke trás de vários segundos — Não são cavalos normais. Mas... O que são?

— São cavalos fada — Disse Michael — E não fale deles como se não estivessem. Saúda-os, por favor.

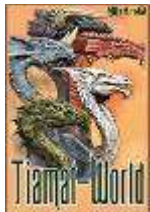
Zeke ficou olhando o Michael como se tivesse aceso fogo o cabelo.

— Perdão?

Michael assinalou com a cabeça aos cavalos, que se tinham juntado mais, como se fossem a audiência de uma peça de teatro.

— Não querará insultá-los, moço. Diga olá. E tampouco viria mal mencionar quão bonitos são, não é?

Zeke demorou vários segundos em assimilar tudo aquilo. Ainda não tinha amanhecido, a névoa se elevava sobre a grama, o céu tinha um tom rosado que se refletia nos cavalos. Podia ouvi-los soprar impaciente a seu redor. Podia cheirá-los; o aroma reconfortante de seu animal favorito, a conexão com seu irmão Jake e esses braços fortes que tinham controlado a essas



criaturas com a mesma suavidade que tinham controlado a seus recalcitrantes irmãos.

Zeke passou um momento saboreando essa sensação. Depois, como não sabia o que outra coisa fazer, fez uma reverência.

— Eu te saúdo — Disse ao cavalo que tinha mais perto — Fiquei afligido ao vê-lo. Temos cavalos parecidos com você em Wyoming — Outros cavalos se alteraram um pouco, como em protesto — Mas não tão magníficos. Se tivesse havido mais luz, teria visto a diferença logo.

Sorriram os cavalos? Pareceram de repente satisfeitos. Logo, depois de agachar a cabeça, um a um foram dando-a volta e afastando-se pelo páramo para um arroio.

— Bem feito, moço — Disse Michael inclinando a cabeça de maneira suspeitosamente parecida com os cavalos — Suponho que quererá me ajudar, não é? Assim terá algo que fazer além de te distrair com minha sobrinha e desgostar à rainha.

Zeke não podia deixar de olhar os cavalos.

— Suponho. Por que se parecem tanto aos cavalos de Jake?

— E quem é Jake? — Perguntou Michael.

— Meu irmão. Cria cavalos nos Estados Unidos.

— Ah, que criou os Grayghost. Um animal magnífico.

— Como sabe?

— Não viu sua cor? É cinza pálido, quase branco. Parece como se pudesse saltar nas sombras e desaparecer.

Justo como acabava de fazer aquela manada. A névoa se elevou e os cavalos desapareceram.

— Está me dizendo que meu irmão cria cavalos fada?

— OH, não. Cria cavalos normais. Não tem culpa de poder distinguir a um animal mágico.

— Está louco — Disse Zeke.

— Não deve dizer isso seu próprio primo, menino.

— O que?

O homenzinho inclinou a cabeça de novo.

— Acredita que é um engano que esteja aqui? Uma coincidência?

— Os contos que se escrevem sobre vocês falam de como interferem com os humanos — Disse Zeke.

Michael tirou uma cigarro do bolso de sua jaqueta de couro e assentiu.

— Sim, é certo. Mas preferiríamos interferir entre nós mesmos.

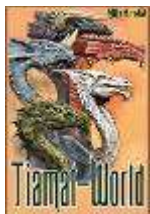
Durante comprido momento, nada interrompeu o silêncio no claro salvo os primeiros gorjeios dos pássaros.

— Está me dizendo que... Sou uma fada?

— Preferimos o termo “Tua”. Tua de Dannan.

Zeke não pôde evitá-lo e gargalhou.

— Claro que o sou — Disse sem parar de rir — Quando não estou escalando cânions de pedra em Utah, estou sentado na pétala de uma flor assobiando sem parar.



— Vejo que vai custar trabalho acreditar — Disse Michael.

Zeke não podia deixar de rir.

— Michael, não temos... Tuas em Wyoming. Deus, nem sequer temos Hare Krishna.

Então foi Michael quem riu. Zeke não se deu conta de que tinha começado a seguir o homenzinho enquanto caminhava de volta para sua casa.

— Bom, no Wyoming não sabia tudo.

— Claro que sim. Nasci ali. Igual a meu pai e meu avô. E te asseguro que nenhum deles vivia em um forte de fadas sob a colina.

— Claro que não, moço. Que sentido teria que houvesse fadas em Wyoming? Mas e sua família? Acaso não escreveu Amanda Marlow um precioso livro apoiado em sua tataravó, que era bruxa? De onde acredita que vinha essa encantadora dama?

Zeke se deteve.

— Como pode saber isso? Nuala disse isso? Ela o viu?

— Nuala nunca trairia a confiança de ninguém. Certo, sempre mantemos certo contato com os de nossa raça, por muito diluída que esteja o sangue. E com esses olhos verdes que tem, não pode nos negar isso. Pode que não acredite em nossa existência, mas sem dúvida ouviu falar sobre nós.

— O que quer dizer? — Perguntou Zeke, de repente assustado.

Mas Michael não respondeu de entrada. Ficou ali de pé, como se estivesse debatendo-se sobre algo. Depois negou com a cabeça e assinalou um tronco caído situado junto ao caminho.

— Sente-se, moço.

Zeke não se moveu.

— Acredito que não.

Michael deu um empurrão que o surpreendeu e o sentou no tronco.

— Ouviste a bambee, a mulher dos túmulos, Zeke.

— Não seja absurdo. As banshees não existem, ao igual a...

— Eu?

— Isto é um sonho, maldição.

— OH, não, moço. E a banshee tampouco o é.

— Não há nenhuma banshee — Disse Zeke enquanto começava a suar.

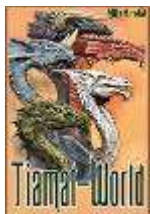
— Quando encontrou seu pai no celeiro aquela manhã, estava buscando-o para ver se ele também a tinha ouvido. Se alguém mais tinha ouvido aquela voz estridente que parecia voar no vento.

— Não sabe...

— A banshee segue os clãs, Zeke. Sobre tudo os clãs com sangue de fada. Seguiu seu clã. Se tivesse lido esse fantástico livro que sua cunhada escreveu sobre sua família, saberia. Nem sequer foi o primeiro de sua família em ouvi-la.

— Jake não a ouviu.

— Sim o fez. Mas não lhe disse isso. A um homem como Jake custa trabalho acreditar em



algo que não possa tocar.

— Bom, isso é algo que ambos compartilhamos.

— Acredito que não. Jake é um homem valente, mas não tem o espírito para agarrar uma ponta de flecha antiga em suas mãos e ver aqueles que a esculpiram. Não pode imaginar a civilizações antigas como você. Mas aquele dia também a ouviu. Igual a Gen. Inclusive a pequena Lee. Acaso não estava já chorando quando saiu do celeiro?

— Não sei. Não o recordo.

Mas sim o recordava. Recordava-o tudo. A corrida para o celeiro, onde sabia que encontraria seu pai, porque por alguma razão aquela voz estridente o tinha assustado. Recordava ter empurrado a porta com força para entrar no celeiro. Recordava que gritou:

— Papai! Papai, tem que vir aqui!

Recordava ter tropeçado com os pés de seu pai, estendido no chão, com um buraco na sola da bota e a camisa de flanela aberta pelo calor. Zeke recordava ver as manchas de suor na camiseta de seu pai. O olhar perdido em seus olhos verdes. Sua mandíbula solta. E aquela voz invisível gritando sem parar, como se fosse o vento que entrava por uma janela solta.

Mas não havia vento aquele dia. Só havia sol, sombras. E seu pai morto no celeiro.

Zeke tinha seis anos então.

— As banshees não existem — Repetiu, mas suave tanto como seu pai aquele caloroso dia do verão em que o coração tinha falhado.

— Voltou a ouvi-la quando sua mãe, que Deus a tenha em sua glória, morreu dois anos mais tarde.

Aquele dia tinha deslocado muito até a cabana situada no prado, onde foram todos quando queriam estar sozinhos. Ficou-se ali, sozinho. Com o som dos falcões no céu e aquela voz gritando que o acompanhava.

— Não.

Michael pôs uma mão no ombro.

— OH, não é tão mau ter sua ajuda. Afinal, você dispõe um grande serviço. Dá-te a oportunidade de se preparar.

Zeke ficou em pé de um salto.

— Por que faz isto?

— Para que compreenda o que é isto, menino. Para que saiba que pertence a este lugar tanto como a qualquer outro.

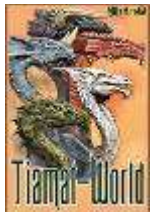
— Aí se engana — Disse Zeke — Não pertenço a este lugar. Nunca pertenceria. E nunca ficaria.

— Nem sequer por Nuala?

O coração acelerou de novo, mas negou com a cabeça.

— Nem sequer por Nuala.

Não se afastou caminhando, e sim correndo, e não advertiu o brilho avermelhado do cabelo da mulher que o observava escondida entre as árvores.



Capítulo 07

Nuala o encontrou horas mais tarde, junto ao arroio.

— Michael não deveria ter dito nada — Disse ela, sem saber o que mais fazer.

Zeke estava sentado ali, com os pés plantados na borda, como se estivesse preparando-se para algo, e os braços cruzados sobre os joelhos. Seu olhar parecia perdido. Nuala já tinha visto antes esse olhar. Era um olhar que Zeke tinha aperfeiçoado. Sua maneira de proteger-se, sua barreira, seu refúgio contra a verdade. Contra a dor de uma infância cheia de abandono e perda.

Se tão somente pudesse oferecer as palavras adequadas para que visse quão afortunado era. O que teria dado ela por ter esses irmãos tão maravilhosos que o esperavam do outro lado. Se pudesse de uma vez romper aquele terrível muro que impedia de ver as verdades que Michael tinha revelado aquele dia.

Nuala não tinha sido amável com seu tio ao descobrir o que tinha feito. Michael era uma alma bondosa. Mas seguia sendo uma fada; e as fadas não compreendiam a dor nem a culpa. Michael só desejava ajudar, e não sabia que poderia piorar muito as coisas.

— Sinto muito, Zeke — “Sinto” era uma expressão com a que as fadas não estavam familiarizadas. Se sua mãe ouvia dizê-lo, castigaria-a até o fim dos tempos.

Finalmente, Zeke a olhou, levantou-se e colocou as mãos nos braços.

— Está bem? — Perguntou.

Nuala o olhou nos olhos e se perguntou como seria possível apaixonar-se mais por aquele mortal. Haviám-no feito reviver os momentos mais duros de sua vida e, entretanto, estava preocupado por ela.

De modo que sorriu.

— Estou muito bem, obrigado. Embora estava preocupada com você. Michael não tinha direito a fazê-lo.

— Estou seguro de que é importante para ele pensar que eu também sou uma fada. É como querer que todos seus amigos goste da mesma equipe de futebol. Suponho que isso une.

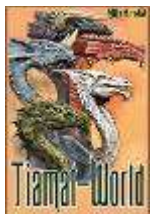
Nuala imaginava que aquele não era o melhor momento para dizer que Michael não tinha mentido. Zeke era em grande parte mortal, mas aqueles olhos... OH, aqueles olhos. Revelavam uma verdade que não passaria inadvertida para nenhuma fada. O verde era a cor dos olhos das fadas.

— E o impressionaram os cavalos das fadas? — Perguntou.

— São magníficos — Respondeu ele com um sorriso — Mas tenho a sensação de que não devo fazer saber.

Nuala riu.

— Já é bastante difícil conviver com eles tal qual são. Não faz falta que lhes dê ideias, por



favor.

— O que aconteceu ontem à noite? — Perguntou Zeke de repente — Parecia como se todos estivessem zangados com você. E você esteve... — Deteve-se e negou com a cabeça sem soltá-la — Jamais tinha ouvido nada parecido.

— Era a música das fadas, Zeke. Não ouviu alguma vez que é tão poderosa que pode enfeitiçar a qualquer mortal que a escute?

— A julgar por como toca, não é de estranhar. Outros tocam igual de bem?

— É obvio. Ouvirá-os mais tarde.

— E o que tem que sua mãe? Continua zangada?

— OH, já se recuperou um pouco. Eu toquei para ela esta manhã, no café da manhã, e cantei algumas louvores para a rainha; de modo que está um pouco menos furiosa.

— Mas por que estava zangada?

Nuala tomou fôlego e olhou a seu redor. Estavam sozinhos, junto ao arroio, onde só os pássaros podiam vê-los. Bom, também sua mãe. Mas tinha deixado a sua mãe castigando a uma das fadas imperiais que tinha quebrado um endrino, e isso a manteria ocupada durante um tempo.

Talvez tivessem tempo. Ao menos enquanto o sol brilhasse. Mab havia dito essa manhã que o julgamento de Zeke só tinha sido posposto uma noite. E, se fosse certo, a Nuala ficava pouco tempo com ele; pois, quando se tomasse a decisão, rezava para que pudesse partir.

Entretanto, antes que Zeke partisse, ambos mereciam poder desfrutar de sua atração.

Atração. Que palavra. Nuala amava Zeke como à água, como ao baile do vento entre as folhas na primavera. Amava-o como à luz e ao ar. E tinha muito pouco tempo para demonstrar, para deixar algo para recordar, se acaso o permitiam recordar algo quando retornasse com sua família.

De modo que pegou uma mão e o conduziu a uma cama de grama.

— Por que não nos sentamos um pouco? Ainda há muitas coisas das que não falamos.

E sem mais, Zeke se sentou. Nuala fez o mesmo e se acomodou a seu lado, o suficientemente perto para poder aspirar seu aroma. Podia ver as sardas douradas em seus olhos verdes. Podia ouvir os batimentos de seu coração.

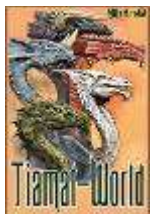
— Pensei que, depois do de ontem à noite, Mab não te permitiria voltar a se aproximar de mim — Admitiu Zeke — Pensei que a castigariam.

Nuala sorriu e o coração acelerou. O que desejava era perigoso. Uma loucura. Não importava. Tinha esperado toda sua vida aquele momento, e a única maneira de que não seguisse adiante seria se Zeke a rejeitasse.

“Ou, por favor, que não me rejeite”, pensou.

Só por essa vez, desejava saborear o que tinham saboreado todas essas mulheres mortais. Desejava ver esses olhos verdes carregados de desejo. Desejava...

— Este é um lugar complicado — Começou, e estirou a mão para afastar o cabelo da face — Qualquer lugar o é quando a realeza está implicada. A rainha se zangou quando toquei porque, ao



fazê-lo, pus em evidencia a relação que tinha formado contigo e com sua família.

Zeke franziu o cenho.

— Relação? Só nos vendo através da água?

— Era uma relação que eu desejava, embora seja o que sou. Uma família que estivesse unida. Suponho que poderia dizer-se que a corte ouviu em minha música... Bom, o desejo de algo que não pertence ao mundo das fadas. Temo que isso foi o que os zangou.

Tinham ouvido algo mais também. Algo que ela sentia nesse momento. A eletricidade. A fascinação. A necessidade de perder-se em outro ser vivo. O desejo de entregar-se por completo, de render-se e saber que estaria a salvo.

Já podia sentir seus ombros sob as mãos, a textura de sua língua sobre seus mamilos. Podia ouvir sua respiração entrecortada enquanto o acariciava.

De repente, Zeke se endireitou.

— Você...?

Nuala tentou controlar seus pensamentos.

— OH, sinto muito.

As pupilas de Zeke se dilataram e começou a suar o lábio superior. Tinha visto as mesmas imagens que ela. Havia sentido sua mão percorrendo seu corpo nu, apesar de estar ali sentado, com camisa de flanela e calças jeans.

Nuala tinha esquecido quão sensível era esse tipo de pensamentos erráticos.

— Não pretendia... — Nuala não tinha pretendido que acontecesse tão cedo. Embora não podia dizer...

— É você a que enviava esses pensamentos? — Perguntou ele — Eu pensei que estava perdendo o controle.

Nuala não pôde evitar rir.

— E se olhou no espelho ultimamente? Se tivesse ficado na casa de Bee um pouco mais, poderia tê-la ouvido melhor. Todas as fadas do claro o imaginam sem calças.

— Inclusive você?

— Sobre tudo eu. Mas acredito que isso já sabia. Está zombando de mim.

— Não — Respondeu enquanto acariciava a bochecha com os nódulos — Acredite.

Inclinou-se para ela e Nuala sentiu como acelerava o coração.

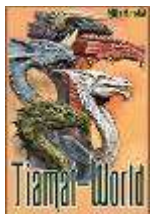
— Não mudou nada desde ontem à noite, não é? — Perguntou ele a poucos centímetros de distância — Continua casada?

Ela negou ligeiramente com a cabeça.

— Não estou casada absolutamente. Darragh será meu consorte quando Mab abandone estas costas. É mais ou menos uma união política.

— Com direito a engendrar herdeiros para o reino?

Nuala ruborizou. As fadas nunca ruborizavam, sobre tudo por questões de caráter amoroso. Mas de repente queria assegurar a Zeke que seria fiel a ele, inclusive depois de que partisse, muito depois de que ele tivesse formado sua própria tribo de herdeiros com alguma mulher mortal a que



nunca ocorreria tentar romper essa barreira de isolamento.

— Não é um posto que você gostaria, Zeke — Disse — Você tem que ser algo mais que um simples consorte.

— Mas, se for de você de quem seria consorte, estaria tentado.

Nuala não quis recordar suas palavras daquela manhã. Não advertiu que tinha razão ao dizer que não podia ficar, nem sequer por ela. Manteve-se calada e aguentou a respiração sem deixar de olhá-lo.

Zeke se aproximou mais a ela e deslizou a mão por seu pescoço. Sua pele de repente ficou sensível, como se estivesse antecipando suas carícias. Palpitava de desejo; ansiava sentir seus dedos fortes sobre seus seios, sobre seu ventre. Desejava poder percorrer seu corpo com as mãos e com a língua, saborear o sal de seu suor sobre sua pele. Queria encher as mãos com ele e desfrutar daqueles olhos mágicos. Precisava explorá-lo como a um novo país e declará-lo como seu território.

— Isto é uma má ideia — Murmurou ele.

— Uma muito má ideia — Concordou ela enquanto se aproximava mais, até que seus lábios estiveram a poucos milímetros de distância.

Sentiu como deslizava o pescoço do vestido por um ombro. Sentiu seus dedos acariciando seu braço e viu o desejo florescer em seus olhos. E compartilhou as imagens em sua cabeça. Viu a si mesma tombada na grama, nua, com os joelhos levantados, esperando-o, estirando os braços para acariciar seu corpo brilhante pelo suor. Ouviu seus gritos sem nem sequer mover-se e sentiu o gemido que Zeke tentava conter.

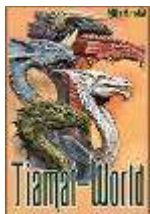
Apenas tinham se movido, mas seus lábios estavam tão perto que Nuala poderia tê-lo absorvido sem esforço. Zeke sorriu. Ela não podia tirar os olhos de cima, mal podia respirar. Ele deslizou a mão por seu cabelo e a enredou ali para que não pudesse mover-se; e, finalmente, cobriu a distância que o separava de sua boca.

“Uma muito má ideia”, pensou Nuala enquanto fechava os olhos. Enquanto abria a boca e se entregava a ele. Seus lábios eram sedosos; seu fôlego, quente como a brisa no verão; e sua língua, deliciosa enquanto invadia sua boca.

Ela era uma fada. Não sabia como tirar a roupa de um mortal. Não tinha experiência com aquele material grosso e tosco. Não parecia importar. Era como se tivesse magia nos dedos; ou talvez fosse o desejo. Encontrou os botões e os desabotoou. Arqueou-se e se rendeu à necessidade de suas carícias. Necessitava possuí-lo, apoderar-se daqueles músculos.

Sabia que Zeke já tinha tirado o vestido. Não era missão difícil, pois os vestidos das fadas se compunham unicamente de gases. Sentiu a grama ligeiramente úmida contra suas costas e a brisa fresca sobre sua pele quente. Ouvia os pássaros cantar e o sussurro das dríadas enquanto enlaçavam seus braços para proteger os amantes dos espíões.

Nuala já tinha estado nua na terra com antecedência, mas nunca antes tinha sido tão delicioso; sentia cada parte de seu corpo acordada, tão agitada que mal podia estar quieta. Arqueou as costas e o rodeou com os braços e as pernas para juntá-lo tanto a ela que nem sequer



a luz do sol pudesse passar entre seus corpos.

Zeke tirou a camisa. Por fim, o que Nuala tanto tempo tinha desejado era dela. Seu peito. Desejava devorar seu peito. Deslizar as mãos por seus peitorais, beliscar seus mamilos, apalpar seus ombros e explorar o contorno de seus braços. Queria percorrer aquela estreita linha de pelo que desaparecia sob seu jeans. E então encontraria a maneira de tirá-lo.

Não deveria fazer aquilo. Viveria toda a eternidade sabendo que nunca voltaria a ocorrer. Que seu futuro teria a lembrança de seu corpo, de suas mãos e de sua boca.

Não deveria.

Mas o faria.

Quando Zeke partisse, ela se entregaria a seu clã. Enviaria a sua mãe ao oeste com valentia e manteria a cabeça bem alta. Ocuparia seu lugar como rainha. Mas, antes de fazê-lo, seria o suficientemente egoísta para desfrutar daquele homem. Só uma vez.

OH, suas mãos. Nuala gemeu ao senti-las por seu corpo e estremeceu com suas carícias. Eram umas mãos elegantes, espertas, rápidas. Umas mãos que desejava beijar e que a torturavam com prazer até que mal podia respirar, nem pensar mais que em seus dedos sobre seus seios.

— Dado que não deveríamos fazer isto — Murmurou enquanto beijava o pescoço e deslizava as mãos por suas coxas — Deveria ser perverso?

Nuala se arqueou contra ele, desesperada por sentir suas carícias.

— Como faria isso?

— Poderia... — Deslizou a mão por seu lado e acariciou o seio com o polegar — Devorar seu seio. Quero pôr minha boca sobre você e absorver.

Só ouvindo essas palavras, o desejo da Nuala aumentou. Seus mamilos se endureceram como rochas, seus seios se incharam e sentiu um intenso comichão no ventre.

— Isso não é perverso — Disse com um suspiro, sentindo seu fôlego contra sua pele úmida.

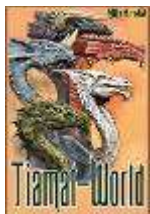
— Não é? Mmm. Talvez não queira que o faça.

Nuala não respondeu. Simplesmente o agarrou pela nuca e puxou. Pôde sentir que Zeke sorria enquanto beijava o seios e lambia o mamilo com a língua. Ela gemeu e se retorceu; agarrou-se a ele, sabendo que estava a ponto de cair. E, quando por fim devorou seu seio, quando absorveu enquanto deslizava os dedos para o triângulo de pelo situado entre suas pernas, derreteu-se. E gritou. Deslizou as mãos por seu corpo; por seus braços, suas costas, a curva de suas nádegas. Declarou-o seu território e sua conquista. Dela.

Pensava que não podia sentir mais. Enganava-se. Zeke deslizou os dedos em seu interior e desencadeou uma tormenta. Nuala gritou e jogou a cabeça para trás, apenas incapaz de segurar-se.

— Parece isto o suficientemente perverso? — Perguntou ele enquanto a acariciava até encontrar seu ponto mais quente. Seus dedos... Esses dedos toscos que criavam música em seu corpo. Não podia suportá-lo mais. Não podia estar-se quieta. Abriu as pernas e o convidou a entrar dentro dela.

— Não — Sussurrou — Não é o suficientemente perverso.



Então se lançou para seu jeans. Com dedos trêmulos, ajudou-o a desabotoá-lo e a tirar, seguiu depois com os boxers, até que ficou completamente livre. Até que pôde pôr suas mãos nele. Fechar os dedos brandamente sobre sua ereção quente, desfrutar com sua força, provocar seus gemidos enquanto respirava rapidamente em seu ouvido.

Era perfeito. Real, em um sentido que Nuala nunca tinha experimentado. Era a essência do sol, o som de uma tormenta, a força da mesma terra. Nuala o acariciou e sentiu as gotas de umidade que delatavam seu desejo. Encontrou a si mesma rindo, como se estivesse aprendendo a voar de novo.

— Nuala — Gemeu ele — Está me matando.

Ela voltou a rir, surpreendida de seu próprio poder, de sua paciência, do sentimento de comodidade que teve quando Zeke se acomodou entre suas coxas.

Beijou-a enquanto abria suas pernas e pressionava com seu membro. Torturou-a com prazer, dentro, fora, dentro, fora, até que Nuala ficou louca. Rodeou-lhe as costas com os braços e enredou as pernas ao redor de sua cintura.

Zeke a penetrou com tanta profundidade que pensou que não poderia suportá-lo. Nuala soube então que nenhum outro poderia voltar a possuí-la assim, que nenhum encontraria aquele lugar tão próximo a seu coração. As lágrimas se acumularam em seus olhos e ele as secou com beijos enquanto enredava as mãos em seu cabelo. Encontraram um ritmo comum, tão antigo como a terra que os rodeava. Murmuraram, com os olhos abertos, desfrutando de um do outro, agarrando-se enquanto ele a penetrava cada vez com mais força e fazia que seu desejo aumentasse. Até que jogou a cabeça para trás e gemeu. Até que explodiu em mil pedaços e ele gritou também ao tempo que se esvaziava dentro dela. Os dois ficaram exaustos, esgotados, saciados, um nos braços do outro, observados pelos pássaros e as dríadas, que sorriam nas árvores próximas.

— Está chorando — Disse Zeke.

Nuala não se moveu, aconchegada em seus braços.

— Sempre choro pelas coisas formosas.

E seu peito era formoso. Deslizava os dedos por seu pelo e pensava na cômoda que estava aconchegada no peito de um homem. Pensava que nunca queria mover-se.

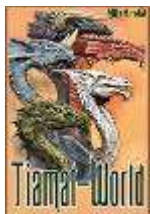
A corte da rainha se reuniria logo. Os pássaros já o advertiam com seus gorjeios. Mesmo assim, não queria abandonar a falsa segurança que tinha encontrado nos braços de Zeke. Não queria admitir que aquela poderia ser a única vez que fizessem amor.

Ele continuava acariciando-a com suavidade. Nuala descobriu que adorava aquelas carícias, tão diferentes de qualquer outra coisa que conhecia, tão seguras, tão suaves.

— Suponho que não poderíamos saltar o banquete — Murmurou ele — Ficar aqui e voltar a ser perversos.

Nuala sabia que não se dava conta do muito que doíam suas palavras.

— Temo que não — Disse ela — Já esgotei a paciência da rainha. Devemos aparecer para que nos comunique sua decisão.



— Eu não quero. Quero ficar aqui deitado e fingir que temos todo o tempo do mundo... Só nos dois.

Nuala se incorporou sobre um cotovelo para poder olhá-lo. Não podia escapar.

— Me acredite quando te digo que nada eu gostaria mais, Zeke. Mas não pode ser. Rezo à deusa que nos criou para que a rainha mostre um pouco de sentido comum e te deixe partir.

E, quando o fizesse, pediria à rainha que apagasse de Zeke a lembrança de seu tempo juntos. Do contrário, só poderia fazer mais mal e perpetuar sua crença de que todos os que o queriam partiam. Ela tinha que partir. Não tinha escolha. Quão último desejava era que ele sofresse por isso. Mesmo assim, nos cantos mais egoístas de seu coração, desejava que Zeke importasse o suficiente para fazer justo isso.

Que o recordasse. O qual se asseguraria de que não acontecesse.

— Está segura de que quer que vá? — Perguntou ele.

— Seu lugar está com Jake, com Gen e com Lee. Já sofreu o bastante. Eles não poderiam suportar te perder.

— E se eu não posso suportar perder você?

Nuala teve que fechar os olhos.

— Sinto muito. Mas não há outra maneira — Abriu os olhos de novo e o olhou — Prometa isso Zeke. Me prometa por sua família que, se a rainha te perguntar se deseja ficar, dirá que não. Se não o fizer, jamais terá outra oportunidade.

— Está segura?

Nuala colocou a mão sobre sua bochecha e tratou de controlar as lágrimas. — Sim. Estou segura.

Zeke não respondeu. Nuala não podia obrigá-lo; não sem delatar-se.

— Não. Obrigado.

Estava de pé frente à rainha, que se encontrava sentada em seu trono de cristal, um trono perfeitamente desenhado para intimidar o suplicante, que era ele.

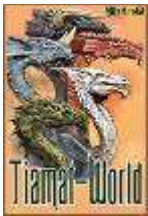
— Não deseja ficar aqui? — Perguntou Mab com voz suave. Sustentava uma taça de ouro em uma mão e um ramo de carvalho na outra — Comigo?

— Nem sequer com você, Alteza. Sinto muito.

Nuala estava de pé junto a sua mãe, rígida e firme com sua coroa de flocos de neve e sua capa cinza. Mas não estava permitido olhar o Zeke. A rainha não queria que sua filha o influenciasse. Ao outro lado se encontrava aquele menino, Kieran, com seus olhos sábios e sua presença grave. Se realmente era o profeta, Zeke desejava perguntar o que pensava. Mas o menino simplesmente estava ali de pé, calado e com atitude solene.

A rainha se manteve calada, vários segundos, pensando. Finalmente, levantou o ramo de carvalho e disse:

— Ah, mas não terminei com você, pequeno homem. Não me proporcionará diversão alguma se simplesmente partir. E uma rainha a ponto de deixar seu cargo necessita diversão.



Zeke viu como Nuala estremecia e como o menino franzia o cenho. Pela extremidade do olho viu o sorriso felino de Orla e a cara de satisfação de Darragh. Parecia que a oposição procurava um pouco de sangue.

— Ouviste a história da Tam Lin? — Perguntou a rainha.

— Tam Lin? — Repetiu ele — Acredito que sim. Minha cunhada recolhe essas histórias. Não é o cara que foi sequestrado por... ? OH.

A rainha sorriu com frieza.

— Isso é — Disse — Sequestrado pela rainha das fadas. Resgatado pela jovem dama que o amava. Teve que superar três provas. Três vezes teve que demonstrar seu amor por ele, apesar de que a rainha o entregou a umas bestas que puderam tê-lo matado. A garota teve que demonstrar sua coragem, sua lealdade e sua pureza. Se não o obtinha, Tam Lin seria da rainha para sempre. Mas o conseguiu. Foi fiel ao jovem durante todas as provas. Está disposto a sobreviver a provas assim?

Zeke estava um pouco confuso.

— Por quem desejam que passe essas provas?

— Não lhe disse isso? — Perguntou a rainha — Por Nuala, é obvio. Deve ser fiel durante as provas. Se se mantiver tão sincero como aquela garota com nosso desaparecido Tam Lin, então será livre. Se não, passará a me pertencer. E eu não devolvo meus brinquedos, pequeno homem.

— Tenho escolha?

A rainha deu de ombros e disse

— Poderia ficar.

— E poderia levar isso comigo, como Tam Lin?

— Bom, talvez essa seja uma das provas. O que diz?

Zeke assentiu.

— Já combati muitas bestas em minha vida. Aceito o desafio.

— OH, mas pode que não reconheça a essas bestas — Disse a rainha com um sorriso perverso.

— Milady — Protestou Kieran, o menino.

— Não — Disse ela — Está decidido. Você é o profeta, menino. Não a rainha. Você mesmo disse que não mudaria nada.

O menino abriu a boca, pareceu pensar uns segundos e então simplesmente assentiu.

— Sim, milady.

— Grandioso — Disse a rainha — Grandioso. Não te parece, Orla?

De repente Nuala explodiu.

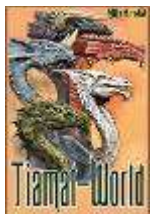
— Não!

Mab se voltou para ela.

— Ele aceitou — Disse.

— Por favor...

— Esta também vai ser sua prova, Nuala. Confronte-a ou se converta em nada.



Zeke viu a tortura nos olhos de Nuala. Quis saltar para protegê-la, sem nem sequer saber do que. Foi o menino quem o dissuadiu com seu olhar e com o movimento de sua cabeça. De modo que ficou onde estava.

O silêncio se alargou até fazer-se incômodo. Orla emergiu de entre as sombras.

— Aqui estou, milady — Disse, sem deixar de olhar para Zeke.

— De acordo — Disse a rainha, e ficou em pé para dar consistência de sua presença e de seu poder — Amanhã, depois da comida. Depois de tudo, temos assuntos dos que nos ocupar pela manhã.

— Amanhã o que? — Perguntou Zeke.

— Amanhã é o começo — Respondeu a rainha — E só você saberá qual é o final, pequeno homem. Só você.

Capítulo 08

Zeke desejava que alguém dissesse que diabos estava acontecendo. Meteu as mãos nos bolsos e ficou olhando o céu. A rainha se retirou fazia tempo e levou a suas filhas consigo.

Parte da corte tinha seguido Zeke a casa de Michael, onde se supunha que devia passar a noite. A rainha se encarregou de recordar onde tinha que dormir.

Estava de pé frente à porta de Michael, mas não se decidia a entrar. Tinham ocorrido tantas coisas em tão pouco tempo que precisava restabelecer seu equilíbrio.

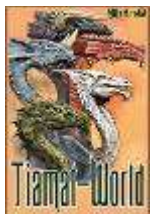
Era real aquele lugar? Era Nuala? Ainda podia ouvir a música de seus suspiros enquanto a penetrava. Sentia a seda de seu cabelo entre os dedos, a textura de seus seios. Juraria que podia ouvir sua respiração, quando só era a brisa.

Sabia que devia pensar na prova que tinha que acontecer, mas preferiria ir procurar Nuala e perder-se com ela no claro junto ao arroio. Ardia de desejo por voltar a estar dentro dela, a cheirar as flores em seu cabelo, a saciar-se com a suavidade de sua pele. Excitava-se só pensando-o.

Não era nenhum monge. Qualquer que o conhecesse estaria encantado de verificá-lo. Mas, se tinha a coragem, admitiria que jamais havia se sentido assim antes. Como se estar um minuto afastado dela fosse muito. Como se queria escavar debaixo desses olhos verdes e descobrir seu segredo. Só desejava estar com ela.

Olhou para a escuridão e se perguntou se poderia encontrar sua casa apoiando-se em seu instinto. Perguntou-se se teria guelra para tentá-lo. Estava seguro de que a rainha não faria graça se o fizesse. Estava inclusive mais seguro de que a horda de fadas que o tinha seguido até ali ficaria em seu caminho.

Simplemente não estava seguro de que existisse realmente uma horda de fadas, e muito menos uma rainha. Não estava seguro de não estar agasalhado na cama da pensão da senhorita O'Brien, sonhando tudo. Mas, pela primeira vez, odiou essa ideia. Não queria pensar que Nuala



não fosse real. Não queria acreditar que seu sorriso era uma fantasia e que as sensações que tinha quando estava com ela eram falsas.

E por essa razão precisamente devia esperar que fosse um sonho, pensou enquanto esfregava a testa. Quão último desejava era implicar-se com alguém como Nuala. Tinha lugares aos que ir, gente morta a que desenterrar.

— Perdão — Ouviu que dizia alguém atrás dele.

Era o menino, Kieran, com seu sorriso seguro.

Zeke se voltou para ele.

— Não é um pouco tarde para que esteja levantado?

— Aqui não — Respondeu o menino — Nem sequer tenho que fazer deveres.

— É porque tem muitas coisas que profetizar? — Perguntou Zeke, e olhou a seu redor uma vez mais — Você sabe o que está acontecendo?

— É obvio — Disse Kieran — É meu trabalho.

— E pode me dizer?

— OH, não. Temo que não. São as regras, já sabe.

— Não, não sei. Esqueceram-se de me dar o manual de instruções das fadas quando cheguei.

— Bom, se tivéssemos sabido que vinha... — O menino sorriu de novo.

Zeke desejou poder ter o tempo para conhecer bem a aquele menino. Pensava que se levariam bem.

— Quer dar um passeio comigo? — Perguntou Kieran — Seguro que minhas babás querem ir para casa, e eu não quero me deitar ainda.

— Se me falar de basquete — Respondeu o menino.

As fadas se esfumaram na noite e Kieran o seguiu por um atalho.

— O que acontece? Aqui não encontra seguidores do Shaquille O'Neal?

— Não muitos. Gostam mais da música e essas coisas.

— E você?

— Se pudesse pedir um desejo, pediria ser mais alto. Assim poderia jogar — Com seu olhar brilhante, Kieran por fim pareceu um menino normal que, apesar de seus poderes, estava fora do lugar ali — Sonho dominando a bola, como Yao ou Michael Jordan. Ou jogar com os Knicks de Nova Iorque. Uma vez pude ir a uma partida quando estive nos Estados Unidos visitando uns parentes. E no castelo o vemos por satélite.

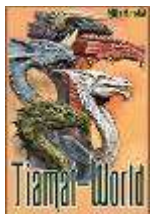
— Quer dizer que aqui não o vê?

— OH, não. Interfere com os sentidos das fadas. Se querem ver o mundo exterior, simplesmente vão.

— Então você... Vai de um lado a outro todo o tempo?

— Mais ou menos. Tenho que voltar para colégio depois das férias. Tenho um exame de história.

— Férias?



— Todos os Santos. O dia depois do Samhain... Halloween, que é dentro de três dias.

— E não se sente um pouco desorientado? — Perguntou Zeke.

— Não conheço outra maneira — Respondeu Kieran encolhendo os ombros. Seguiram caminhando.

— O que queria dizer a rainha com isso de que não mudaria nada?

Durante vários segundos, Kieran se manteve calado.

— Queria dizer que deve encarregar-se de você mesmo, senhor Kendall. O resto são assuntos das fadas.

— Assuntos das fadas? Nuala é uma fada. Acaso não é meu assunto?

— Não — Disse o menino — Realmente não. Ela já disse. Deve ficar e você partir. O resto não deveria o preocupar. Afinal, não há nada que possa fazer para mudá-lo.

Zeke se deteve na metade do caminho. O menino não havia dito nada adverso, mas sabia que algo estava errado.

— O que é o que não está me contando? Está em perigo? Está Nuala?

— Não é meu lugar, senhor Kendall — Disse o menino negando com a cabeça.

— O meu tampouco, evidentemente. Mas acredito que vou transformá-lo em meu.

— Não — Disse Kieran — Por favor. O melhor que pode fazer é ir-se.

— E se de repente não quero ir? E se digo que vou falhar nas provas?

Aquilo pareceu assustar mais o menino.

— Se perder nas provas, será propriedade da rainha. Não poderá ajudar a nada nesse caso. Deve ser livre.

— Mas como poderei ajudar se parto?

Kieran olhou a seu redor, para assegurar-se de não ser ouvido.

— Não posso dizer, vejo os padrões, os possíveis desenlaces, não os caminhos para chegar a esses desenlaces. Não sei o que ajudará e o que não. Só sei que não ajuda a ninguém ficando como consorte não disposto. Por favor, deve me acreditar. Eu pertenço aqui. Você não. Nuala tem razão.

— E não vai me dizer por que isto é tão importante?

Kieran negou com a cabeça e Zeke teve que recordar-se que afinal estava tratando com um menino.

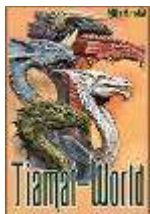
— Obrigado — Disse — Tenho a sensação de que, ao dizer isso, enfrenta à rainha.

— Seja fiel a si mesmo e o conseguirá — Disse Kieran — Isso é tudo o que posso lhe dizer. Mas recorde-o em todo momento.

— Farei-o. E algum dia, quando nos encontrarmos no mundo real, terá que me dizer o que não pôde me dizer esta noite. Finalmente, o menino sorriu.

— Tomaremos algo de beber e me mostrará as fotos de seu bebê — Disse, e Zeke soube que, por alguma razão, seria assim. Se o desastre que prediziam aqueles olhos jovens não chegava a acontecer.

E então, como o resto de seres naquele mundo, o menino simplesmente desapareceu. Zeke



suspirou; estava um pouco cansado desse truque. Mas, quando tomou um segundo para olhar a seu redor, deu-se conta de que tinham caminhado até a porta de outra das pequenas casas. Esta tinha flores sobre a porta e uma grade branca ao redor.

Zeke não sabia como o tinha feito, mas tinha encontrado a casa de Nuala. Não só isso, mas também ela estava de pé na porta. Zeke não duvidou em aproximar-se.

— Não — Disse ela com voz tranquila e olhar perdido nas sombras — Tem que voltar para casa de Michael.

Zeke ficou ali durante uns segundos, com a mão na porta da grade.

— Não pode falar a sério e desejar que parta.

Acreditou ver um sorriso em seu rosto.

— Não seja absurdo. O desejo não tem nada que ver com isto. Não pode estar aqui agora. Kieran deveria tê-lo sabido e te ter levado em outra direção. Agora vá, Zeke, por favor.

Zeke não se moveu. Em vez disso, começou a recriar fantasias em sua mente. Em sua imaginação, percorria o caminho até a porta sem deixar de olhá-la, estirava os braços para tocá-la e deslizava os dedos por sua face, por seu pescoço. Finalmente, chegava a seus seios, que de repente estavam nus.

Podia saboreá-los de novo com a língua. Podia cheiraria e sentir seu cabelo nas mãos. Podia ouvir sua respiração entrecortada enquanto a amava. Enquanto se enchia as mãos com ela, enquanto torturava a si mesmo pressionando sua ereção contra ela. Quente, úmida, misteriosa...

— Para! — Gritou ela, e Zeke se encontrou de novo na grade, com as mãos firmes sobre a madeira. Parecia como se Nuala tivesse lágrimas nos olhos — Por favor. Não o faça. Não posso tolerá-lo.

Zeke mal podia respirar; desejava-a tanto que pensava que ia explodir. Mas viu a dor em seus olhos e soube que tinha razão.

— Sinto muito.

Deu a volta para ir-se. Já tinha começado a afastar-se da grade quando a ouviu.

— Eu também sinto.

— Minha paciência está se esgotando, Nuala — Disse a rainha da cama — Nem sequer saiu a lua.

Nuala manteve seu lugar aos pés da estrutura de carvalho.

— O profeta esteve caminhando, minha rainha. Está preocupado, e não só pelo assunto de meu convidado.

Mab observou a sua filha

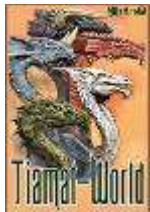
— E acredita que eu sei por que?

— Por isso retornou tão cedo, não é?

— É um assunto da rainha, Nuala.

— Eu vou ser rainha.

— Mas ainda não.



— Cheiro algo no vento — Insistiu Nuala — Algo que cheira a sulfureto e a ameaça. Algo que corresponde a mais pessoas, não só à rainha.

— Mas algo que só a rainha pode arrumar. Que saiba que tenho o controle sobre minha corte, Nuala. Tudo está preparado para possíveis adversidades. Sua missão ainda é a de aprender, não governar.

Nuala ficou de pé frente a sua mãe, angustiada pela insistente sensação de desastre que tinha povoado sua mente desde que viu Kieran junto a seu jardim falando com Zeke. O profeta estava preocupado, e Nuala não podia deixar de pensá-lo.

— Então espero que suas decisões sejam soberanas, mãe.

Sua mãe se negou a responder. Nuala não pôde fazer nada salvo partir depois fazer uma reverência. Mas não pôde livrar-se da sensação de desastre iminente.

Ainda estava amanhecendo quando Zeke saiu de casa de Michael. Era hora de ocupar-se dos cavalos, coisa que gostava de fazer. Afinal, um cavalo era um cavalo, mágico ou não, e os sons e aromas o reconfortavam. Era o mais perto que havia se sentido de casa em muito tempo. Era um vínculo com sua família e com o rancho onde se criou.

Michael já tinha partido aos pastos para quando Zeke se levantou, de modo que tomou o café da manhã que tinha deixado preparado e pensou que seria melhor trabalhar antes de enfrentar-se à prova da rainha.

Quando saiu de casa, o sol já era de cor dourada e os pássaros cantavam alegres.

Ele assobiava, com as mãos nos bolsos, olhando para o sol, quando esteve a ponto de tropeçar com algo que havia no caminho.

— OH — Disse recuando a um lado — O sinto.

Orla tinha aparecido de um nada, e dirigiu um sorriso que produziu calafrios.

— Você gosta da manhã — Disse ela . É um momento maravilhoso do dia, não é? Um momento de começos. Um momento de... — Pareceu suavizar-se, como se dissolvesse um pouco na neblina e adotasse uma nova forma que Zeke não podia deixar de olhar — De antecipação.

Zeke piscou sem deixar de olhar seus olhos felinos. Teve a sensação de que já não estava no caminho.

— Bom dia — A saudou.

— Bom dia. Posso caminhar contigo?

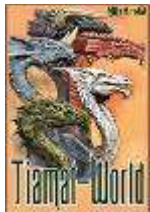
— Claro. Vou encarregar me dos cavalos.

Por um segundo, Orla pareceu alterar-se, mas depois relaxou de novo.

— Ah — Disse — Umas bestas magníficas, os cavalos. Eu gosto. Sobre tudo os garanhões.

Sua postura trocou sutilmente, até que pareceu como se o tivesse envolto em seus braços apesar de estar a meio metro de distância. Zeke sentiu os primeiros sintomas do desejo; começou a ver as imagens decadentes em sua mente.

— Sim — Sussurrou ela sem deixar de sorrir — Sim. Justo assim, meu adorado mortal. Se afunde nelas. Se deslize dentro de mim como em um banheiro quente, como se fosse uma cama



deliciosa. Veem comigo e conhece o verdadeiro significado do êxtase...

Zeke não podia sentir a terra sob seus pés. Já não ouvia os pássaros. Só ouvia sua voz. Uma voz como a fumaça, as sombras e o pecado. Uma voz que desencadeava as imagens em sua cabeça e o desejo em seu corpo. Por que não confiava em seu desejo? Por que não o seguia sem mais? Não estava seguro, mas algo o impedia.

Orla tinha uns dedos largos com unhas vermelhas. Tinha uma boca inteligente que podia acabar com a força de um homem. Tinha voz de sereia e um corpo sedoso. Uns seios firmes, uma cintura estreita e quadris redondos; e umas pernas longas que pareciam ter o poder de romper um homem. E oferecia tudo, do vermelho de seus lábios até as doces profundidades escondida entre suas coxas. Oferecia-lhe os sonhos mais escuros que Zeke tinha tido.

Viu tudo. Apesar de tê-la diante com seu vestido dourado e seu sorriso felino, ouvia o clímax em sua voz e cheirava o sexo no ar. Advertiu como sua voz o envolvia como uma aranha que apanhava a sua vítima indefesa.

Soube em poucos segundos e encontrou a si mesmo assombrado. Porque, por muito legendária que fosse sua habilidade, por muito que sugeria que resultasse o sexo que prometia, não se deixou afetar.

De repente estava de novo no caminho, com as botas cobertas de pó, com a camisa de flanela apertando os pulsos e com o desejo completamente adormecido.

Por um instante, perguntou-se por que. Depois de tudo, Orla estava oferecendo o que sempre tinha desejado do sexo. Exercício exaustivo, atlético e simples. Oferecia o corpo mais espetacular que jamais tinha tido o privilégio de contemplar. Oferecia luxúria viciadora em estado puro.

E ele não o desejava.

Não era que não se desse conta de quão tentadora fosse a oferta. Qualquer outro dia teria saltado de felicidade diante a oportunidade de poder desfrutá-lo. Mas aquele não era qualquer outro dia. Era o dia depois de ter feito amor com Nuala.

E essa era a diferença. Teria tido sexo com Orla. Um sexo magnífico, provavelmente legendário. Mas havia feito amor com Nuala. E não havia comparação possível.

— Obrigado pelo convite — Disse com um sorriso, tentando ignorar o pânico que sentia no peito — Mas temo que não estou interessado.

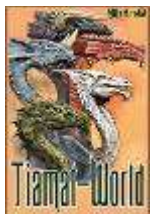
De repente, como uma borbulha, as imagens explodiram. Os olhos de Orla se abriram mais e de repente uma nova imagem se abriu passo diante ele.

De repente Orla estava de joelhos no caminho, frente a ele, o agradando enquanto devorava seu pênis e deslizava a mão por sua coxa nua.

— Não — Foi quão único Zeke pôde dizer enquanto se afastava.

A imagem desapareceu tão depressa que esteve a ponto de tropeçar, e viu que Orla continuava de pé diante ele, com expressão neutra e os punhos apertados.

— Sinto muito — Disse ele, e em certo modo era verdade. Sentia-o. Como desejaria poder sentir-se satisfeito com o que lhe oferecia. Sexo animal e primário. Agradar sem nenhum



propósito mais que o de ficar satisfeito. Em vez disso, deu um passo, depois outro, até passar frente a ela. Até deixar de cheirar sua essência. Até que seu coração se acalmou e só pôde pensar nos cavalos.

Atrás dele, Orla ficou assombrada. De repente seu coração se acelerou. As mãos começaram a suar e sentiu o medo em suas costas.

Tinha-a rejeitado. A ela, à legendária leannan sidhe. Ele tinha saboreado cada pecado que tinha devotado e simplesmente partiu. E ao fazê-lo, tinha-a condenado. Porque, se uma leannan sidhe não podia escravizar um mortal, ele escravizava a ela.

Sentiu como crescia em seu interior, como uma névoa desconhecida que ao princípio não pôde nomear. Algo afiado como o cristal e pesado como a noite. Algo que doía. Doía muito no peito. Algo que de repente reconheceu como o que era.

Desejo. Necessidade. O fogo da frustração.

Esteve a ponto de voltar-se para ele. De rogar. Não. Arrancaria a pele antes que rogar. Sabia que o faria. Mas a necessidade aumentava e ia devorando-a por dentro como o fogo.

— Era sua prova, Mab — Disse, sabendo que em parte não era certo — Não pode fazer que sua filha sofra as consequências.

Nunca tinha chorado em todos seus anos de existência. Sempre tinha considerado que as lágrimas eram as ferramentas de uma mulher fraca. Mas então as sentiu na garganta, na boca e nos olhos. Estremeceu. Levou as mãos ao peito, como se pudesse arrancá-la.

— Não me faça isto — Exigiu, e se horrorizou o tom lastimoso de sua voz.

Não podia suportá-lo. Ela, que tinha governado sobre seu pequeno reino com impunidade, lutava contra a ruptura de sua alma. Ela era a leannan sidhe. Mas doía tanto que esteve a ponto de dar a volta. De sair correndo atrás dele, de afastá-lo dos cavalos que ela tanto odiava e de tentar chamar sua atenção.

— Mab!

Não podia manter-se de pé. Não podia ficar quieta. Não podia sobreviver a aquilo. Sentia-se aflita por seu peso.

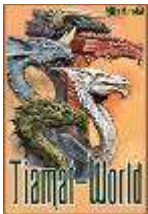
— Tem razão — Ouviu a voz de sua mãe em sua cabeça — Não deveria ter que pagar o preço. Fica livre, Orla. Assim o declaro.

E desapareceu tão depressa que Orla se encontrou de joelhos, como se Mab tivesse cortado os fios. Ficou ali, feito uma bola, com os dedos e o cabelo na terra. Não podia despojar da lembrança do que acabava de acontecer. Aquela necessidade terrível que tomou conta dela. Não podia ignorá-lo nem esquecê-lo, como se a tivesse marcado de algum modo.

E como poderia ser leannan sidhe se sabia o que era sofrer a escravidão do desejo? Como poderia ser ela mesma se empatizava com aqueles aos que escravizava?

Ela era a leannan sidhe. E mesmo assim de repente aquilo soava a nada.

Antes tinha pensado que estava horrorizada. Mas não tinha nada a ver com o que sentiu depois. Como sobreviveria? O que faria? Como continuaria com aquela mancha sobre seu futuro?



Lentamente, Orla levantou a cabeça. Tinha o sabido desde o começo, é obvio. Ela deveria ser rainha. Agora, mais que nunca, sabia. Nuala jamais teria a força necessária. Se Nuala tivesse sofrido aquela enfermidade da alma, teria posto em perigo seu critério. Teria confundido suas prioridades. Teria se deixado levar por algo que nunca poderia ter, algo impróprio de uma rainha como ela.

Orla tinha que assegurar-se de que ocorresse. Tinha que assegurar-se de que Zeke Kendall fracassasse. Se não, temia que Mab desse a escolha a Nuala. E, se Nuala deixava que Zeke se fosse, herdaria o trono com a força de seu martírio. Seria rainha, mas não saberia reinar como devia.

Mas, se Zeke Kendall perdesse, sempre estaria a seu alcance, embora não poderia tocá-lo. Não importava quão forte fosse Nuala, não era o suficientemente forte para isso. Não poderia suportar a ideia de não poder tê-lo e pensar que sua mãe sim. E Orla conhecia o suficientemente bem Mab para saber que, se ganhava o mortal, nunca renunciaria a ele.

Por outra parte, depois dos fatos daquela manhã, Orla sabia que ganhou os poderes necessários para ser rainha. Não só tinha a magia e a beleza, e sim a falta de piedade. Isso nunca tinha estado em dúvida. Mas esse dia, sem se dar conta, a rainha tinha dado o que parecia ser o mais benéfico. Orla por fim conhecia a raiva que uma rainha necessitava para aniquilar a aqueles que se opunham a ela.

Orla estaria encantada de fazer isso. Durante comprido momento ficou onde estava, no chão, muito quieta, sopesando todas e cada uma das opções que tinha para chegar ao trono. Considerou também as opções que não tinha. Recuperou a força e tomou uma decisão que sabia que estava predestinada. Então, lentamente, ficou em pé.

Tinha que voltar para casa para poder trocar-se. Tinha manchas de terra no vestido que delatariam o que tinha ocorrido nos últimos minutos, e nenhuma rainha que se apreciasse exporia a si mesma desse modo. Depois faria uso de seus recursos para pôr em marcha seu plano para chegar ao trono.

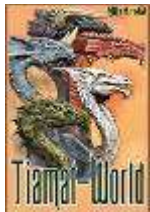
Era o momento de contatar com as Dubhlainn Sidhe.

Capítulo 09

Nuala poderia ter reconhecido sem problemas os sentimentos que guardava sua irmã. Afinal, Zeke a tinha enfeitiçado fazia tanto tempo que já não recordava um momento no que não o tivesse desejado. Tinha suportado a dor do desejo sempre e não podia imaginar livrar-se dele.

Nunca conseguia dormir tranquila, sobre tudo depois de ver Zeke de pé em seu jardim, como em resposta a um sonho... Ou como a pior tentação que poderia sofrer.

Sabia que uma rainha devia pôr a prova seu mérito. Embora tinha tido dúvidas, nunca tinha sido plenamente consciente de que talvez não fosse merecedora. Porque, na escuridão da noite, encontrou a si mesma assediada pelas dúvidas. Poderia entregar-se realmente a sua gente depois



de perder Zeke? Poderia ser fiel ao que era, sabendo que passaria o resto de sua vida naquele plano sentindo falta do outro?

Sinceramente não sabia. De modo que fez o que tinha sentido. Cumprir com suas tarefas. Quando sua mãe proibiu o acesso a Zeke até depois de sua primeira prova, obrigou-se a ajudar Sorch a ensinar às crianças a história das fadas.

Aquele dia deviam repassar a chegada dos Milesios, ferreiros que tinham reduzido às Tuas a viver na terra. Mas fazia um dia precioso e as crianças não eram imunes aos efeitos do sol. Quando Nuala chegou, Sorch já parecia esgotada.

— Asseguro-te que há dias nos que desejaria poder me encarregar dos cavalos — Disse Sorch — Seria menos cansativo.

Nuala observou as crianças revolucionadas e sorriu.

— OH, Sorch, nós também fomos assim — Disse.

— Não pretenderá me fazer sentir pena pela velha mãe Moira, não é? — Perguntou Sorch rindo — Grande trol era. Ainda me estremeço cada vez que ouço assobiar o ramo de um salgueiro.

— Sem dúvida porque sempre o merecia.

— É uma triste carga ser mais sábia que uma professora aplicada — Disse sua irmã com um sorriso ímpio — não é?

Mas Nuala não respondeu. Simplesmente franziu o cenho.

— Perdeu sua cor, mo chroí. Está preocupada?

— Como não vou estar? — Perguntou Nuala — Me proibiram interferir. E ele me necessita.

Tinha medo. Não sabia o que teria em mente sua mãe para a prova de Zeke, mas sim sabia quão perversas podiam ser Mab e sua irmã Orla. O pior era que Zeke era honrado. Poderia ganhar em seu próprio jogo? Poderia vencer e ser livre?

Realmente desejava que o fizesse?

— Sim. Assim é — Disse Sorch — É muito duro para uma mulher saber tal coisa.

— Sorch?

Sorch negou com a cabeça.

— Sabia que Darragh esteve te seguindo? Nas sombras, onde não pode vê-lo.

Nuala tampouco queria saber isso.

— Não tem razão para fazê-lo — Disse.

— Está com ciúme, Nuala. E com todo o direito.

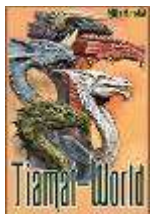
— Mas não ciumento de mim. Ciumento de seu posto. Mas o terá, apesar de tudo. Não sabe o muito que sinto que a corte o escolhesse para mim.

— Sim que posso — Respondeu Sorch com um sorriso triste.

— Não é o suficientemente bom para você, Sorch. Merece a alguém que não se mostre sempre petulante e rancoroso.

Quando Sorch se voltou para ela, tinha lágrimas nos olhos.

— Acredita que não sei? Acredita que não desejo mil vezes ao dia poder me apaixonar por outro? Alguém que seja mais forte que eu?



— OH, poderíamos demonstrar — Disse Nuala lhe secando as lágrimas — Você poderia ser rainha em vez de mim, e assim ficaria com ele.

— Nem sequer pelo Darragh desejaria essa maldição. Cedo-lhe isso gloriosa, irmã. Você tem o coração e a força necessários.

Mas Nuala não respondeu. Porque uma vez mais estava questionando-se se isso era certo.

— Não teria sido fantástico que tivéssemos amado onde devíamos? — Perguntou Sorchá — Você poderia amar Darragh, e eu poderia amar... OH, não sei. Aí está Tearsigh. É um moço vistoso. E ninguém melhor que um elfo no campo de batalha.

Nuala estava tão comovida pelos lamentos de Sorchá que quase ignorou o significado de suas palavras. Tearsigh? Campo de batalha? Deu a volta e viu que, em efeito, Tearsigh estava passando seguido de uma tropa de guardas. De repente o coração deu um tombo.

— Tearsigh? — Dirigiu-se ao capitão, um elfo alto de olhos negros com ombros largos e uma habilidade legendaria — Está preparado?

Tearsigh se deteve e as saudou.

— Sim, milady. A rainha o ordenou e nós obedecemos.

— Bem — Respondeu ela, como se soubesse do que estava falando — Bem. Deu-te algum tipo de prazo?

— Não. Só deu a alerta.

Assim que sua mãe não tinha mentido. Tinha estado preparando-se. Nuala não sabia para que, mas Mab havia dito que eram assuntos da rainha. Ela só podia observar e preocupar-se. E perguntar-se o que teria que ver aquilo com as provas de Zeke.

— Obrigado, Tearsigh — Disse assentindo com a cabeça — É nosso capitão mais leal. Pode seguir.

O capitão deu uma ordem e os guardas seguiram seu caminho.

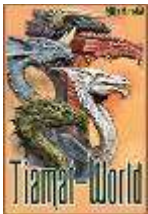
— Nuala? — Perguntou Sorchá em voz baixa — O que é o que sabe?

— Nada — Respondeu Nuala. Nada salvo o fato de que se equivocou ao pensar que Zeke poderia ficar. Havia algo no vento, e nenhum mortal poderia suportá-lo — Nada salvo que é hora de que Zeke se vá.

Zeke trabalhou com os cavalos toda a manhã; primeiro os escovou até que estiveram lustrosos e depois os passeou pelos prados e as colinas.

Poderia ter se imaginado que estava em casa, se não tivesse sido pelo fato de que ao redor daquelas colinas não havia montanhas escarpadas; nem pelo fato de que fossem as fadas as que haviam freado a aqueles cavalos para que ele pudesse escapar ao que tinha ocorrido antes.

Não só à tentativa de sedução de Orla, mas também sua reação. Não a tinha rejeitado por esgotamento ou falta de interesse. Havia feito pela Nuala. Pelo que tinham compartilhado. Não só seus corpos, mas também algo mais. Algo perigosamente bom. Algo que desejava voltar a provar. Algo que fazia que fosse horrível a ideia de partir. E nunca em sua vida uma mulher havia feito sentir assim.



Em que diabos estava pensando ao dizer a Kieran que talvez queria ficar? Queria partir. Se não o fazia, talvez fizesse algo absurdo que arruinasse sua vida para sempre. Algo tão estúpido como apaixonar-se.

Entre suas pernas, o cavalo cinza ao que estava montando se estirou para encarar uma colina a toda velocidade. Era o terceiro cavalo que provava, e parecia como se todos soubessem o que necessitava e estivessem dispostos a oferecê-lo. Mas, sem importar seus problemas, Zeke nunca havia machucado um cavalo em sua vida. De modo que fez que o animal voltasse para trote tranquilo e o conduziu de volta a casa.

— Sinto muito, companheiro — Se desculpou lhe acariciando a crina — Não queria descontar em você.

O cavalo agitou a cabeça, como se o entendesse.

— Mas seria agradável sentir que sei o que está acontecendo — Murmurou ele — Nuala desaparece, a rainha não quer me ver, e eu fico aqui, descarregando minha frustração com animais bobos.

Obviamente o cavalo não era tão bobo. Deteve-se em seco e começou a girar como um cavalo de circo, fazendo o possível por jogar Zeke no chão.

— Terá que tentá-lo com mais força — Disse Zeke rindo — Aprendi a montar quando você ainda era um potro.

O cavalo se deteve e Zeke se baixou para olhá-lo.

— Não queria te insultar — Disse — É só que... — Mas negou com a cabeça, muito aflito pela situação para poder verbalizá-la.

— É só que quer levar a nossa Nuala.

Zeke levantou o olhar.

— Foi você? — Perguntou ao cavalo — Claro que sim. Por que agora me fala?

O cavalo o olhou fixamente. Não abriu a boca, mas Zeke ouviu as palavras de todos os modos.

— Rejeitou à princesa — Disse o animal com voz profunda e suave.

Sim?

— A Orla.

— Ah — Zeke deu de ombros, desconcertado — Não é meu tipo.

— Então tenho razão — Disse o cavalo — Se trata de lady Nuala.

— Isso não é um tema de debate — Respondeu Zeke.

Durante uns segundos, o cavalo pareceu pensar nisso.

— Damos-lhe boa vinda, mortal — Disse finalmente.

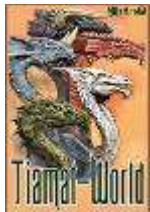
— Por quê?

— Porque viu a verdade.

— Rejeitei uma mulher que procurava passar um bom momento, nada mais.

— É o primeiro.

— O primeiro o que?



— O primeiro mortal que a rejeita. O primeiro que distingue o ouro da escória. Meu nome é Cadhla. Enquanto esteja aqui, eu serei seu cavalo.

— Cadhla?

— Significa bonito — Disse o cavalo.

— É obvio — Disse Zeke — Bom, é uma honra.

— Você como se chama?

— Quase todos os mortais me chamam Zeke. Mas os Hopi me chamam Muuyaw. É sua palavra para designar a lua, mas o que realmente significa é “Homem estúpido que vai por aí sem casa”.

— E esse nome te quadra mais?

— Começo a acreditá-lo — Respondeu Zeke com um suspiro.

— Agora monte — Disse o cavalo — A rainha te busca.

Zeke olhou a seu redor para assegurar-se de que nenhum mensageiro tivesse chegado no alto da colina. Mas quem era ele para discutir? Sem dúvida os cavalos das fadas tinham canais especiais de comunicação.

— É hora da prova, não? — Perguntou Zeke — Algum conselho?

— Seja fiel a si mesmo.

Zeke suspirou.

— Sim. Isso já o ouvi.

Mesmo assim, não podia ignorar a ansiedade que ia comendo-o por dentro enquanto cavalgava sobre Cadhla. O cavalo tinha razão. O profeta tinha razão. Tinha que ganhar a prova para poder partir dali.

— Bom dia, milady — Disse a Mab poucos minutos depois, depois de descer do cavalo — Estamos preparados para o primeiro desafio?

— Obrigado por trazer o mortal, Cadhla — Disse a rainha. Seu consorte estava de pé a seu lado, e vários membros da corte se reuniram para observar entre as árvores. Os pássaros cantavam nos ramos e havia ao menos dois coelhos mordiscando o trevo. O céu, como sempre, mostrava-se azul com algumas nuvens brancas, e as flores silvestres cobriam a grama. Não era o típico salão do trono que esperaria qualquer humano — Recorda qual é a natureza das provas?

— Algo sobre lutar com as bestas.

— E as reconheceria se as visse?

Zeke olhou a seu redor, mas não viu a face que procurava.

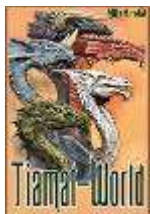
— Onde está Nuala? — Perguntou — Como posso lutar por ela se não estar aqui?

— Não precisa que esteja presente.

— Sim — Respondeu ele — Acredito que preciso.

A rainha deliberou durante um minuto e depois levantou um braço. Não houve uma explosão de fumaça nem nada do tipo, mas de repente Nuala apareceu junto à árvore, piscando como se acabasse de despertar. Viu Zeke e depois examinou à multidão.

— É a hora? — Perguntou — Onde está Orla?



— Lambendo as feridas — Respondeu a rainha — Foi vencida.

— Vencida? — Perguntou Nuala — Orla?

Zeke olhou a mãe e filha. Uma parecia desconcertada; a outra, irritada.

— Tem que ser uma brincadeira — Disse Zeke — Ela era minha primeira besta?

— Superou a primeira prova — Admitiu a rainha — escravizou uma leannan sidhe.

Todo mundo começou a murmurar com surpresa. A rainha voltou a levantar a mão e se fez o silêncio.

Zeke olhou a seu redor sem compreender nada. E o que se tinha conseguido afastar-se da irmã da Nuala? O certo era que se mostrou muito sexy, mas isso não trocava as regras básicas da atração. Não havia se sentido atraído.

— Impossível — Disse a rainha — Nenhum homem mortal rejeitou nunca a uma leannan sidhe.

— De verdade sou o primeiro? — Perguntou ele, confuso.

— As leannan sidhe têm o poder de escravizar qualquer homem mortal. Orla é a melhor de sua geração.

— Como o fez? — Perguntou Nuala, sinceramente surpreendida.

Zeke ficou gelado. Não podia dizer a verdade. Depois de tudo, como admitir que quão único Orla tinha devotado era sexo, enquanto que Nuala se ofereceu inteira? Como poderia admitir que não podia as comparar?

De modo que simplesmente deu de ombros.

— Simplesmente não gosto dela.

Aquilo não pareceu melhorar as coisas. Teria jurado que todos os presente ficaram com a boca aberta. Provavelmente estivessem tão desconcertados como ele.

Nuala se girou para sua mãe.

— Então Orla...?

— Não. A prova não era para ela. Ela está inteira — Respondeu a rainha com um sorriso enigmático — Possivelmente inclusive mais. Já o veremos. Agora, vá, mortal. Estou cansada disto. Reuniremo-nos amanhã outra vez à mesma hora.

Zeke ficou olhando-a.

— Pronto? Não há trompetistas? Não há coroa de louro?

— Só era uma prova. Ainda ficam duas.

— E se ganhar?

— Poderá ir.

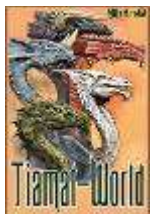
— E se não quiser?

Não podia acreditar que houvesse dito isso. Quis apagá-lo. Sobre tudo ao ouvir o grito de angústia da Nuala.

— Desejas ficar? — Perguntou a rainha.

— Tenho escolha?

— Assim é.



— Não! — Gritou Nuala, e olhou a sua mãe — Proíbe-o Rogo-lhe isso!

Zeke quis fechar os olhos.

— Só estou sopesando minhas opções, Nuala.

— Não há opções! — Por alguma razão, Zeke já não escutou essa segurança em sua voz. Teve a sensação de que realmente Nuala não estava segura de querer que partisse. Era algo que compreendia.

— Por que não falamos disso? — Perguntou voltando-se para ela.

De novo se fez o silêncio e todos os olhos se cravaram neles. Nuala estava tão pálida que Zeke pensou que ia desmaiar. Desejava reconfortá-la. Desejava protegê-la, sobre tudo daquilo que tinha visto nos olhos de Kieran a noite anterior.

— Por favor — Insistiu.

Nuala olhou à rainha, que, surpreendentemente, depois de outra pausa, assentiu. A multidão se dissolveu e a rainha simplesmente desapareceu do trono.

— Podemos ir a minha casa — Sugeriu Nuala enquanto andava.

Zeke não teve mais remedeio que segui-la. Ao menos teve a sensatez de não voltar a falar até não estar na casa.

— Por favor, me diga que estava brincando — Disse Nuala depois de fechar a porta.

Mas Zeke de repente estava muito distraído para responder. Não estava seguro de como tinha esperado que fosse aquela casa, mas não tinha imaginado aquilo. Não era uma casa de fadas, como a de Michael, com artigos de estanho e móveis que pareciam feitos com cogumelos. Não. Os móveis de Nuala produziam uma intensa sensação de déjà vu.

— De onde tirou isto? — Perguntou.

— Mandei fazer — Respondeu ela.

— Parece-se com o rancho — Disse Zeke, e de repente se perguntou se também teria uma colcha de patchwork na cama como a que havia feito sua tataravó. Tinha medo de encontrar um sem-fim de fotografias familiares no quarto, como as que tinha Jake em seu quarto. Ao ver os móveis de madeira feitos à mão, sentiu-se inquieto.

Não pôde evitá-lo. Antes que Nuala pudesse impedi-lo cruzou a porta do quarto para assegurar-se.

Ao entrar no cômodo, respirou aliviado. Talvez Nuala sentisse um pouco de inveja, mas não era uma perseguidora. A habitação era brilhante e doce. Nada era familiar ali. Ficou olhando a cama, que parecia uma ramificação, coberta com uma gaze verde muito fina, e pensou que sua casa tinha que ser assim. Fez-o dar-se conta de quão ambivalente devia sentir-se, dividida entre o mundo mágico em que vivia e o terrestre que desejava. Sentiu pena por ela.

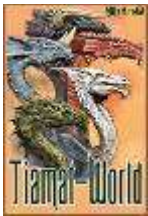
Retornou à sala e dirigiu um sorriso.

— Bom, ao menos não se parece com meu quarto — Disse.

— Não sei fazer colchas — Respondeu ela.

— Volta comigo — Disse ele, sentindo-se seguro de repente enquanto lhe acariciava a face.

— Não posso — Respondeu Nuala com lágrimas nos olhos — Já sabe.



— Então deixa que fique. Deixa que te proteja. Algo acontece aqui, e acredito que é mau.

— Talvez, mas não é nada que você possa arrumar, Zeke.

— Não posso te deixar em perigo — Protestou ele — Kieran é um menino assustado, e tenho a sensação de que isso não é algo normal.

— Não pode ficar. Se o fizer, nunca voltará.

— Seria tão mau que ficasse?

— Você não compreende — Sussurrou ela.

— Pois me faça compreendê-lo. Sem dizer uma palavra, Nuala lhe agarrou a mão e o tirou da casa. Na parte de atrás havia um pequeno grupo de árvores. No centro havia algo parecido a uma fonte para pássaros.

— Olhe na água — Ordenou Nuala sem lhe soltar a mão.

Zeke esperou uma explicação, mas ela permaneceu calada. De modo que deu de ombros, agachou a cabeça e se concentrou na superfície da água.

— Olhe — Insistiu ela — Compreende.

Zeke sorriu, só para tranquilizá-la, e se concentrou em ver algo. As árvores aguardaram em silêncio a seu redor. O ar pareceu deter-se.

E então, como em um filme, viu-o.

— Não...

Seu irmão Jake, dobrado, com as mãos nos joelhos e as costas apoiada em uma parede. Tinha os olhos fechados e a boca aberta. Estava sofrendo. Como se sentisse uma dor que não pudesse controlar. O som era terrível e dilacerador, e Zeke se sentiu de repente invadido por um intenso sentimento de perda.

A mulher de Jake, Amanda, estava com ele, com os braços ao redor de seus ombros e a cabeça apoiada em suas costas. Murmurava, como se isso ajudasse em algo. Zeke acreditou ver Gen e a Lee ao longe, envoltas nos braços de seus maridos. Acreditou ouvir prantos. Mas era Jake quem o atormentava.

Parecia tão perdido... Aquele irmão, que tinha mantido em pé diante as adversidades, que os tinha ajudado a superar a morte de seus pais e a pobreza do rancho, parecia destroçado. Tinha os punhos apertados e a cara desencaixada.

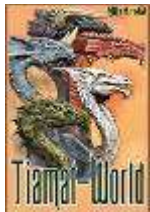
E Zeke o viu. Ouviu-o. Sentiu-o com uma profundidade que ameaçava superar a ele também.

— O que é? — Perguntou — O que aconteceu?

Na distância ouviu a voz de Nuala. E, sem ao menos precisar ouvi-la, soube a verdade.

— Você — Disse ela com voz de dor — Não se deu conta, Zeke? Eles o perderam.

Capítulo 10



Nuala tinha pensado que não poderia sentir-se pior. Deveria ter sabido que se equivocava. Já tinha sido suficientemente duro quando os olhos de Zeke estavam postos na água, onde suas visões eram privadas. Mas de repente a olhou, e esses olhos se voltaram acusadores. Duros como o gelo.

— O que fez? — Perguntou ele, afastando-a de seu caminho.

— Eu não fiz nada. É o que sua ausência custará a sua família.

— Fala como se tivesse morrido!

— Se ficar, será como se tivesse morrido.

Nuala recordou então o bom homem que era Zeke, pois viu a terrível luta em seus olhos. O desejo por ficar ali e compartilhar os prados com ela. O terror do que custaria a sua família, e o que custaria a ele não voltar a vê-los nunca. Desejava ficar. Entretanto, ela sabia que tinha que partir.

Seguiu-o de volta a casa, segurando a respiração. Aguardou tão comovida pela dor de Zeke que até sua harpa murmurou angustiada junto a ela.

E então, como se não pudesse evitá-lo, Zeke se voltou para ela. Nuala desejava poder expressar sua dor. Desejava estreitá-lo entre seus braços e lhe dar paz. Desejava-o.

Mas ficou tão quieta que mais tarde ninguém poderia acusá-la de coagi-lo. Ninguém poderia culpá-la porque Zeke se aproximasse dela.

Aproximou-se dela. Retornou com passos largos e encontrou seus braços tão abertos como seu coração. Abraçou-a e quase a deixou sem respiração.

— Sinto muito — Sussurrou ela, e jogou a cabeça para trás para que pudesse ver o muito que sofria — Se pudesse, gostaria que fosse de qualquer outra maneira. Economizar-te-ia tudo isto — E então sorriu — Tinha que cair precisamente no salão da rainha.

— Tenho que retornar — Disse ele.

Ela assentiu, e se fixou em sua face para poder recordá-la nos anos que ficavam por chegar.

— Tem que ganhar as duas provas seguintes.

Zeke apoiou a testa na sua e suspirou.

— Ainda não me elogiaram por passar a primeira...

— Não? — Nuala sentiu um tombo no coração. A temperatura da casa aumentou. Não podia respirar e Zeke nem sequer a tinha beijado.

Mesmo assim não o fez. Em vez disso, deslizou um dedo por seu lábio inferior.

— Não. E, considerando o que Orla me ofereceu, ao menos deveriam me dizer “bom menino”.

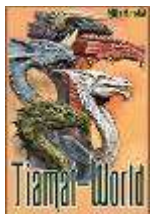
Ele baixou a mão até chegar a seu pescoço e depois até seu ombro.

— Tanto foi o que te ofereceu? — Perguntou Nuala com voz entrecortada.

Zeke a olhou com olhos incandescentes e sorriu, ainda doído, ainda dividido. Mas, ao menos, seu por um momento.

— Não muito — Respondeu. E por fim a beijou.

Nuala soube que devia parar. Assim só conseguiria que fosse mais difícil deixá-lo ir. Seu



corpo já ardia de desejo por ele enquanto esperava as carícias de seus dedos. Seus seios se incharam sob suas mãos, ansiosos por sentir seus lábios. Abriu a boca e os joelhos começaram a tremer.

Nunca havia feito amor em sua própria casa. Nas colinas sim, onde era um ritual. Nos isolados, onde o sacramento de fazê-lo dava passo ao ano novo. Nunca em um lugar tão privado e significativo para ela, onde não havia outra razão mais que o desejo e o amor.

Mas o que importava? Inclusive embora sua união desse como resultado um filho? Ela seria quem decidiria nesse caso. Orla era quão única tinha um pai fada. A única diferença seria que Nuala sempre amaria o pai de seu filho. E assim amaria mais o filho fruto dessa união.

Sim, talvez isso fosse o melhor depois de tudo.

— Despedirá-se de mim de maneira apropriada? — Murmurou ela contra seus lábios — Fará magia comigo?

Zeke a envolveu entre seus braços e a levantou do chão.

— Faremos magia juntos.

Zeke Kendall conhecia as mulheres. Amava-as, a todas e cada uma. Desfrutava com a lembrança de suas carícias, de seu aroma, de seus suspiros quando descansavam depois de fazer amor. Enquanto levava Nuala em braços, soube que eclipsaria a lembrança das demais mulheres.

Cheirava a grama. Como a ar fresco e a manhã, e os lugares mais escuros e silenciosos da terra. Era como cetim, o oco de seu pescoço, a forma de suas pernas, o tato de suas costelas sob os dedos.

Tombou-a sobre a cama e a beijou. Saboreou o cravo em sua língua enquanto explorava as curvas de sua boca. Mordiscou-a e se perdeu em seus mistérios mais secretos. Poderia ter passado o resto de sua vida devorando aquela boca. Estava tão receptiva, tão disposta, tão ansiosa que sua língua dançava contra a sua sem parar enquanto emitia suaves gemidos.

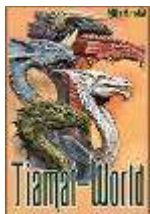
Zeke sabia que não devia fazê-lo. Devia partir e apagar sua ânsia com trabalho. Deveria procurar Kieran e exigir respostas. Deveria economizar a ambos a dor que viria depois.

Mas não podia. Tinha que tocá-la um pouco mais. Tinha que explorar a paisagem de seu corpo. Tinha que possuí-la até que cada célula de seu corpo ficasse impressa em sua memória.

Despiu-a, algo ridiculamente fácil de fazer. Eram pragmáticas, as fadas. Deviam saber que um vestido só era bom para despojar-se dele. Não parecia se importar mostrar seus encantos à luz do dia. Deixou que Nuala o despisse e o torturasse com suas mãos pequenas e magras.

— Isto é algo infernal, Zeke — Disse ela enquanto tentava descer o zíper — Está feito para deixar louca a uma mulher.

Zeke decidiu que o som de um zíper descendo lentamente era música. Pensou que não podia haver nada mais aditivo que a tortura de suas tentativas. Nuala se mostrou tenaz, desesperada por transpassar a barreira de roupa que os separava até poder estar finalmente pele com pele, boca com boca. Zeke se perguntou como poderia desfrutar de novo do toque de outra mulher que não fosse Nuala.



— Estive sonhando voltar a te tocar — Admitiu ela com acanhamento enquanto deslizava as mãos por seu torso — Antes não sabia que pudessem sentir-se realmente os músculos de um homem. Como uma estátua viva moldada só para agradar a uma garota.

Zeke fez todo o possível por manter-se quieto. Só queria gravar a lembrança daquelas mãos em sua cabeça.

— Vivo para servir — Assegurou enquanto beijava seu pescoço.

Enredou-a com seus braços e suas pernas para se aproximar mais dela e poder consumi-la como ao ar. Encheu suas mãos com seus seios, memorizou seus contornos e os devorou. Ouviu seus gemidos enquanto lambia um mamilo e torturava o outro com o polegar.

Nuala sentiu suas mãos por seu corpo enquanto ela apalpava seus músculos, rodeava sua ereção com os dedos e o deixava sem respiração.

Esteve a ponto de fazê-lo perder o controle. Rindo como se estivesse descobrindo-o pela primeira vez, gemendo como se estivesse sendo torturada e não pudesse pedir que parasse. Orla o tinha acariciado assim em sua mente aquela mesma manhã. Mas só uma carícia de Nuala serviu para fazê-lo esquecer essa outra lembrança.

Suas mãos, sua boca e seu fôlego só recordavam a Nuala. Seus corpos se juntaram como se estivessem retornando para casa. Saboreou seus seios, seus quadris e até seus pés, pois se sentia fascinado por eles. Seus pés pequenos, que deveriam ter calos por caminhar sem sapatos. Entretanto, não era assim. Eram magros e suaves, tão sensuais que teve que tomar seu tempo para lambe cada dedo, como se fosse um presente feito exclusivamente para ele.

Cortejou-a, mimou-a e desfrutou de seus gemidos de prazer. Sentiu a umidade entre suas pernas e, só para não esquecê-lo, nem sequer quando fosse um velho que contasse histórias que ninguém acreditaria, colocou-a no bordo da cama e se ajoelhou frente a ela. Colocou as mãos na parte interna de suas coxas e lhe separou as pernas. Abaixou a cabeça, que ela agarrou com as mãos, e lambeu suas pétalas. Atormentou-a com a língua e sentiu como todo seu corpo se esticava. Sorriu contra suas pernas enquanto ela se convulsionava com gritos de prazer. Riu quando o puxou para cima.

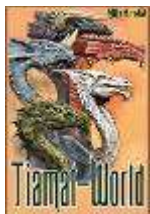
E então, quando pensava que era o momento de completar a união, ela fez o mesmo. Deslizou os lábios por sua ereção quente e úmida, estendendo o cabelo sobre seu ventre até o fazer gritar seu nome e agarrá-la para não perder o controle. Ela riu e se rendeu a seus braços. Levantou a cabeça e o fez pensar que estava salvo, mas então voltou a agachá-la e o atormentou com o leque de seu cabelo, acima e abaixo, uma e outra vez, até que Zeke soube que explodiria antes de poder estar dentro dela.

Então conseguiu controlar-se. De repente Nuala estava tombada sobre suas costas, com os olhos e as pernas abertas. Zeke se tombou sobre ela e a penetrou ligeiramente até sentir seu corpo esticar-se.

— OH, sim! — Exclamou ela agarrando-se a suas costas — Acaba com isso! Me ame.

— Seus desejos — Ofegou ele — são ordens.

E se afundou nela até quase perder o controle. Mas aguentou. Colocou-lhe as mãos sobre a



cabeça e se abaixou para beijá-la, o qual não fez mais que intensificar a penetração. Penetrou-a e depois se afastou. Uma e outra vez. Cada vez mais rápido, com mais força, saboreando sua umidade e entesourando sua lembrança. Investiu-a uma e outra vez até que a cama começou a golpear a parede e ela se arqueou sob seu corpo. Então sentiu como se convulsionava ao seu redor enquanto gemia de novo, e chegou ao clímax sabendo que suas células guardariam aquela lembrança. Depois caiu sobre ela, com a respiração entrecortada e uma sensação de plenitude.

Durante vários minutos, não pôde mover-se. Só pôde levantar o justo para não afogá-la. Tinha o nariz sobre seu cabelo e as pernas enredadas nas suas. Seu coração não se acalmou até ao menos uma hora depois.

— Ouvi falar da morte doce — Murmurou ela — Sempre pensei que era um conto de fadas.

Zeke não pôde evitar e riu. Girou sobre a cama e a levou consigo para que se aconchegasse a seu lado.

— É — Assegurou — Só tem que encontrar à fada adequada. “Amo-te”.

Ouviu-o em sua cabeça e não soube qual dos dois o havia dito. Fechou os olhos, aterrorizado por ter podido ser ele. Não podia ficar. Não podia suportar partir. Embora tinha a sensação de que o que verdadeiramente não podia suportar era uma declaração como aquela. Nuala tinha razão. Tinha que partir antes de dizê-lo em voz alta.

— Deveria ir — Disse sem mover-se.

— Não — Rogou ela — Fica um pouco mais.

— Só um pouco — Concordou ele. E, pela primeira vez em sua vida, Zeke Kendall ficou adormecido com uma mulher em seus braços.

A noite era profunda e a lua estava a ponto de se por. No mundo das fadas não se viam as estrelas, mas a lua era uma velha amiga. Projetava naquele momento sua luz sobre o casal que se encontrava na borda da terra, envoltos em suas capas pardas observando a água.

— Continuo sem estar seguro de que devemos fazer isto — Sussurrou Darragh. Junto a ele, Orla se mostrava firme e terminante.

— Sim o está — Disse sem incomodar-se em vestir sua voz com amabilidade — Quer que o mortal sofra tanto como eu. Esta é a única maneira.

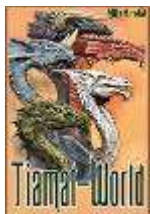
— Mas a Espada Escura... — Apenas o havia dito quando olhou a seu redor — Jura que não descobrirão quem fez isto?

— Não, se fizer seu trabalho corretamente. Nem sequer te permitiria me ajudar se seu avô não fosse um Dubhlainn Sidhe; ele, que te deu o controle sobre as tormentas.

— Acredita que não estou familiarizado com minha própria genealogia? Repito-lhe isso, Orla, isso não é suficiente para as controlar. As da Espada Escura são...

— Poderosas. Potentes.

E possivelmente suscetíveis aos sortilégios das leannan sidhe, pensou. A ideia era tentadora. Afinal, nada excitava mais a Orla que uma conquista, e não haveria maior conquista que uma Dubhlainn Sidhe. Seria um desafio importante e, com toda essa virilidade rampante em



seu clã sem o efeito apaziguador da pedra feminina Dearann, talvez resultasse também ser uma amante que por fim a satisfizesse.

Sim, o tempo que estivesse esperando junto ao mar, passá-lo-ia pensando no muito que poderia oferecer um amante Dubhlainn Sidhe. Se tivesse sido uma criatura dada a reflexões, teria admitido que a ferida era maior que voltar a simpatizar com o que havia feito aquele dia. Teria que admitir que a ferida ainda sangrava.

Mas uma leannan sidhe não estava feita para levar o peso da culpa. Seria melhor sentir a força da antecipação antes que passar o tempo admitindo os sentimentos de perda. Muito melhor centrar-se no que estava a ponto de obter. Algo que, com sorte, permitir-lhe-ia destruir o mortal frente aos olhos de sua mãe.

Terei que restabelecer o equilíbrio, e parecia que ela era quão única podia fazê-lo. Por estranho que soasse, Orla era quão única sabia que o destino das fadas dependia dos caprichos de umas poucas. Sua mãe desejava o mortal para brincar, e sua irmã o desejava para... Para o que fosse que Nuala o desejasse. Orla parecia ser quão única sabia que aquele mortal estava as conduzindo para o desastre. Estava distraíndo-as de seu verdadeiro objetivo, que era a sucessão.

Nuala não estava feita para ser rainha. Não o desejava. Não poderia confrontá-lo. Sempre teria um pé em outro lugar e, naqueles tempos perigosos, o mundo das fadas não podia suportar isso. Nunca sobreviveria a uma rainha que tinha perdido seu caminho.

Era Orla a única capaz de ver isso? Era a única que se dava conta de que poderia livrar-se da larga sombra que projetava sua mãe? Ninguém mais via que o mundo das fadas a necessitava quase tanto como ela...? Bom, essa era outra coisa que Orla não estava pronta para refletir.

— Como sabe que cooperarão? — Perguntou Darragh.

— Porque compreendo a necessidade de cometer travessuras — Respondeu ela sem incomodar-se em olhá-lo.

Estava distraída e mal ouvia suas queixa. Eram sons de cavalos o que ouvia? Seria assim que chegariam? A lombos dessas bestas?

— Já vêm.

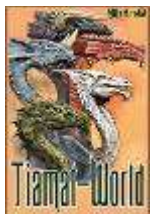
Darragh deu a volta, pálido. Ele também podia ouvi-lo, Orla sabia. O cavalo das Dubhlainn Sidhe. Negro e feroz, o tipo de fantasma que destroçava os sonhos.

Orla olhou para a água. Seria ele? Aquela sombra sob a lua? Sentiu de repente pânico, algo que não tinha experimentado antes. Um calafrio que pouco tinha a ver com o vento em seu rosto.

Era um cavalo de olhos de fogo que galopava pelo bordo do mar, com a crina negra ao vento como a capa de seu cavaleiro. Seu cavaleiro, de cabelo negro. Seu cavaleiro de cabelo negro com cara de anjo, corpo de pantera e arrogância de rei. Orla ficou petrificada por sua beleza.

Dizia-se que qualquer humano que olhasse nos olhos de um Dubhlainn Sidhe se ficaria louco. Orla compreendia por que. Era seu esplendor o que resultava entristecedor. Orla se sentiu sacudida de repente por um imenso desejo.

Nunca tinha esse tipo de sentimentos incontrolados. Ela era a leannan sidhe. Não desejava a ninguém. Nada. Ela escolhia. Inclusive nesse instante, sem importar o ocorrido com esse



estúpido mortal. Ela tinha o controle.

Mas ficou petrificada frente a aquela fada que se aproximava pela água e se perguntou se estaria já perdida.

— Chamou-me — Disse ele com voz escura e profunda — Fala.

— Quem é? — Perguntou Orla.

— Sou Liam — Respondeu — O protetor. O vingador.

Finalmente, Orla sorriu.

— Então temos feito bem em nos encontrar, Liam. Porque tenho algo que vingar.

Zeke despertou lentamente. Tinha sido uma noite longa, infestada de um sexo excepcional que recordaria sempre. Mostraram-se insaciáveis e tinham armazenado em suas mentes cada momento antes que ele tivesse que partir. Corpos, lembranças e a agonia dos sonhos. Descobriu que o pai da Nuala tinha sido meio humano, um harpista formoso que entrou pelo atalho errado em uma noite escura e se encontrou no reino das fadas. Por sua parte, Zeke tinha falado de coisas que tinha a sensação de que ela já sabia; de seu amor por seu trabalho, de sua necessidade de viajar, de sua culpa por não passar mais tempo com sua família. Tinham dormido enredados e haviam redescoberto o prazer de seus corpos ao despertar.

Zeke se sentia exausto e satisfeito. Sorriu ao pensar nas imagens que guardava em seu coração. Seus mamilos duros e saborosos. Seus olhos verdes e profundos. Os metais preciosos que adornavam seu cabelo, e o triângulo de fogo que guardava entre suas coxas.

Adorava particularmente essa parte. Só pensando se excitava outra vez. Desejava penetrá-la de novo, mas sabia que ela dormiu só uma hora antes. Devia estar tão cansada como ele.

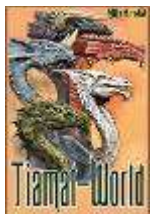
Estava adormecida, de costas a ele, com o cabelo sobre o travesseiro e seu corpo como uma sinfonia de curvas e doces sombras. Precisava voltar a tocá-la, medir o arco de seus quadris, a inclinação de sua cintura, o peso de seus seios. Seios que não eram tão grandes como os de sua irmã, nem tão orgulhosos como os de sua mãe. Seios perfeitos, em todo caso. Os únicos seios que faziam que ficasse com a boca seca e que seu coração se agitasse. Os únicos seios que se encaixavam a perfeição em suas mãos e em sua boca.

Suavemente, deslizou a mão por seu quadril e afastou o lençol para poder desfrutar com a visão de seu corpo naqueles primeiros minutos da manhã. Podia ouvir os pássaros despertando fora, podia ver os primeiros raios de sol entrar pela janela. Sentia que os minutos escapavam enquanto vacilava, minutos que não voltaria a recuperar, minutos que tinha que memorizar antes de perdê-la para sempre.

Fechou a mão sobre a crista de seu quadril e atormentou a si mesmo com a suavidade de sua pele. Fechou os olhos e se concentrou só em seus dedos, no oco de sua mão enquanto explorava suas costas.

Sentiu como Nuala se elevava com um suspiro e soube que tinha conseguido sua missão. Estava despertando.

— O sol quase está acima — Sussurrou ele. “Como eu”, pensou sem poder evitar.



Nuala devia ter ouvido, porque riu.

— Sim — Sussurrou — Já vejo.

Então deu a volta e Zeke ficou petrificado. Poderia ser mais perfeita uma mulher? Sua pele literalmente brilhava. Suas bochechas estavam ruborizadas do sono e seu cabelo revoltado. Seu sorriso era suave e privado, seus lábios ainda estavam inchados depois de devorá-lo durante toda a noite. E seus olhos brilhavam, misteriosos na penumbra.

— Ficamos dormindo esta manhã? — Perguntou enquanto acariciava a bochecha.

— Dormindo? — Respondeu ele enquanto se inclinava para ela.

E foi então quando teve a primeira dúvida. Não foi mais que isso, só a rápida sensação de que algo não encaixava. Olhou a seu redor, quase esperando que alguém estivesse espiando-os. As sombras estavam vazias. Ninguém os observava, apesar da sensação.

Não gostava. Uma coisa era que a rainha subisse à cabeça quando estava em público, e outra muito diferente que ocorresse enquanto estava na cama com sua filha. Mas teria jurado que podia senti-la ali.

— O que aconteceu? — Perguntou Nuala.

Zeke negou com a cabeça. Não havia nada ali. Estava ficando paranoico, o qual não deveria ser surpreendente, dado o que tinha ocorrido nos últimos dias.

— Nada. Nada. Onde estávamos?

Inclinou-se sobre ela e colocou a mão sobre o travesseiro, junto a sua cabeça. Agachou-se, viu como Nuala abria a boca e sentiu como o rodeava com os braços. Desfrutou com a espera, enquanto a abraçava.

Finalmente reclamou seus lábios e o coração pulsou com tanta força que se perguntou se iria explorar. E então, em um segundo, como houvesse a luz, ficou gelado.

— O que aconteceu?

— Zeke? — Perguntou ela, ansiosa.

— Sua mãe — Respondeu ele, e olhou de novo a seu redor — Juro que posso senti-la perto. Nuala riu.

— Claro que sim — Disse acariciando a bochecha — Mas nunca apareceria. Não gosta de olhar.

Zeke centrou sua atenção nela. Em seus olhos verdes, na perfeição sedosa de sua pele. No ovulado de seu rosto. E então se deu conta do que acontecia. Não era que acontecesse algo errado com a mãe de Nuala. Acontecia algo errado com a própria Nuala.

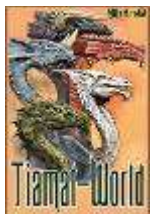
Era seu cheiro. Cravo e o mel. Esse era o cheiro de Nuala. O que podia cheirar nesse instante, enquanto seu fôlego se misturava. Mas havia algo mais sempre presente, algo que era inconfundivelmente de Nuala. Algo esquivo e elementar. Algo que de repente faltava.

Zeke se levantou da cama tão depressa que tropeçou e caiu.

— Quem é você? — Perguntou do chão.

Nuala pareceu confusa.

— Zeke?



— Voltarei a perguntar. Quem é você?

Ela piscou, como tentando entendê-lo.

— Sou Nuala. Passou a noite comigo, não o recorda?

— Passei a noite com Nuala — Concordou ele — O que significa que não a passei com você.

Quem diabos é e onde está Nuala? Ou ela forma parte disto?

Não podia ser possível. Soube inclusive antes de pronunciar as palavras. Mas mesmo assim, sentiu pânico. Agarrou um dos pulsos sedosos que tinha o envolvido momentos antes e começou a retorcê-la.

— Última oportunidade — Disse — Está começando a me zangar.

E, como se ele fosse David Copperfield, o braço que tinha agarrado pareceu mudar e transformar-se diante seus olhos. Seguiu o resto do corpo, e passou de ser a formosa Nuala de seus sonhos a alguém completamente diferente.

Nua.

Na cama da Nuala. Mab. A mãe de Nuala.

Capítulo 11

Zeke a soltou apressadamente e sentiu que ia vomitar. Ficou ali sentado, nu e gelado, engolindo seco enquanto a rainha das fadas ficava nua na cama de sua amante.

Se não se desse conta... Se houvesse feito amor com ela...

Fechou os olhos. Não para evitar olhá-la. Afinal, já tinha visto mais coisas dela em sua mente que ali. Fez-o mais para evitar pensar no que tinha estado a ponto de acontecer.

Saberia Nuala o que sua mãe tinha planejado? O que teria pensado se ele tivesse fracassado? Se tivesse fracassado, não teria importado. Teria passado a ser propriedade da rainha. Ao menos até que se atirasse no oceano. De repente não ocorria nada pior que passar a eternidade ao serviço de uma monarca predadora. Sobre tudo uma capaz de trair a sua própria filha.

Com o amante desta. Um amante que estava tão excitado que tinha estado a ponto de passar por cima a diferença.

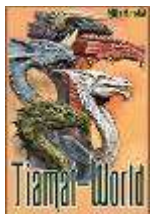
— Não é triste saber que não é tão santo como pensava, pequeno homem? — Perguntou a rainha.

Zeke abriu então os olhos.

— Não é a pessoa mais adequada para dizer isso agora mesmo — Disse Zeke ficando em pé. Recolheu a roupa do chão e a pôs apressadamente — Quão único tenho que dizer é que me alegra não ter tido uma mãe como você. A teria afogado no rio. Em que diabos estava pensando?

A rainha escolheu não responder.

— Onde está? — Perguntou Zeke sem olhá-la.



Finalmente, Mab suspirou.

— Já pode me olhar. Estou decente.

Zeke riu.

— Esse é um termo muito relativo — Disse.

— Mortal — Disse Mab — Começa a me cansar.

— Imagina como me sinto — Disse ele, olhou-a e viu que estava vestida sobre a cama —

Agora me diga isso antes que perca os nervos. O que fez com Nuala?

— Pergunta-me o que estava pensando — Recordou a rainha.

— Te pergunto o que fez com sua filha.

— Acredita que tenho me desfeito dela? — Perguntou Mab arqueando uma sobrancelha —

Da herdeira ao trono?

— Acredito que a utilizou como o peão que é. Falta-te instinto maternal.

Se procurava uma reação, encontrou-a. Mab ficou em pé com fogo no olhar.

— Jamais — Disse — Jamais questione minha relação com minhas filhas.

— Por que? Porque é sua rainha?

— Porque sou sua mãe — Respondeu com voz terrível — E agora, pequeno homem, se não quiser acabar comendo grama com dentes de coelho, sugiro-te que procure outro tema de discussão.

— Certo — Respondeu Zeke, e deu um passo à frente — Se for uma mãe tão exemplar, então que diabos é tudo isto?

— Isto — Repetiu ela — Trata de suas provas, inseto insignificante.

— Ah — Disse ele sem poder evitar sorrir — Ou seja que você foi minha segunda besta.

O triunfo tinha um sabor doce, sobre tudo se saboreava na presença do inimigo. Mab estava furiosa, o que significava que ele não tinha estado tão perto de sucumbir como tinha temido.

À rainha não parecia achar graça.

— Eu não iria por aí dizendo essas coisas se fosse você, pequeno homem.

— Só repito suas palavras — Respondeu ele com cara de inocência.

— Acredito que Nuala escolhe a uns mortais muito inexperientes.

— Mortais? — Repetiu ele — Significa isso que traz desconhecidos com frequência?

A rainha sorriu.

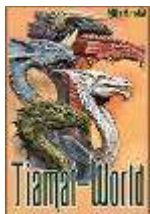
— Te importaria?

— A verdade é que não — Respondeu ele depois pensá-lo um instante — Mas, nada mais dizê-lo, dei-me conta de que nunca aconteceria. Nuala não é tão... Glutona como suas outras parentes.

— Vai muito longe.

— OH, acredito que não. Ia dizer-me onde está. Tenho que me desculpar com ela por não despertá-la esta manhã como queria.

Os dois se olharam com ódio, e de repente a rainha pareceu aumentar de tamanho. Mas



Zeke aguentou, pois pensava que talvez fosse hora de que a rainha soubesse que havia alguém impermeável a suas birras. Além disso, imaginava que ter ganho duas das três provas devia lhe dar certa credibilidade.

Evidentemente, tinha razão.

— Por que insiste, mortal? — Perguntou a rainha — Sabe que não pode ganhar.

— Trata-se de ganhar? — Perguntou ele, de novo com olhar inocente — Que curioso. Essa ideia não tinha me passado pela cabeça.

— Não pode tê-la.

— Posso recordá-la.

O efeito dessas duas palavras foi quase catastrófico. Zeke sentiu como se tivesse sido levantado do chão. Só o havia dito para incomodar à rainha. Não pretendia acabar aterrorizado.

Mas tinha feito. Havia dito sem intenção, mas depois se perguntou se era certo. Se realmente haveria dito a sério. Sem dar-se conta disso, saiu da casa e se dirigiu ao grupo de árvores ao que Nuala o tinha conduzido. Começou a pensar no passado, quando sua mãe tinha morrido, consumida e esquelética no que ficava de sua cama de casamento. Naquele momento não tinha havido palavras em sua cabeça, não tinha proposto não voltar a passar pelo mesmo. Afinal, só tinha oito anos, mas, de algum modo, tinha-o sabido. Aterrorizado, agarrou à mão de Jake como se fosse a última coisa real que ficava. Com a boca aberta, como um peixe fora da água, sentindo que não ficava ar no mundo, pois as últimas partículas acabavam de sair dos pulmões de sua mãe.

Estava sozinho.

Não importava que Jake, Gen e Lee estivessem com ele naquele quarto vazio. Dava no mesmo que todo o povoado tivesse se reunido para ajudá-los a enterrar a sua mãe. Mesmo assim, Zeke havia se sentido sozinho. Sem nem sequer se dar conta, prometeu-se que nunca voltaria a ficar sozinho. Era melhor não ter nada, e assim não saber o que acabaria perdendo.

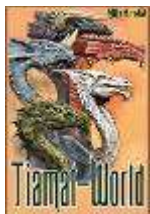
Pensou em quão estúpido era aquilo. Como se só prometendo se assegurasse de que se fizesse realidade. Como se pudesse controlar o mundo só com a força de seu medo. Como se, mantendo-se afastado da pessoa que amava, pudesse preservá-los em um lugar seguro onde poder fingir que nunca sofreriam. Onde poder fingir que ele nunca sofreria.

Até o momento não tinha funcionado. Sua família tinha sofrido, com ou sem ele. A pessoa chegava, a pessoa partia. Não havia nada que se pudesse fazer a respeito. E, inevitavelmente, sofriam. Era simples assim. E assim de horrível.

E agora, por sua culpa, Jake se via obrigado a sofrer o mesmo inferno. Zeke não podia suportá-lo. Não podia permiti-lo.

— Pequeno homem? — Ouviu que diziam atrás dele.

Mas não se moveu, ainda não. Havia algo grande que tentava abrir passo através de suas defesas. Algo que ficava metido no peito como uma bola, expandindo-se até fazer-se tão grande que ameaçava cortar sua respiração. Tinha sabor de pânico. Cheirava a revelação. E doía



profundamente. Não sabia se queria examiná-lo. Não sabia se tinha coragem.

— Me ajude, pequeno homem — Exigiu a rainha.

Zeke decidiu que era o momento de fazê-lo. Seria mais fácil que lutar contra aquilo que tinha decidido descobrir. Provavelmente deveria sentir-se envergonhado de quão rápido se rendeu. Disfarçou sua evasão de pragmatismo. Depois de tudo, se não ajudasse à rainha, poderia acabar convertido em coelho. Os traumas pessoais sempre estariam aí para ser examinados.

— Nuala está no grande salão — Disse Mab quando Zeke se reuniu com ela na casa — Tem direito a vê-la. Ao menos até a próxima prova.

— E isso acontecerá...?

A rainha sorriu.

— Quando menos o espere, imagino.

Estava a ponto de sair do quarto, mas Zeke não estava disposto a deixá-la ir sem mais.

— Por que está tão triste o profeta?

A rainha não se separou da porta.

— É um menino. Seus poderes ainda estão amadurecendo. Às vezes ele... Imagina coisas.

— Acredito que não — Disse Zeke, e se aproximou mais dela — Acredito que há algum perigo no ar, e você não pensa detê-lo.

Durante um segundo, o silêncio mais absoluto reinou na casa.

— Faz muitas acusações, pequeno homem. Acaso não te disse que tome cuidado?

— Se ganhar os desafios, disse que poderia escolher ficar. É meu direito. Em vez disso poderia levar Nuala comigo?

Nessa ocasião a rainha deu a volta.

— Não se atreverá! Ela vai ser a rainha.

— Não se morrer. Se não a proteger, farei-o.

— Não tem direito!

— Não me importa — Disse ele.

Vermelha de ira, a rainha finalmente levantou uma mão e disse:

— Vença o terceiro desafio e lhe explicarei isso tudo.

— Assim de fácil?

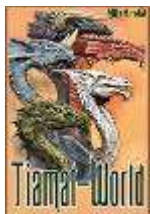
A rainha sorriu de novo.

— Nunca disse que era fácil.

E então, satisfeita com o efeito de suas palavras, abriu a porta e saiu. Deixou Zeke sozinho, com o aroma de flores e o sabor de uma vitória amarga.

Deveria ter ido direto ao salão, embora só fosse para assegurar-se de que Nuala estivesse a salvo. Entretanto, caminhou, com a cabeça encurvada e as mãos nos bolsos, seguido de Cadhla. Zeke apreciava o fato de que o cavalo não tivesse nada que dizer. Às vezes um cavalo tinha que ser simplesmente um cavalo. Sobre tudo quando um homem se enfrentava a grandes problemas.

O que ia fazer? O que desejava fazer?



Não podia tirar da cabeça a imagem de Jake, seu irmão, destroçado. A culpa o atravessava como uma espada. De pequeno, não tinha sido o melhor menino do mundo, mas jamais tinha pensado em ferir seu irmão dessa forma. Como poderia? Jake era seu herói. Jake era a montanha que o protegia, o carvalho que lhe dava sombra. Ele era a única razão pela que Zeke tinha chegado à idade adulta com um pouco de honra. E ali estava ele, ameaçando abandonar Jake quando sabia mais que ninguém no mundo o muito que isso o afetaria.

Nuala tinha razão. Tinha que retornar e dizer a Jake que não estava sozinho.

Embora fazer isso significaria deixar Nuala. Deixá-la em perigo. Significaria perdê-la, e não podia permitir-se perder outro ser em sua vida. Porque sabia que sua honra o impediria de fugir de seu reino. Ela era Nuala, herdeira de Mab, e se devia a sua gente.

Assim, de um modo ou outro, alguém a quem amava acabaria sofrendo. E, como tinha ocorrido com seus pais, ele não poderia fazer nada por evitá-lo.

Quanto mais o pensava, mais se zangava. Não só porque não fosse justo, mas sim porque não podia acreditar que se permitiu sentir aquela aflição. Não podia acreditar que tivesse permitido a Nuala transpassar sua armadura. Não podia ter sido tão estúpido para apaixonar-se por ela.

Sem se dar conta, tinha caminhado em direção ao grande salão, onde parecia que Nuala estava ensinando as crianças algo sobre voar. Estava rindo e assinalando para o céu, onde sua irmã Sorchá se encontrava fazendo piruetas. As crianças aplaudiam e assobiavam. Zeke se deteve uns metros de distância; não queria aproximar-se muito. Não queria ouvir sua risada nem ver o verde de seus olhos.

Desejava beijá-la. Agarrá-la e não deixá-la ir nunca. Desejava afundar-se nela até que seus limites se confundissem. Desejava-o tanto que mal podia respirar.

Tinha que retornar. Ela tinha que ficar. Desejava tomá-la entre seus braços e afastar-se correndo de tudo, a algum lugar seguro para os dois. Algum lugar onde não tivessem responsabilidades.

E mesmo assim ficou ali, observando-a, com as mãos nos bolsos para evitar abraçá-la. Como se aquilo fosse suficiente.

Obviamente não se deteve o suficientemente longe. Como se tivesse falado em voz alta, Nuala levantou a vista. Sorriu, e Zeke se viu obrigado a admitir que realmente sim, podia ser tão estúpido. Aquela bola se inchou em seu peito de novo até doer. Umedeceram-se as mãos e secou a boca. Quis gritar. Quis subir no lombo de Cadhla e cavalgar até onde nenhuma fada pudesse encontrá-lo. Quis destruir algo.

Mas Nuala sorria, e ele não podia mover-se, porque estava apaixonado por ela.

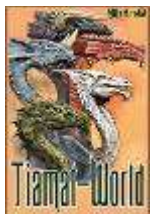
— Esperava algo melhor de você — A acusou quando se aproximou dele.

Nuala se deteve em seco.

— Perdão?

— Esperava confabulação por parte de sua irmã e de sua mãe. Não pela sua.

— Do que está falando, Zeke?



— Da prova número dois, Nuala. Pareceu-te divertido que sua mãe se fizesse passar por você em sua cama?

Já sabia que ela era inocente, mas seu rosto o confirmou. Ninguém poderia fingir tanto horror.

— Ficou adormecido quando fui — Disse ela — Pensei que tinha te deixado descansando.

— Pois não descansei, precisamente.

O que acontecia? De repente, Zeke desejava machucar, fazer pagar pelo que havia feito sua mãe, quando sabia perfeitamente que ela não tinha formado parte disso. Atrás dele, Cadhla relinchou.

— Obrigado — Disse Zeke — Já não necessito seus serviços.

Inclusive o cavalo pareceu ofendido. Com um golpe de cabeça, deu a volta e partiu.

— Zeke? — Disse Nuala pondo a mão no braço.

Zeke se afastou como se queimasse.

— Não — Disse — Acredito que agora não sou muito boa companhia. Deveria caminhar para me acalmar.

— Caminhar para se acalmar por quê?

— Porque tenho vontade de machucar alguém.

— Fez... ? — Perguntou ela.

— Amor com sua mãe? Não. Não fiz. Embora ela insistisse bastante. Mas acaso o duvida? Não confia muito em mim, não é?

— Sim confio — Respondeu ela — Mas não confio nas que são como minha mãe.

E sem mais, a bola que tinha no peito explodiu e Zeke pôde respirar de novo. Negou com a cabeça, completamente desconcertado. Que diabos acabava de acontecer? Estava ruborizado e suarento, e estava seguro de que lhe tremiam as mãos.

—Zeke? —Sussurrou Nuala—. O que aconteceu?

Durante um minuto, quão único pôde fazer foi olhá-la. Cheirava a grama e a verão. Não se cansava de seu cheiro. Desejava afundar a cabeça em seus seios e saciar-se com esse aroma. Saciar-se com ela, como se não houvesse feito isso já a noite anterior.

A triste verdade era que nunca teria bastante dela.

— Podemos caminhar? — Perguntou. Com um sorriso, Nuala estreitou sua mão. — Voltarei em um momento, Sorcha! — Gritou a sua irmã.

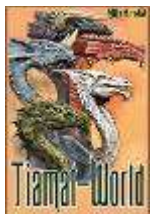
— Mas se estou a ponto de fazer uma espiral mortal! — Respondeu Sorcha do céu.

— Por nosso próprio bem, não se estrele contra o chão.

Zeke quis rir. Estranhamente, também quis chorar. Havia se sentido igual desde que se deu conta de que o pulso que tinha agarrado pertencia a Mab. Poderia ficar louco só com uma surpresa? De acordo, uma grande surpresa. Zeke imaginava que sim.

— Agora me conte — Disse Nuala enquanto se afastavam do povoado.

— Te contar o que? — Perguntou ele, e sentiu como a cabeça começava a doer. O coração ainda pulsava acelerado, e sentia náuseas — Que sou um bastardo por te gritar? Sou um bastardo.



Como podia ela sorrir? Fez de todas as formas, Zeke pensou que morreria ao vê-la.

— OH, não, acredito que seus pais teriam algo que dizer a respeito.

— Não refiro a esse tipo de bastardo, Nuala. Refiro-me ao tipo de “em que diabos está pensando”. O tipo que é tão idiota que até um cavalo pode exortá-lo.

— Não se preocupe. Cadhla sempre foi um pouco arrogante.

Zeke riu.

— Sinto como se estivesse me rasgando.

— Teve que enfrentar a muitas coisas em muito pouco tempo, Zeke.

— Certo. Mas sempre pensei que era um desses tipos que funcionam melhor sob pressão.

Nuala se deteve e o parou junto a ele.

— E não considera que suportar a tentação de uma leannan sidhe é o bastante?

— Suponho que não me impressionam tanto como a você suas habilidades legendárias.

Não pode comparar a você.

Nuala ficou muito quieta e ruborizou. Abriu a boca e depois a fechou.

— Sua mãe tampouco — Acrescentou Zeke. Nuala riu.

— Não diga isso em voz alta, Zeke. Quererá voltar e te ensinar essa lição.

— Já o tentou com todas suas forças, Nuala. Não me impressiona.

Bom, aquilo não era certo de tudo. Estava impressionado. Teria que estar morto para não está-lo. Simplesmente não se interessava. Orla era uma predadora. Mab era incansavelmente carnal. E não importava sua história passada com as humanas, pois com as fadas ninguém era comparável à encantadora harpista de olhos brilhantes e cabelo ruivo.

Nuala, que sem dúvida sabia o que estava pensando, olhou-o com um sorriso.

— Obrigado. Nunca me tinham comparado com essas duas. A Sorcha não importa. Embora seja tão fada como eu, parece que não se preocupa com esse tipo de prazeres. É mais feliz com suas pedras e com suas crianças. Mas admito que às vezes, quando esse tipo de pensamentos me assaltam, desejo que...Bom...

Zeke apoiou a testa na sua.

— Não deseje mais. É uma gema que rivaliza com o rubi da coroa de sua mãe.

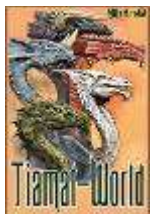
Ela fechou os olhos e descansou sobre ele. Levantou-se uma suave brisa e os pássaros que habitavam nos ramos das árvores começaram a cantar sua aprovação.

— Vamos — Disse ela — Devemos seguir caminhando. Não quero ter tanta audiência.

Zeke tomou sua mão e seguiram andando. Não soube quanto tempo estiveram dando voltas, pois se mantiveram em silêncio, satisfeitos só com o toque um do outro. Ouviu as dríadas sussurrando, claro. Viu os pássaros voar a seu redor, e inclusive acreditou ver Sorcha passar voando uma vez, camuflada entre as árvores; mas pensou que teria imaginado.

Sentiu o sol na face e desfrutou com os milhões de tons verdes. Poderia viver ali. Poderia ser feliz caminhando com a Nuala pelas tardes.

Chegaram antes que se desse conta. Acabavam de coroar uma colina da que se via uma imensa superfície de pedras através de uma estreita península. Mais à frente, o mar brilhava.



Sobre a península se elevava uma montanha com um túmulo no alto. O túmulo de Maeve. Estavam de pé na borda do campo funerário de Carrowmore.

Mas não era Carrowmore. Onde Zeke teria visto meia dúzia de montículos a meio escavar, elevavam-se ao menos quinze túmulos perfeitamente formados, com as entradas limpas e as pedras cinzas. E, a seu redor, vários dólmens, as clássicas câmaras funerárias que, até a data, ofereciam mais perguntas que respostas.

De novo, teria jurado que podia ver um padrão. Uma roda cujos raios eram as tumbas, que ainda o fazia pensar que poderia encontrar um sentido a tudo se ficava ali olhando o tempo suficiente.

— O que são? — Perguntou ao dar-se conta de novo de que tudo estava situado em torno do centro do lugar.

Nuala o olhou com um sorriso amável.

— As portas?

— Portas?

— Claro. A nossa corte. Aos outros mundos.

Zeke ficou muito quieto, assimilando as palavras. Deixou que se misturassem com a cena que tinha diante. Cada túmulo estava vigiado por um soldado, como os guardas do palácio de Buckingham.

— Por que têm que ser protegidos? — Perguntou.

Nuala saudou o guarda mais próximo, que devolveu a saudação.

— Porque são uma grande tentação. Os elfos têm a honra de protegê-los. Do contrário, as fadas poderiam ver-se tentadas a criar o caos em outros lugares que visitam. Sobre tudo para vocês, os mortais. O único momento em que se abrem as portas é nos dias de festa, sobre tudo no Samhain. Ou quando a rainha cavalga.

— Samhain... Halloween?

— Sim, Halloween. Agora estão fazendo os preparativos. Já quase é o dia, e às fadas adoram fazer travessuras essa noite em particular.

— Portas — Murmurou Zeke sem deixar de contemplar a cena — Treze.

— Sim.

Ficou ali de pé, tentando recordar o que Nuala havia dito sobre os mundos. E como aquele não era o seu.

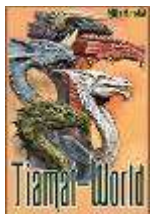
Via como aquele mundo se parecia com o dele, mas obviamente não era.

— Está me dizendo que cruzam de uma dimensão a outra com essas coisas?

— Sim. O túmulo no que caiu está no mundo mortal, claro — Respondeu ela assinalando com o dedo. Zeke o viu, rodeado de arbustos fúcsias.

— Meu Deus — Murmurou — Está falando de universos alternativos. A teoria dos fios era certa.

Como era? Lamentava não ter conhecimentos em física. Havia ao menos dez universos paralelos, todos unidos pelo estranho poder dos fios conectados. Ele tinha descartado essa teoria.



Afinal, aquele não era seu campo. O seus eram os ossos e as vasilhas antigas. Quem poderia imaginar que uma coisa conseguiria demonstrar a outra?

— O que outros universos há? — Perguntou.

— Está preparado para sabê-lo? — Perguntou ela atrás de vários segundos — Talvez não o esteja.

— Preparado? — Repetiu ele — Está de brincadeira? É o que estive procurando toda minha vida.

Nuala olhou de novo a seu redor e franziu o cenho.

— Certo — Disse — É obvio, existe o mundo das fadas... Dividido no reino das Tuas e o mundo de...

— Sim — Insistiu Zeke, sabendo que não queria invocar às fadas más — Continua.

— Depois está seu mundo, claro. O mais próximo ao nosso, mas mesmo assim separado. E vários mais, todos únicos em seu estilo. Em um, as cores são diferentes; a grama é vermelha e o céu verde. Acredito que desfrutaria do pôr do sol ali.

— E você esteve em todos esses lugares?

— OH, não. Não até que seja rainha. Ela é a única que tem acesso completo. Ela e o rei... Bom, ele o fazia quando tinham o poder de vir aqui. Não cruzaram desde antes que eu nascesse.

— Arrumado a que isso alivia a tensão entre vocês.

— Bom...

— Por que todas as portas apontam ao túmulo central? Aonde dá esse?

— À Terra do oeste, claro. É a porta que atravessará a rainha pela última vez nesta terra — E o... O rei? Como cruza ele? Nuala pareceu incômoda.

— OH, aí está o problema. Não pode. Não desde...

— Desde antes que você nascesse. E não merece ir à Terra do oeste se o desejar?

— Eu não devo dizê-lo. Não até que não seja rainha — Suspirou — Embora seria tão duro deixá-lo descansar...

Zeke negou com a cabeça, aflito pela simplicidade de tudo aquilo.

— Espero que isto não seja um sonho — Admitiu — Odiaria pensar que inventei isso tudo.

— E as portas são a única sentinela?

Um beijo comprido e apaixonado respondeu a essa pergunta.

— Quem põs as portas aqui? — Perguntou ele.

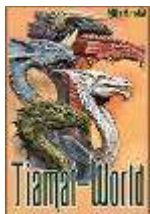
— Sempre estiveram aqui — Respondeu ela, apoiando-se contra seu peito — Nós simplesmente aprendemos sua importância.

— Mas não vão de um mundo a outro todo o tempo.

— Seria uma tolice. E, dada a reputação que temos entre vocês, os mortais, não somos tolas.

Zeke sabia que devia correr colina abaixo e desafiar a um dos guardas a examinar o lugar. Para ver se sentia uma energia estranha ou se via alguma ruptura no espaço dentro da porta.

— Que maneira tão boa de escapar — Murmurou. Em sua cabeça, via si mesmo arrastando



Nuala através de uma dessas portas. Qualquer delas.

Aceitaria inclusive a grama vermelha com tal de estar com ela.

— Uma ideia maravilhosa — Disse Nuala, que o tinha ouvido, é obvio.

— Sim.

Ficaram ali durante comprido momento. Depois, sem dizer uma palavra, deram a volta.

Passaram a tarde com Sorchá e com as crianças; depois se reuniram com outros no grande salão. De novo, Zeke teve que escutar a música de Nuala até sentir que o peito ia explodir. Finalmente, partiram juntos sem interferência alguma e retornaram a casa de Nuala. De novo passaram horas fazendo o amor, como se não fossem voltar a tocar-se nunca. Armazenaram lembranças que os acompanhassem durante os anos vindouros e finalmente ficaram adormecidos um nos braços do outro.

Zeke não estava seguro de quando começou. Mais tarde não poderia descrever o primeiro deles, salvo que parecia espreitar sobre ele com sussurros, como se alguém estivesse ali de pé, oculto na escuridão, semeando as sementes de malícia em seus sonhos. Ia agrupando, como pássaros no céu, corvos negros que bloqueavam a luz e despertavam nele um intenso terror. Raiva. Frustração. Pensava que havia gente ali, faces sombrias que o atormentavam, faces que não conseguia reconhecer. Sentiu-se apanhado em um redemoinho de escuridão que o arrastava para a perdição.

E então o viu. Ouviu-o. Como se a tela se limpasse, viu seu irmão Jake, apanhado como um cervo, enfrentando uma ameaça que nem Zeke poderia ter antecipado. Uma sereia, uma feiticeira empenhada em sua destruição.

Nuala.

Tinha seus dedos largos sobre Jake, acariciando-o como sua irmã, como a leannan sidhe. Sussurrava-lhe coisas ao ouvido.

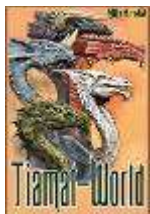
— Você — Sussurrava — Por fim o perdeu. Deixou-o partir, deixou-o cair, entregou-me e eu roubei sua alma. É um homem muito simples. Muito necessitado. Tão necessitado como você, mortal. Que acredita que faria se deitasse comigo? Como acredita que se sentiria?

Com os olhos fechados e a cabeça arremessada para trás, Jake pareceu gritar atormentado enquanto ela sussurrava, sem deixar de acariciá-lo. Zeke tratou de chegar até eles. Tentou gritar, mas não saía a voz. Tentou golpeá-la, mas não a alcançava. Tentou agarrar Jake, mas seu irmão simplesmente abriu os olhos e o olhou para que soubesse que ele tinha toda a responsabilidade. E mesmo assim ela sussurrava, como um súcubo que procurava roubar a alma de Jake.

Nuala.

Sua Nuala, a que considerava tão boa e inocente, injetando seu veneno no coração de seu irmão.

Zeke deveria ter sabido que não podia ser certo, mas de repente já não estava seguro. A garota se parecia com Nuala, mas tinha um brilho predador nos olhos que só tinha visto em Orla. Tinha a atitude escura de sua mãe. Agarrava-se a Jake como um parasita.



E Zeke, que tentava impedi-lo, de salvar o irmão ao que tanto amava, lutava com uma angústia que afogava seus pulmões e não o deixava respirar. Quis ir atrás dela, afastá-la de sua vida por traí-lo, por destruir seu irmão, inclusive sabendo que não podia estar acontecendo. Com certeza que Nuala não faria uma coisa assim. Convencido de que era melhor que o resto de sua raça.

— O que aconteceria... ? — Sussurrava ela no ouvido de seu irmão — O que ocorreria se chupasse até te converter em pó?

— Nãoooooo!

Zeke sentiu uns dedos frenéticos nas bochechas.

— Zeke? Zeke, acorda. Tudo bem, Zeke...

Zeke saltou da cama como uma catapulta e aprisionou Nuala sob seu corpo.

— O que estava fazendo, Nuala? — Perguntou. Sabia que aquilo estava errado, mas se sentia furioso. Desejava machucar. Desejava ver como gritava de desespero — Desfrutou destruindo a meu irmão?

— Destruindo... ? — Tentou acariciá-lo, mas Zeke a pressionou com mais força e segurou ambas as mãos por cima da cabeça — Zeke, estava tendo um pesadelo. Por favor, me deixe me levantar.

Zeke não a ouviu. Não realmente. Só ouvia essa voz rasgando seu irmão.

— Se levantar? Acredito que não. Acredito que precisa pagar por isso, Nuala. Acredito que precisa saber o que se sente ao ser vítima.

Retirou os lençóis com violência e a deixou nua. Nuala respirava entrecortadamente. Parecia um animal apanhado. Estava aterrorizada, o qual produzia a Zeke uma grande satisfação.

“Não”, pensou enquanto separava as pernas com os joelhos. “Isto está errado”.

Nuala tinha que compreendê-lo. Tinha que sofrer pela tortura de Jake.

Tinha que castigá-la. Tinha que penetrá-la até fazer que gritasse, até que sangrasse, até que pagasse pelo que tinha feito.

Zeke estava tremendo, suarento e rígido. Estava tão excitado que doía. Encontrava-se tão consumido pela ira que não podia pensar.

Tinha que agir. Tinha que fazê-lo.

Não podia!

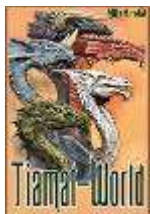
Com um grito de desespero, levantou-se da cama. Então pôde vê-la, estendida na cama como um pulso machucado, gelada e pequena. Com os olhos fechados. Esperando a devastação.

Zeke deu a volta e saiu correndo.

Mal tinha chegado ao grupo de árvores situadas atrás da casa quando foi interceptado pelo que pareciam ser quatro defesas de uma equipe de futebol.

— Por isso, mortal — Grunhiu um deles enquanto punha uma espada no pescoço — Morrerá.

Zeke fechou os olhos e disse — Vamos.



Capítulo 12

Nuala o encontrou entre as árvores, apanhado por quatro dos elfos mais fortes que protegiam a corte. Xender, o Ancião, tinha sua espada levantada sobre sua cabeça.

— Alto — Disse ela.

Sentia-se destruída. Pôs o vestido, mas ainda se sentia nua. Nua, envergonhada e furiosa. Mesmo assim, de repente não podia jogá-lo na cara de Zeke, que jazia no chão esperando a morte.

Zeke não a teria machucado. Não realmente. Tinha que acreditar isso, ou ficaria louca. Mas tinha que compreender o que acabava de acontecer.

Mesmo assim, nenhum desses pensamentos evitou que desse um chute no traseiro quando se aproximou.

— Se levante, mortal — Disse, fazendo o possível por dissimular suas mãos tremulas.

Os elfos se afastaram, mas Zeke não se moveu. Ficou feito uma bola no chão, nu sobre a grama; e de repente Nuala ouviu. Gritos. Não gritos de bean tighe, doces e harmoniosos, e sim gritos de sobrevivência e de dor. Gritos de culpa.

Gritos de Zeke. Quis aproximar-se e levantá-lo do chão. Envolvê-lo entre seus braços e embalá-lo até que se acalmasse. Mas não podia. Tinha arranhões nos pulsos. Ainda saboreava o medo na garganta.

Levantou um braço e ordenou aos elfos que se retirassem. Xender se endireitou e a olhou inquisitivamente. Seu dever era protegê-la e não parecia seguro de que fosse estar a salvo sem ele.

Poucos momentos antes, nem ela mesma teria estado segura. Mas a razão parecia estar abrindo passo entre a confusão. E a razão dizia que nada do ocorrido tinha sido culpa de Zeke. Só tinha que descobrir de quem era a culpa.

— Espera na casa, bom Xender — Ordenou — O resto, voltem para seus postos. Obrigada de coração.

Esperou a que se fossem para mover-se. Quando o fez, foi ajoelhar-se junto a Zeke.

— Zeke? — Disse em voz baixa — O que aconteceu?

Zeke não se movia; tinha os olhos fechados e os punhos apertados. Seu corpo não parava de tremer.

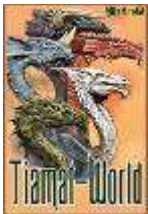
— Acredito que estou ficando louco.

A brisa estava ficando fria. Nuala viu sua pele arrepiar e soube que o suor devia estar gelando-o. Mesmo assim se manteve em seu lugar. Afinal, tinha visto seus olhos, e a loucura.

— Conta me — Insistiu.

— Queria... — Zeke engoliu seco e abriu os olhos. Nuala recuou instintivamente e viu como ficava em pé, embora já não representasse ameaça alguma — Quase te violo, Nuala.

— Sei — Disse ela enquanto se levantava também — Estava ali. A pergunta é, por quê?



Tremendo, Zeke passou as mãos pelo cabelo.

— Havia imagens em minha cabeça. Sentimentos que... OH, não sei. Náuseas, medo, ira. Sentia tanta ira. Porque estava seduzindo Jake. Como Orla. Atormentando-o. Destruindo-o. Tentando destroçar a mim também — Balançou a cabeça — Não sei. Estou confuso. A única coisa que sei é que não posso tirar da cabeça a sensação de que fez algo horrível e de que tenho que te machucar.

Nuala não soube como, mas se sentiu pior. Não por ela, mas sim por ele. Pelo que alguém lhe tinha feito. Aquele homem forte e valente estava virtualmente destruído pelo que acabava de ocorrer. Estava mais traumatizado que ela, e isso a tinha deixado a ponto de ser a vítima.

— Mas não fez — Disse — Ao final, não foi capaz de tal violência.

— Mas estive perto.

Então se aproximou dele e o rodeou com os braços.

— OH, não acredito — Assegurou — Agora tem frio. Temos que te vestir e depois descobrir por que aconteceu isto, Zeke.

Ele não se moveu, simplesmente negou com a cabeça, como um animal ferido.

— Não sei — Murmurou — Eu... Eu nunca sonho. Nunca... Jamais...

Nuala levantou a mão e acariciou a bochecha machucada. Viu então a angústia em seus olhos.

Pensou em todos os anos que o tinha observado, em toda a dor que tinha visto suportar, e lamentou ainda mais tê-lo feito passar por aquilo.

— Sei. Vamos para dentro. Temos que falar. Xender estará conosco, mas não para me proteger de você, e sim para proteger você de outra coisa. Algo mais escuro que a raiva, tenho a impressão.

Zeke a seguiu, aparentemente alheio a sua nudez. Sua atenção parecia estar centrada na casa, como se seguisse vendo em sua cabeça o ocorrido, assim como ela.

A sensação de incerteza não ia. A necessidade instintiva de afastar-se dele. Nuala sabia que nunca a machucaria, mas mesmo assim temia. Só por aquele incidente. Pela lembrança da loucura em seu olhar.

Alguém tinha que pagar por isso. E pagaria. Embora fosse sua mãe. Sobre tudo se fosse ela. Nenhuma prova era o suficientemente importante para destruir a alma de um homem.

Não viu Xender quando entrou na casa, o que significava que esperava além da entrada, o suficientemente perto para servir de ajuda e o suficientemente longe para dar privacidade. Nuala conduziu Zeke à cama e insistiu para que se sentasse. Depois se sentou a seu lado.

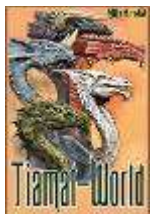
— Recorda algo mais? — Perguntou enquanto estreitava sua mão.

— Você — Respondeu ele sem deixar de olhar pela janela — Jake. Eu tentava te deter. Depois tentava te machucar.

— Zeke — Disse ela enquanto deslizava o polegar por sua bochecha — Me faça amor.

— Temos que descobrir por que aconteceu tudo isto.

— Primeiro temos que nos assegurar de que não era algo sobre nós. Por favor, Zeke, me



faça amor.

Zeke tinha lágrimas nos olhos. Nuala assassinaria com suas próprias mãos o responsável.

— Está segura? — Perguntou enquanto lhe acariciava o cabelo com uma mão tremula.

— Me ame, Zeke. Dê-nos a ambos a coragem para enfrentar isto.

E o fez. Acariciou-lhe a face e a beijou. Fechou os olhos, mas Nuala não. Ela sabia que estava tremendo. Sabia que as dúvidas continuariam ali. Precisava ver o Zeke à luz do dia para apagar a lembrança do outro Zeke, o Zeke violento.

Mas já não era violento. Mostrava-se terno enquanto tomava seu tempo acariciando-a com as mãos, com a boca, com o coração. E com seus olhos. Seus olhos verdes e sábios.

Abriu os olhos quando ela o pediu, e os manteve abertos enquanto tirava o vestido e a deitava sobre a cama para devorar seu corpo. Nuala se arqueou sob suas mãos quando começou a acariciar os seios, enquanto cobria de beijos o pescoço, as sobancelhas, os olhos. Enquanto recordava por que se apaixonou por ele tanto tempo atrás e apagava as lembranças dessa manhã.

— Veem, Zeke — Sussurrou ela enquanto separava as coxas e agarrava sua ereção com ambas as mãos — Veem para casa comigo.

E, com um gemido de prazer, penetrou-a. Consumiu-a. Rodeou-a com seu corpo, com seu calor e com seu carinho. Nuala se rendeu à felicidade de tê-lo ali, gemendo. Sim, gemendo em seu pescoço enquanto se moviam e o fogo crescia entre eles até transportá-los ao clímax. Nuala jogou a cabeça para trás, abriu os olhos e gritou sem controle. Recebeu seus gemidos e segurou seu corpo entre seus braços. E em algum momento, enquanto suas lágrimas se misturavam com as dele, soube que, de algum modo, haviam fecundado um bebê.

E se sentiu feliz. Sobre tudo depois ter capturado suas lágrimas com os dedos e ter dado as suas em resposta. Depois de ter arrumado o que algo ou alguém tinha quebrado.

Horas mais tarde, Zeke se levantou e a abraçou.

— Obrigado — Disse — Não poderia ter suportado essas lembranças muito mais.

— Não teria que tê-lo feito.

Tinha chegado o momento. Terei que fazer a pergunta. Sabia que isso afastaria Zeke dela. Mas, se fosse sua mãe a causadora de seus pesadelos, tinha que sabê-lo. Tinha que saber por que.

— Temos que...

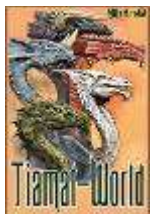
— Sei.

Não disseram nada mais. Levantaram e se vestiram em silêncio, temendo romper a paz que tinham recuperado. E em silêncio abandonaram a casa e foram procurar à rainha, seguidos por Xender.

Não encontraram à rainha sozinha. Descansava nos braços de seu amante, nus e aconchegados os dois em uma árvore. Nuala se deteve uns três metros de sua mãe e a olhou com firmeza.

— Foi muito longe — Disse a Mab.

A rainha nem sequer piscou. Mas Nuala sabia que não estava satisfeita.



— Se explique, minha jovem Nuala — Disse Mab afastando-se de seu amante — Por que interrompe meu descanso?

— Não — Disse Zeke — Esta é minha luta. Acredito que posso falar por mim.

Mal parecia advertir que a mulher com a que falava estava nua. Nem que era a criatura mais gloriosa sobre a terra. Nuala não pôde evitar sentir-se satisfeita. Tinha-a escolhido por cima das outras belezas de sua família. E por isso, sua mãe tinha estado a ponto de destruí-lo.

— Sua acusação é muito grave, pequena Nuala — Disse a rainha — Acredito que deve se explicar.

— A verdade é que não — Disse Zeke — Eu o farei. Porque tenho que te deixar algo muito claro. Não me importa quem seja nem o que acha que pode fazer comigo. Se voltar a pôr em perigo a sua filha ou causa alguma tristeza, arrancarei-te o coração. E me acredite, posso fazê-lo. E o farei.

Nuala ouviu a ameaça em suas palavras e teve que controlar as lágrimas. Voltou a temer por sua segurança. Depois dele, Xender se agitou um pouco, mas se manteve em seu lugar. Ardwen se incorporou. A rainha se voltou escura.

— E por que ia causar tristeza a minha filha, pequeno homem?

Mas obviamente Zeke não ia deixar se intimidar.

— Acredita que a violação é uma terceira prova válida? Quer pô-la em perigo só porque está furiosa comigo? Que tipo de mãe é?

— Acredito que deve se explicar, pequeno homem — Disse a rainha.

Nuala pegou a mão de Zeke. Estava orgulhosa dele.

— Não tenho que explicar nada — Disse ele — Foi você a que enviou essa loucura, a que pôs a sua filha em perigo para demonstrar que tinha razão. Como pôde ocorrer? Acredita que seria um prisioneiro mais feliz se tivesse conseguido violar a mulher que amo?

Nuala sentiu um tombo no coração. Ficou sem respiração diante a temeridade de Zeke. Diante a verdade que jamais deveria ter querido escutar. Só o peso dessas formosas palavras produziu uma ferida no coração.

— Como se atreve? — Perguntou a rainha — Tem a desfaçatez de sugerir que poria a minha própria filha em perigo? Por você?

Sua ira era terrível. As nuvens tamparam o sol e as árvores gritaram assustadas. Nuala sabia que todas as fadas do reino tremiam diante essa ira, inclusive sem saber por que era devida.

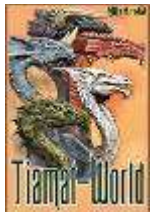
Olhou fixamente a sua mãe e se deu conta. “Deus” pensou com assombro. “Diz a sério. Jamais me faria mal. Nem sequer pela corte”. Desde dia em que Mab lhe entregasse o globo da sucessão, Nuala jamais a tinha considerado uma mãe sentimental. Sua educação tinha sido firme, suas lições, mais ainda. Mas parecia que sim se importava, a sua maneira.

Mab se voltou para ela e Nuala viu a dor em seus olhos.

— Pensava que eu o fiz? — Perguntou — Pensava que pus a este mortal contra você?

— Quem se não? — Perguntou Nuala — Uma ideia assim jamais teria ocorrido a ele.

— Isso diz você.



— Conheço-o, mãe — Era tão simples como isso.

E sem mais, o sol retornou. A rainha se sentou e a corte reapareceu.

— Realmente fez tal coisa? — Perguntou Mab.

— Não — Respondeu Nuala — Não pôde. É importante que saiba.

— Está segura?

— Acredita que enfrentaria você por uma fantasia? — Perguntou Nuala — Quer ver meus machucados? Ou os seus? Meus guardas se mostraram eficientes.

— Bom, pode estar agradecida. Tem minha gratidão, Xender.

— Eu o testemunho, milady — Disse o elfo com voz calma — O mortal ficou louco. Entretanto, saiu correndo antes que fizesse mal a lady Nuala. Depois o capturamos.

— Então também tem minha gratidão, mortal — Disse Mab — Pode se explicar?

Zeke não teve que abrir a boca. Nuala o viu aquela vez enquanto o recordava; cada momento, as visões, sons e sensações que tinham enchido sua cabeça até fazê-lo explodir. Agarrou-se a ele para recordar que não estava sozinho. Depois se voltou e viu como essas lembranças golpeavam a sua mãe como uma marreta.

A rainha empalideceu.

— Deus — Sussurrou.

— Então essa não era a terceira prova? — Perguntou Zeke.

— Eu pus você a prova, pequeno homem — Disse Mab — Não Nuala. Não tenho necessidade de pôr a prova a minha filha.

— Então quem? — Perguntou Zeke — Por que?

— Despertou e viu essas coisas em sua cabeça? — Perguntou Mab.

— Não despertei. Estava sonhando.

Tudo ficou em silêncio. Mab ficou gelada, com os olhos fixos, e de repente Nuala viu o que devia ter visto desde o começo. Ao menos antes de acusar a sua própria mãe.

— Não têm acesso aqui — Disse Mab — Estamos protegidas.

— Só necessitam a um — Disse Ardwen.

— Ninguém cometeria tal traição — Insistiu a rainha — É inconcebível. Quem teria coragem para fazê-lo?

— Inconcebível ou não — Disse Nuala — aconteceu. Um crime contra este mortal que só procurava a paz conosco. Ao menos liberta-o, mãe. Envia-o para que possa estar a salvo.

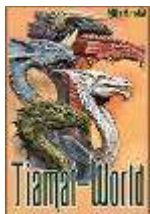
Não deveria tê-lo dito. Zeke se voltou para ela.

— A salvo? — Perguntou — Do que? — Então olhou a Mab — É isso o que ia explicar?

— Isto não é mais que uma aberração — Disse a rainha — Um ataque com o que não tivemos nada que ver.

— Então quem o fez? — Perguntou Zeke.

O silêncio foi absoluto. Ninguém desejava pronunciar em voz alta aquilo que tinha invadido os sonhos de Zeke. Certamente não Nuala, a que desde pequena tinham ensinado a temer esse nome.



— Isso o descobriremos — Prometeu a rainha.

Zeke olhou para Nuala e ela soube o que ia perguntar. Também soube que seu dever era dizer.

— Nuala, explique-me isso — Disse ele — Acredito que tenho direito de saber.

— É claro — Admitiu ela — São as Dubhlainn Sidhe. Têm o dom dos sonhos. Os controlam e os invadem. Os roubam.

— Incitam à violência? — Perguntou Zeke.

— Esse é seu dom especial — Disse a rainha.

— Não têm equilíbrio — Explicou Nuala — Não têm a precaução feminina. Não desde que perderam sua pedra. Seus poderes se tornaram escuros.

— Chamem o profeta — Disse a rainha — E a minha filha Sorch. Quero minha coroa.

As Dubhlainn Sidhe. As fadas da Espada Escura, que jamais deveriam ter acesso a aquele lugar, tinham conseguido meter-se nos sonhos de Zeke. Tinham-no incitado a uma violência que não era própria dele. E alguém, um membro da corte de Nuala, tinha-lhes permitido fazê-lo.

E agora a rainha, de pé frente a toda a corte, estava procurando o culpado. Tinha os olhos meio fechados e o corpo tenso enquanto procurava pensamentos delatores.

O vento se deteve e o ar ficou suspenso. Nem um inseto se movia enquanto a rainha deslizava seu olhar por sua província. Enquanto procurava insubordinação entre seus fiéis. Nuala se colocou frente a ela, esperando se por acaso sua mãe necessitava sua ajuda. Esperando que retornasse Sorch com suas pedras, com os talismãs de seu poder. Esperando a oportunidade de proteger Zeke se fosse necessário.

De repente Mab levantou a cabeça e seus olhos se iluminaram.

— Orla! — Exclamou — Orla!

Nuala ficou com a boca aberta. Não podia ser possível.

— Sim — Respondeu Orla, que apareceu em silêncio — Lutei pelo que era meu.

A rainha enfrentou sua filha com a ira de um monarca.

— Pós em perigo meu reino?

— Fiz o possível por assegurar um trono seguro. Este mortal não tem nada que fazer aqui, e tentei demonstrá-lo. Quem melhor para fazê-lo? E poderia ter conseguido, se não fosse tão fraco.

— Teria tolerado que me violasse, Orla? — Perguntou Nuala assombrada. Era sua irmã e elas nunca se deram bem, mas nunca a teria acreditado capaz de algo assim. Nunca.

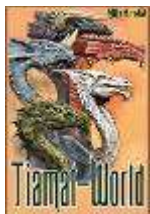
— OH, não realmente — Disse Orla — Xender o teria impedido. Só queria demonstrar que o mortal não era merecedor. Então nossa mãe e você teriam centrado de novo no reino — Olhou à rainha — E você teria visto que Nuala não está preparada para herdar o trono.

— Ao contrário que você? — Perguntou Mab.

Orla se aproximou da rainha com a cabeça alta.

— Ela não o deseja. Já sabe. Por isso o trouxe aqui, para te assegurar. Eu simplesmente me dediquei a ajudar. Como quando me pediu que fizesse a primeira prova.

— Não recordo te ter pedido que convidasse o inimigo a vir, Orla — Respondeu a rainha —



Não é certo?

— Não foi mais que uma posse onírica — Disse Orla — Uma visita rápida, juro-o. Vimos como partiam.

— Vimos? — Perguntou Nuala.

— Ele também foi julgado e será banido — Declarou a rainha — Está segura de que se foram, filha?

— É obvio. Tenho esse poder. Não haverá mais problemas — Prometeu Orla, e olhou de esguelha a Zeke — Sobre tudo se nos livrar desse mortal pestilento.

Mas Orla se enganava. Nuala ouviu a comoção inclusive enquanto sua irmã se defendia. Pisadas aceleradas, vozes elevadas. Deu a volta bem a tempo de ver sua irmã Sorcha entrar correndo seguida de uma tropa de elfos armados. Nas mãos levava a coroa da rainha, o glorioso diadema que iluminava o salão de noite e que levava a pedra Coilin incrustada no alto

— OH, Deus santo — Sussurrou Nuala.

A pedra...

— Não está! — Exclamou Sorcha — Roubaram a pedra Coilin!

Capítulo 13

— Enviou-os para casa, não é, Orla? — Perguntou a rainha, vermelha de ira.

Mas Orla ficou calada, olhando fixamente a coroa vazia que Sorcha sustentava em suas mãos. Nuala sentiu náuseas. A pedra que as governava, que lhes dava equilíbrio e unidade, a pedra que as definia. Desaparecida. Não sabia o que fazer. Agarrou-se à mão de Zeke, como se isso fosse devolver o equilíbrio que tinha perdido.

— O que fazemos? — Perguntou Ardwen.

— Sim, Orla — Disse a rainha — O que fazemos?

Nuala pôde sentir como as notícias se estendiam como uma praga pelo reino. As árvores se dobraram e as sombras se juntaram.

— Eu... Eu o vi — Protestou Orla com voz tremula — O vi partir. Partiu. Juro.

— Jura? — Perguntou a rainha — Pelo que? Pela pedra Coilin? Não pode, minha filha. Porque a entregou aos nossos inimigos.

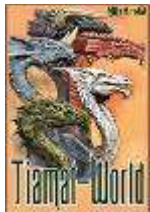
— Isso não sabe — Protestou Orla.

— Claro que sei, menina estúpida e egoísta — A rainha balançou a cabeça — Poderia ter sido rainha. Mas não tem a paciência necessária. Pensava consegui-lo mediante um truque. Bem, Orla, aconteça o que acontecer hoje aqui, que saiba que seus truques já não lhe servirão.

— O que quer dizer? — Perguntou Orla.

Mas a rainha simplesmente a olhou com ira.

— Chamem os guardas — Disse a seus soldados — Enviem os cavalos a procurar. Se for



algum tipo de ladrão, foi-se, mas devemos estar atentos. Por sorte estamos preparados para a batalha. Do contrário, a pequena surpresa de Orla nos teria pegado despreparados.

— Chamou-me, minha rainha — Era Kieran.

— Tinha razão, Kieran — Disse a rainha — Minha própria filha trouxe o desastre.

— Já sabe o que terá que fazer — Disse o menino — O soube desde o começo, acredito.

Mab franziu o cenho.

— Tão seguro está?

— Não — Respondeu Kieran — Mas é o melhor que posso dizer agora mesmo. Deve seguir adiante.

— Pode enviar o mortal a sua casa? — Perguntou Nuala.

— Não temos tempo, filha — Respondeu sua mãe.

— Devemos procurar o tempo — Insistiu ela — Por favor, mãe. Não temos direito a pô-lo mais em perigo. Liberta-o. Ponha-o a salvo.

— A salvo do que? — Perguntou Zeke, e se virou para Mab — Significa que isto vai piorar?

— Depois da terceira prova, saberá, mortal — Disse a rainha — E ainda não passou por ela.

— Então a faça já e me deixe ajudar.

— Muito amável de sua parte — Disse ela — Mas não é algo que simplesmente possa golpear com um pau, pequeno homem. São assuntos de fadas.

— Me olhe — Disse Zeke.

Nuala tratou de segurá-lo, mas ele foi mais forte.

— Não — Insistiu Zeke — Não penso deixar que enfrente a isto sozinha. Seja o que for.

— Xender — Disse a rainha — Informa a meu capitão Tearsigh. Dê as más notícias.

— Sim, milady. Assim o farei.

— Devemos advertir ao reino — Disse Ardwen — Devemos nos preparar.

— Por favor, Kieran — Disse Nuala — Diga que o mortal deve ir-se.

— Realizou já a terceira prova? — Perguntou o menino.

— Não! — Exclamou ela — Não importa!

— Claro que importa, lady Nuala. Quando as missões são fixadas, têm que ser completadas.

Do contrário, ocorrerá algo mau.

— Algo mau? — Perguntou ela.

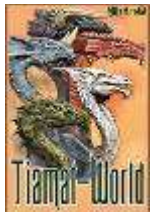
— Uma ruptura na malha do tempo, algo assim — Explicou Kieran.

Às vezes Nuala esquecia que o profeta era em realidade um menino de nove anos.

— Calma — Disse a rainha — Os dois. É hora de agir. Já nos ocuparemos do mortal mais tarde — Olhou Zeke fixamente — Ficarà muito bem com uma armadura élfica, pequeno homem. Agora, alguém pode pedir a minha?

— No salão, milady — Assegurou Ardwen.

Mab ficou em pé com cara de orgulho. Nuala tinha visto sua mãe de muitas formas. Mas nunca a tinha visto dirigir um exército. Contemplou então a majestuosidade que devia possuir uma rainha. A força e a coragem. E soube que ela não tinha nada disso. Jamais seria capaz de enviar os



Tua a uma batalha para morrer. De arriscar a vida daqueles que amava. E mesmo assim Mab se mostrava serena e firme. Com a intenção de levá-los a vitória.

— Vamos — Anunciou a rainha, e dirigiu a Nuala um olhar que fez que esta se perguntasse o que veria nela.

— Eu levarei cavalos — Se ofereceu Nuala com uma reverência — Se à rainha parecer bem. Mab assentiu.

— Acredito que eu irei com ela — Disse Zeke.

Estavam a ponto de mover-se quando Orla os recordou que ainda seguia ali.

— E o que acontece comigo? — Perguntou.

Mab a olhou com frieza e suspirou.

— Com você? Você fique aqui, claro. Não seria sensato de minha parte te deixar solta diante o inimigo que você mesma trouxe.

— Não sabe se virão!

— Disse-me que só roubariam a alma do mortal. E, entretanto, não era certo.

— Tem que me deixar fazer algo. Não pode permitir não o faça! Sou a leannan sidhe.

— OH, claro que é. Mas acredito que não te fez nenhum bem. Transformou-se em uma arrogante. Assim acredito que é hora de que aprenda a viver sem truques. Hoje dirigirá os arqueiros, que permanecem na retaguarda. E, se acabarmos o dia e não entregar a meus arqueiros o ladrão da pedra, acredito que será melhor que comece a ver o mundo sem o poder de leannan sidhe.

— Não pode! — Exclamou Orla.

— OH, claro que posso — Respondeu a rainha com um sorriso perverso — De fato, minha pequena Orla, já o tenho feito. Quando tiver completado com seu dever, direi o que mais pode fazer. Porque, se a pedra já tiver abandonado este reino, será você a que a recuperará.

— Na terra da Espada Escura? — Perguntou Orla, aterrorizada.

— Na terra do inferno, se eu lhe ordenar. Agora vá, antes que perca o pouco amor que fica por você.

Orla, a tola e ambiciosa Orla, teve a coragem de responder a sua mãe.

— Só o fiz para salvar o trono.

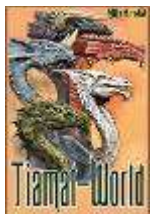
— Por isso não te desterrei, estúpida. Agora vá.

Orla deu a volta e Nuala viu como a corte lhe abria caminho. Não com honra, e sim com condenação no olhar. Orla desprezou seus julgamentos e caminhou entre eles com altivez.

Enquanto esperava a que a rainha se movesse, Nuala se deu conta de que Sorchá ainda estava diante eles com a coroa nas mãos. Desejou poder lhe tirar essa carga. Era Sorchá a que se encarregava de proteger as pedras, e não tinha sido capaz de proteger a mais importante de todas.

— Mãe... — Disse Nuala sem pensar.

A rainha deu a volta, viu o que Nuala tinha visto e dirigiu um sorriso agridoce a sua filha do meio.



— OH, minha pequena Sorch, não tem sentido levar uma coroa vazia. Acredito que hoje usarei o capacete.

Sorch olhou a sua mãe e a sua gente com cara de arrependimento.

— Eu deveria ter sabido — Disse.

— Assim é — Respondeu Mab — Mas não o fez com maldade. Protegeu às crianças. Você também será responsável por recuperar Coilin. Mas não tema. Não era sua missão protegê-la neste dia. Ponha armadura e se reúna com sua mãe.

Sorch fez uma reverência. Tinha lágrimas nos olhos, e Nuala pensou que ia romper o coração de pena por sua irmã. Ninguém levava sua carga com mais devoção que Sorch. Mas sua mãe havia dito a verdade. As crianças eram mais importantes para a Sorch. Entretanto, assim como os outros, teria que deixar para trás as crianças e ir lutar.

Nuala quis chamar uma vez mais a atenção de sua mãe para rogar que deixasse ir Zeke. Que o enviasse de novo para sua família, a qualquer lugar que não fosse o reino das fadas, sobre o qual se abatia uma grande catástrofe.

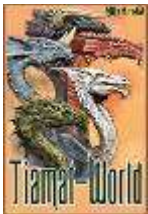
Começou a ver como a luz ia diminuindo pouco a pouco. Apareceriam as Dubhlainn Sidhe, ou simplesmente acumulariam seu poder em lugares escuros e em corações mais escuros ainda? O poder masculino unido à ambição masculina. O que seria delas? O que seria de seu mundo? Haveria tormenta sem sol? Poder sem paciência? Render-se-iam a sua fúria e infligiriam mal em seu mundo e em outros mundos, protegidos zelosamente pelas guardiãs Tuas?

A rainha tinha razão. Teria que aceitar o desafio. Mas Nuala temia que já fosse muito tarde. E aterrorizava que Zeke sofresse as consequências; que seu filho não nascido não chegasse a ver o formoso prado onde tinha sido concebido. Que o mundo mortal e o das fadas ficassem assolados para sempre.

Zeke haveria se sentido como um idiota se não tivesse visto os preparativos a seu redor. Estava de pé junto à Cadhla, comprovando o peso de uma espada de guerra de um metro de comprimento e com o traje mais horrível que jamais tinha visto. Cota de malha, com capacete incluído. Entretanto as malhas élficas eram leves como o ar. Imaginava que Frodo não era tão iludido depois de tudo. Inclusive o cavalo levava armadura.

A seu redor se reuniram todos os cavalos. As fadas voavam agitadas de um lado a outro, e montões de gnomo ferreiros davam os últimos retoques às armaduras. As tropas partiam a cavalo, a pé ou pelo ar, e se dispersavam pelo vale das portas. O campo funerário de Carrowmore. Muito apropriado, pensava Zeke. Afinal, que melhor lugar para ter uma guerra que um campo funerário? Embora não fosse realmente um campo funerário, mas sim portas interdimensionais.

À cabeça de cada exército cavalgava uma das filhas de Mab. Cada uma embelezada com cota de malha e adornada com suas pedras de poder. Zeke não podia deixar de olhar Nuala. Parecia o retrato vivo de Joana D'Arc, em cima de seu cavalo com seu estandarte levantado e as tropas atrás. Como poderia não amá-la? Sabia que ela odiava aquilo. Sabia que não desejava outra coisa mais que deitar-se no prado e celebrar as estações da terra. Não queria lutar, não queria



levar a suas tropas à morte. E mesmo assim, cavalgava frente a eles, resolvida e serena.

Igual a SORCHA frente aos soldados e Orla frente aos arqueiros. Princesas do reino em todos os sentidos. E à cabeça, o brilho incandescente da rainha. A inspiração e o exemplo de todo ser vivente do reino.

Jamais o teria acreditado se não tivesse visto. Se não tivesse de pé junto a seu cavalo, ansioso por montar-se e cavalgar. Zeke jamais tinha formado parte de um exército. Era cientista, não guerreiro. E mesmo assim se sentia inexplicavelmente unido a aqueles seres orgulhosos. Sentia-se orgulhoso e temia desapontá-los. Agitou-se junto à Cadhla e esperou que ordenassem o movimento das tropas.

— Paciência, Muuyaw — Disse Cadhla — Logo haverá isca suficiente para todos.

— Fez isto antes? — Perguntou Zeke.

— Não houve guerras desde que eu nasci. Faz já muito tempo que os clãs das fadas não combatem — Respondeu o cavalo.

— E acredita que hoje combaterão?

— Acredito que devemos estar preparados.

— Quem sabe? — Murmurou Zeke — Talvez os elfos tenham apanhado o culpado.

— Duvido-o. Diz-se que foi Liam o Protetor o que veio.

— É o tipo que... ?

— Que infectou seus sonhos? Sim, Muuyaw. Assim é.

— Então te agradeceria que me dissesse quem é quando chegar o momento.

O cavalo negou com a cabeça.

— Duvido que seja tão simples.

— Por que?

O cavalo simplesmente relinchou. Nuala tinha dado a volta sobre sua cadeira e tinha observado à cavalaria. Sem dizer uma só palavra, todos os cavaleiros e os cavalos ficaram alerta.

— Ela te busca, Muuyaw — Disse Cadhla — Monta e começaremos a avançar.

Zeke embainhou sua espada, subiu à cadeira e dirigiu Cadhla para o fronte. Nuala se fixou nele e Zeke não pôde evitar sorrir ao ver o alívio em seu olhar. Realmente queria que estivesse ali? Um antropólogo? Não sabia bem como dizer que quão único tinha dirigido em sua vida tinha sido uma escavação. Duvidava que os exércitos fossem o mesmo.

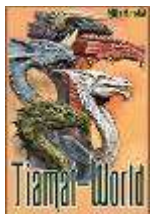
— Ela necessita sua força — Disse o cavalo, como se estivesse respondendo a sua pergunta

— Não a desaponte.

A Zeke surpreendeu ver como outros cavaleiros se afastavam para lhe abrir caminho e como agachavam a cabeça a modo de saudação, coisa que teria parecido inconcebível poucos dias atrás.

Dias? Só tinham passado dias? Começava a sentir-se como se tivesse pertencido a aquele lugar sempre. Que Jake, Gen e Lee eram um sonho.

Quando se aproximou de Nuala, ela se girou e o olhou com aqueles olhos verdes carregados de fogo.



— Me disseram que vai haver uma festa — Brincou ele.

Ela dirigiu um sorriso e disse:

— Sinto muito, Zeke. Não deveria desejar isto. Deveria te ordenar que se retirasse do campo de batalha, onde possa estar a salvo.

— Mas não o fará?

— Cavalgará comigo? — Perguntou ela. Foi melhor que uma declaração de amor.

— Acreditava que nunca me pediria — Respondeu isso ele com o mais brilhante de seus sorrisos.

— Mas depois disto, irá a casa. Ouve-me?

— Só se passar pela terceira prova.

— Se esta não for prova suficiente para a rainha, então não merece o direito de poder escolhê-las. Agora, vamos.

Só com um olhar por cima do ombro, Nuala colocou a suas tropas em seu lugar e começou a seguir a sua mãe.

— Onde está Kieran? — Perguntou Zeke enquanto cavalgavam.

— Com os meninos — Respondeu Nuala — Não queria ficar, asseguro-lhe isso. Mas quem se arriscaria a perder a um profeta?

— Aposto que ele não estava de acordo.

— Talvez necessite um homem mortal que lhe demonstre a sabedoria de nossa decisão sem ferir seu orgulho.

— Estou seguro de que me ocorrerá alguma analogia de basquete.

Nuala sorriu e levantou uma mão. Todos os cavalos se detiveram em seco. Zeke olhou através do vale, quase com a esperança de ver o exército inimigo. Entretanto, tudo estava tranquilo. Os túmulos brilhavam com a luz e as sombras se estendiam pelo chão sob os dólmens. A grama se estremecia com o vento invisível e as nuvens atravessavam o céu azul. Como era aquele dito dos Lakota? “Hota bey”. “Fazia bom dia para morrer”.

Então, em um segundo, tudo começou a ir mau. Ao princípio foram só sussurros, vozes longínquas que o fizeram dar volta e não ver nada, sentiu um calafrio pelas costas, como se algo que não pudesse ver estivesse espreitando-os. Algo que podia sentir em cada terminação nervosa de seu corpo.

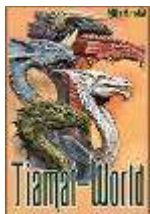
Olhou a seu redor, mas ninguém parecia reagir. Nuala estava contemplando o horizonte, talvez examinando o campo. Não pareceu advertir como se levantava um vento fétido que levava vozes consigo, vozes que de repente Zeke reconheceu. Gemidos de angústia, gritos de desespero.

— Nuala — Disse ele — São eles.

— Eu não vejo nada.

— Ouço-os — Insistiu Zeke — As vozes de meus sonhos. A raiva. A necessidade de vingança. Estão nessa nuvem.

A nuvem que se aproximava na distância. Zeke sentiu sua aproximação como uma maré vermelha que subia por sua pele. Quis gritar: “Não o veem? Sou eu o único que o reconhece?”.



E mesmo assim ninguém se moveu nem fez nada. Ninguém viu a sombra profunda que tampava o sol. Nesse instante se deu conta de que seu sonho tinha proporcionado um dom. Era capaz de reconhecer o que nenhum deles tinha experimentado em toda sua vida: a voz das Dubhlainn Sidhe.

Não podia ficar quieto. Não podia esperar. De repente soube o que ia acontecer, e soube que ninguém mais reagiria a tempo.

— Nuala! — Gritou, e instigou Cadhla — A rainha!

Quão único recordaria mais tarde seriam seus gritos e a surpresa nos olhos de Nuala antes de instigar também a seu cavalo e lançar-se para a rainha para poder interceptar a aquela sombra. Aquela ameaça.

Ninguém o viu. Ninguém salvo ele. Mas ali estava Nuala, gritando como uma guerreira enquanto levantava sua espada. Zeke levantou também sua espada. Viu como a rainha começava a dar a volta. Viu as sombras juntar-se e por fim ouviu os chifres de guerra, que fizeram que seu exército começasse a mover-se.

Não chegariam a tempo. Nuala estava na frente, entre a rainha e ele. Era o objetivo perfeito para o inimigo, porque Zeke os conhecia, reconhecia suas vozes. Ouviu-os em sua cabeça e sua fúria aumentou.

Não podia permitir que fizessem mal a Nuala. E tampouco matariam à rainha. Se a matassem, tudo estaria perdido. Também podiam sequestrá-la. Não sabia como nem por que sabia, mas assim era. E ele não podia permitir que o mundo de Nuala se esfumasse por culpa daqueles seres.

— Xender! — Gritou — A sua princesa!

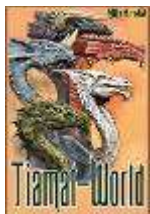
E inclusive com a cota de malha, segurando uma espada que jamais tinha levantado antes, Zeke conseguiu deixar para trás Nuala e dirigir o valente Cadhla utilizando só os joelhos. Juntos afastaram Nuala do inimigo, onde pudesse estar a salvo, e se dirigiram para a rainha, que tinha levantado o olhar para a força invisível. Uma força que, ao ver que não podia destruir Nuala, dirigiu-se para ela.

— Hota bey! — Gritou Zeke na cara do inimigo.

E então, sem pensar no que estava fazendo, ficou de pé sobre o lombo da Cadhla, balançou-se e, nos segundos últimos antes que o inimigo se apoderasse da rainha, saltou da cadeira e atirou Mab de seu cavalo.

O inimigo o golpeou com a força de um canhão, obrigando-o a proteger à rainha, que estava feita um novelo entre seus braços, igual a Xender tinha protegido Nuala e outros tinham defendido a Sorchá e a Orla. O ataque só foi contra elas, as mulheres do poder das fadas, mas não teria êxito. Enquanto Zeke protegia, outros lutavam. Ouvia o terrível estrondo das espadas, os gritos de raiva, de frustração e de dor, o galopar dos cavalos e o assobio das flechas. Segundos depois, sentiu um forte golpe na cabeça.

As trompetistas soaram, mas se misturaram em sua cabeça. O chão tremeu com a força do ataque, com os gritos e maldições dos combatentes, mas Zeke de repente custava distingui-los.



Acreditou ouvir a voz de Nuala, que gritava seu nome, mas não podia olhar. Não podia desfocar nem por um instante, ou o mundo de Nuala desapareceria. Esperava que ela pudesse compreendê-lo. Acreditou que a rainha dizia que assim seria, mas não podia estar seguro no clamor da batalha.

E então, para selar o trato, foi golpeado de novo, no mesmo lado da cabeça em que se golpeou ao tropeçar naquela colina, quando caiu na escuridão, onde habitava uma garota formosa com um sorriso mágico.

— Zekeeee!

Aí estava de novo. Sua voz. Iria encontrá-la quando despertasse, pensou enquanto se agarrava à rainha. Iria abraçá-la e a cuidá-la, e caminharia com ela sob o crepúsculo.

Quando despertasse.

Mas, quando despertou, Nuala não estava ali.

— OH, Meu Deus! Zeke! Era sua irmã Gen.

Capítulo 14

Piscou. Voltou a piscar, e tentou por todos os meios esclarecer o caos de seu cérebro. Onde estava o ruído? O pânico, a ferocidade, o cheiro dos cavalos.

— Onde está Nuala?

Mas Gen se afastou e não respondeu. Estava deitado de barriga para cima. Só podia ver aparelhos elétricos e ouvir assobios. Doía-lhe o corpo como se tivesse sido atropelado por um caminhão, e a cabeça ameaçava a explodir. Entretanto, nessa ocasião não havia nenhuma bean tigue para curá-lo. Havia médicos com jaleco branco, faces irlandesas e sorrisos surpreendidos. Não tinha vestidos de fadas nem casas de hobbits, e sim via cortinas e paredes brancas. Dado sua experiência com uma irmã pediatra, imaginou que devia estar em uma UTI.

Seu primeiro instinto foi saltar da cama e voltar para a batalha. O segundo foi retorcer de dor ao tentá-lo. Doía-lhe cada célula de seu corpo. O golpe devia ter sido pior do que imaginava.

Tentou girar a cabeça, mas sentiu uma intensa dor.

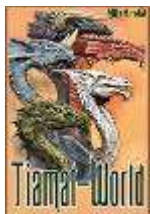
— Ohhhh — Gemeu, e fechou os olhos — Aquele último cara devia levar armadura.

— Último cara?

Zeke abriu os olhos ao ouvir essa voz. O coração deu um tombo. Jake. Inclinado sobre a cama, com o aspecto de um homem que acabava de sobreviver a uma caminhada de um mês pelo deserto, com os olhos vermelhos e o cabelo revoltado. Parecia que custasse trabalho manter as mãos quietas, mas sorria. O mesmo sorriso que Zeke tinha visto em Gen. Como se estivesse presenciando um milagre.

— Onde está seu chapéu? — Foi o único que ocorreu a Zeke dizer.

Era muito difícil conseguir que Jake tirasse seu chapéu de vaqueiro. Era seu gesto de



identidade. Também sua camuflagem. Jake podia ocultar muita raiva, terror e alegria sob a aba daquele chapéu. Zeke se sentiu nu ao ver todas essas emoções no rosto de seu irmão. Quis se esconder da dor que tinha visto em seus traços duros.

— Meu chapéu — Disse Jake colocando uma mão no ombro — Está no hotel. Estamos hospedados no hotel da senhorita O'Brien.

— Espero que não os tenha deixado sem tomar o café da manhã com seus lamentos.

— Não — Disse Jake — Seu amigo Colm já nos advertiu isso. Não esperávamos que voltasse Zeke.

E Zeke, que ainda estava tentando assimilar aquela súbita mudança de paisagem, deu-se conta de que se alegrava profundamente de ver sua família, mas se sentia angustiado por ter retornado.

— Nuala não deixou que ficasse — Admitiu.

— Nuala? — Perguntou seu irmão — Acredito que está confuso.

— Tem certeza que está bem? — Perguntou sua irmã Lee.

— Estou bem — Assegurou Zeke — Salvo pela dor de cabeça onde me golpearam as Dubhlainn Sidhe. Logo estarei bem. Menos mal que levava a cota de malha.

Pela extremidade do olho viu como alguém do pessoal do hospital se voltava ao ouvir suas palavras. Provavelmente, igual Nuala, tampouco queria ouvir falar das Dubhlainn Sidhe, o qual fez pensar em outra coisa. Como poderia retornar ao mundo de Nuala? Por que o teriam enviado de volta? Esperava que tivessem triunfado. Quem dera a rainha estivesse a salvo e pudessem recuperar o equilíbrio. Esse tal Xender tinha jurado proteger Nuala. Fechou os olhos e desfrutou por um instante da deliciosa dor de não saber. De não ouvir se estava bem ou não. Odiava não ter podido ficar para ajudar.

Como o teriam enviado de volta? Por quê? E por que Nuala não se despediu dele?

Só lhe ocorria uma razão; e decidiu que não ia pensar nisso.

— Zeke? — Gen se aproximou mais a ele, levantou-lhe uma pálpebra e depois a outra. Gen nunca podia resistir a comprovar os reflexos.

— Você é pediatra, Gen — Disse Zeke — Não finja que sabe o que está fazendo.

— Uma pupila é uma pupila — Assegurou sua irmã — E as duas estiveram fazendo coisas muito estranhas. Queria me assegurar de que tivessem acabado.

— Apostaria o que fosse que ela o vigiou mais que o pessoal do hospital — Disse Jake.

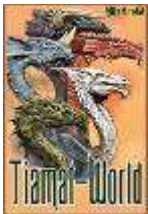
— Não seja tolo — Respondeu Lee com um sorriso — Ninguém aceita uma má notícia nesta família. O pessoal incluso deu a Gen sua própria xícara de café na sala de descanso dos médicos.

— Ei, parece que desta vez triunfou, Gen — Disse Zeke — Talvez queira deixar seu trabalho em casa e provar sorte aqui.

— Obrigado, mas não — Disse Gen — A fama não vale tanto como para suportar o jato lag.

Zeke sorriu, reconfortado pela conversa familiar. Era melhor que preocupar-se por Nuala. Melhor que ver Jake pela extremidade do olho, como se fosse muito doloroso para aproximar-se.

— Quando apareci? — Perguntou Zeke.



Seus três irmãos trocaram olhares.

— Você... Caiu faz quatro dias — Disse Gen — Após esteve bem aqui... Bom, quando não esteve em Cirurgia.

— Cirurgia?

— Agora tudo está bem — Assegurou com um sorriso e um tapinha no braço — Sobre tudo agora que está acordado.

— Mas me operaram.

Gen deu de ombros. Os outros dois pareceram ainda mais incômodos.

— Bom, bateu a cabeça com força ao cair por essa colina. Tiveram que aliviar a pressão. Está... Bom, está um pouco calvo.

Estava ali a quatro dias? A quem queriam enganar? Nem sequer tinha estado no mesmo espaço temporal.

— Quando me operaram?

— O primeiro dia. Deu-nos um bom susto, Zeke. Agora precisamos saber que não sofreu nenhum dano.

— Quer dizer se eu gosto da gelatina? Não. Continuo sem me gostar. Mas se equivoca. Não estive aqui todo o tempo.

Seus irmãos voltaram a olhar-se e evidentemente tomaram a decisão de não alterá-lo mais.

— Bem, de acordo — Disse Gen com voz de profissional — Poderá nos falar disso mais tarde, quando tiver descansado um pouco. De momento, levarei Jake para tomar uma ducha. Está começando a ofender ao pessoal.

— Dez paus que adormece antes — Disse Lee com um sorriso. Zeke não pôde evitá-lo.

— Está apostado — Disse.

Seus irmãos voltaram a lhe dar tapinhas no braço, para assegurar-se de que realmente estivesse ali. Não tinham nem ideia. Se dependesse dele, não o estaria. Ao menos até que não soubesse o que tinha ocorrido no campo de batalha. Até que não se despedisse apropriadamente da próxima rainha das fadas; o tipo de despedida que permaneceria em sua cabeça e entraria em formar parte dos anais da lenda. Mas, ao ver as faces de seus irmãos, soube que isso era algo que não podia compartilhar. Ainda não. Não até que não compreendesse melhor o que acabava de acontecer.

Gen se agachou e deu um beijo na testa. Depois foi a vez de Lee. Zeke quis as abraçar, mas os braços pesavam muito. De modo que simplesmente sorriu e viu como se dirigiam para a porta, seguidas por Jake. Zeke pensou em tentar dormir, mas de repente a imagem de sua família desaparecendo pela porta lhe produziu terror.

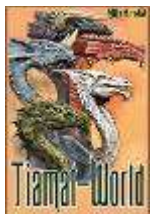
— Jake?

Jake se deteve. Devia ter visto a ansiedade em seu olhar, porque disse a suas irmãs:

— Vão vocês. Em seguida as alcanço.

— Jake, seus próprios filhos se negaram a te dar um abraço esta manhã — Disse Gen.

Zeke sabia que o queria dizer era que Jake precisava dormir antes de cair. Deveria tê-lo



deixado ir, mas não podia. Ainda não. Havia algo que precisava saber primeiro.

— Só será um minuto — Disse a sua irmã.

— O que é tão importante? — Perguntou Gen.

Zeke fez todo o possível por sorrir.

— Coisas de meninos — Disse.

As garotas sopraram e saíram pela porta. Jake retornou junto à cama.

— O que acontece? — Perguntou.

Mas Zeke não sabia o que perguntar. Como deveria dizê-lo? “esteve sonhando com uma mulher formosa que tentava te chupar a alma? Tem tanto medo como eu a fechar os olhos?”.

— Sinto muito — Foi quão único pôde dizer — Jake, sinto muito.

— O que sente? — Perguntou Jake — Por acabar por fim em uma UTI? Só era questão de tempo. O que me surpreende é que tenha demorado tanto.

— Esteve tendo... Sonhos? Pesadelos? — Perguntou por fim.

— Pesadelos?

Zeke aguentou a respiração, sem estar muito seguro do que queria que dissesse seu irmão. Mas, quando Jake sorriu, soube que seguia sem entender nada.

— Sim, tenho pesadelos. Vocês três. E meus três filhos. Tenho muitos pesadelos.

O que significava que as Dubhlainn Sidhe não tinham cruzado esse mundo para atormentar seu irmão. O que também significava que ia ser mais difícil convencer seu irmão do ocorrido naquele outro mundo habitado por seres que Jake Kendall não reconheceria.

Jake Kendall era um rancheiro. Seguia vivendo onde se criou, conduzia uma caminhonete e comia todos os sábados na cafeteria do povoado, onde pedia a mesma comida fazia vinte anos. O primeiro e único fato de fantasia na vida de Jake tinha sido casar-se com sua bela esposa Amanda.

Amanda. Zeke contaria a Amanda. Deixaria que ela falasse com Jake. Amanda acreditava nas fadas. Escrevia sobre elas. Tinha escrito aquele livro que dizia que sua tataravó tinha sido uma bruxa.

Mas no momento não havia nada que ele pudesse fazer para que seu irmão compreendesse.

— Sim, bom. Obrigado — Disse — Vá tomar uma ducha antes que o pessoal te aponte com a mangueira de incêndios. Verei-o pela manhã.

— Já é pela manhã.

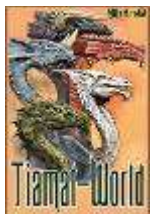
— Então esta tarde. E, Jake...

Jake se deteve. Zeke teve um desses momentos masculinos nos que tinha tanto que dizer que simplesmente não podia dizê-lo.

— Obrigado por estar aí.

— Amanda me teria tirado o fígado com uma faca de cozinha se não tivesse vindo — Respondeu Jake com um sorriso.

Depois de que seu irmão partiu, apareceu uma das enfermeiras para comprovar seu estado. Era jovem e formosa, com cabelo quase negro, olhos azuis e uma etiqueta que dizia



Maureen.

— Bom, é maravilhoso que tenha decidido assistir à festa — Disse ela — Pelo que estive ouvindo, é você a alma da mesma.

Em qualquer outro momento de sua vida, Zeke teria aproveitado a oportunidade de flertar com ela. Era tudo o que gostava; esperta e bonita. E tinha interesse. Inclusive foi o suficientemente delicada para não fazer machucar enquanto o girava de um lado a outro e trocava a cama como se fosse um menino pequeno. Comprovou os monitores e as veias, e algo que parecia estar pego a sua cabeça. Enquanto isso, cantarolava uma melodia que era familiar.

Uma melodia que Zeke tinha escutado a noite anterior.

— Onde ouviu isso? — Perguntou.

— Ouvi-lo? Em todas partes. É uma velha canção irlandesa que meu pai toca com o violino.

— Mas eu acabo de ouvi-la...

— Claro que sim — Disse ela rindo — Levo cantarolando-a desde que chegou. É minha favorita. Orvalho de uma manhã de maio. É bonita, não é?

Não sabia quanto. Sobre tudo se a tocavam em uma harpa de fadas. Zeke fechou os olhos e recordou.

— Encontra-se bem, senhor Kendall?

— Sim — Desorientado. Frustrado. Furioso — Só estou um pouco cansado.

— E por que não deveria está-lo? Apesar de ter dormido toda a festa, não viria mal descansar um pouco mais.

— Festa?

A enfermeira sorriu e assinalou para o que parecia ser uma abóbora situada sobre um dos monitores e com uma cara esculpida.

— Ontem à noite foi Halloween. Imagino que não esteve falando com os mortos, não é? Teria sido o melhor dia para fazê-lo.

— Não — respondeu ele, incapaz de afastar o olhar daquela cara vegetal — Mas cavalguei com a rainha das fadas. Isso conta?

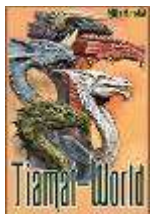
Maureen riu.

— OH, bom, isso teria sido suficiente para deixá-lo esgotado. Agora descanse. Não o incomodaremos durante um tempo.

Então também lhe deu um tapinha no ombro. Acaso todo mundo tinha que fazer isso? Como se fosse um menino de seis anos perdido em um centro comercial?

Talvez o fosse, depois de tudo. Sentia-se perdido. Sentia-se abandonado e traído; e não tinha ideia do que fazer a respeito. Via-se obrigado a estar ali deitado enquanto outros cuidavam dele. Muito distante de ser um cavaleiro com armadura e espada. Distante de ser o homem que havia feito gritar de prazer Nuala, filha de Mab.

Não podia acreditá-lo. Estava aguentando as lágrimas. Não tinha chorado nem sequer quando sua mãe morreu. Mas ali, apanhado no caos de um hospital, mais só do que recordava ter estado em sua vida, lutava contra a dor que crescia em sua garganta. Fechou os olhos, furioso por



ser tão fraco. Assustado por ter chegado a aquilo.

Ela tinha ido.

Tinha esbanjado seu tempo com ela, até sabendo que teria que partir. Tinha tomado tudo o que tinha devotado sem dar em troca o único presente que ele poderia oferecer a uma princesa fada. Não havia dito que a amava, que levaria esse amor com ele lá onde fosse, para esquentar as noites frias em metade do deserto, para aliviar esses momentos em que pensava que ninguém no mundo o compreendia. Levá-la-ia consigo em seu coração quando se reunisse com sua família nas festas.

Se pudesse, voltaria e entregaria seu presente. E depois ficaria para desfrutar de sua reação. Saciaria-se com ela, só uma vez mais, para poder recordá-la o resto de sua vida.

Porque se tinha ido. E ele tinha que seguir adiante. Sozinho.

Maureen foi fiel a sua palavra. Deixou-o sozinho durante bastante tempo. O suficiente para retornar e encontrá-lo adormecido, com lágrimas secas nas bochechas.

Zeke não sonhou. Não reviu os prados e as colinas do mundo das fadas, nem visualizou Nuala sobre seu cavalo, preparando-se para a batalha. Dormiu durante horas, enquanto seu corpo machucado se curava e sua família entrava e saía do quarto para assegurar-se de que não voltasse a abandoná-los. E de repente, em um instante, despertou sabendo algo do que deveria ter se dado conta antes.

— É a terceira prova — Disse, e sobressaltou a Lee, que estava sentada junto à cama, lendo.

— O que?

Pensava que se sentia melhor. Mais forte; como se alguém tivesse injetado energia enquanto dormia. Sentia-se mais acordado, mais espaçoso.

— Pensava que Mab tinha me enviado de volta — Disse enquanto esfregava a testa — Mas não o fez. Queria que esta fosse a terceira prova.

— A terceira prova? — Perguntou Lee sem entender nada.

Zeke quis rir, mas pensou que doeria muito. Assim simplesmente sorriu. Por fim sabia. Ia ter outra oportunidade de ver Nuala. Nem ela nem Mab tinham terminado ainda com ele.

— Não o entende? — Perguntou a sua irmã — Imaginava que a terceira prova seria algo sobre sexo. Pensava que as outras duas o tinham sido. Mas em realidade se tratava de ver o muito que conhecia Nuala. O muito que me importava. Tinha que desejar só a ela, ser fiel a ela. A terceira prova trata sobre acreditar nela. E se tiver razão, e sei que tenho, quando demonstrar que amo o suficiente como para não duvidar de sua existência, ao menos poderei me despedir.

— De quem?

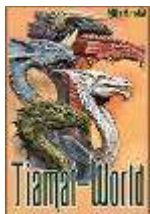
— Da Nuala, é óbvio.

— Zeke? — Perguntou Lee, como se estivesse falando uma linguagem desconhecida.

— O que?

— Quem é Nuala?

Zeke recordou então que Lee não tinha ideia do que tinha passado. E não sabia como



explicar, durante vários segundos, simplesmente ficou olhando-a.

— É uma longa história, Lee.

— Com certeza que é. É uma auxiliar de voo ou uma arqueóloga? Conheceu-a aqui ou em casa?

— Conheci-a... Conheci-a na casa de sua mãe. Ela é... — Surpreendeu-lhe sentir mais lágrimas na garganta. Como podia explicar a Lee quem era Nuala? Era sua alma, sua risada, sua magia. Era Grace Kelly no cisne, Audrey Hepburn em Férias em Roma. Caprichosa, sedutora como o ar na Irlanda sobre uma harpa mágica.

— Nossa, deve ser muito importante — Disse Lee — É todo um poeta.

Por um segundo, Zeke pensou que talvez sua irmã tivesse adotado esse molesto hábito de ler a mente do que as fadas faziam alarde, mas então se deu conta de que devia ter falado em voz alta. E Lee merecia uma resposta.

— É muito importante — Disse a sua irmã — É a mulher que amo.

Tão simples como isso. Tão básico.

E tinha dado muito medo dizer, desejava poder passar a terceira prova para poder retificar esse engano. Para que aquilo lhes servisse de vínculo quando não voltassem a se ver nem se ouvir.

— Suponho que não será ruiva, não é? — Perguntou Lee.

— Sim, assim é.

— Espera a que o diga a Gen — Disse sua irmã — Devo cinquenta paus, sabe? Disse que voltaria para casa com uma ruiva irlandesa em menos de seis meses.

— Não a levarei para casa — Disse ele.

— O que quer dizer?

— Ela... Não pode casar-se comigo.

— Já está casada?

Como explicá-lo? Como abrir a boca sem chorar?

— Digamos que tem uma responsabilidade da que não pode afastar-se.

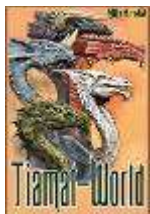
Por um momento pareceu que Lee ia protestar de novo. Isso fez que Zeke sorrisse. A pequena Lee, que tinha sofrido tanto como outros, que tinha passado pela vida com uma alegria transbordante que os tinha ajudado a todos. Tinha repleto a seu marido de felicidade, salvando sua vida no processo. Tinha mudado essa felicidade a seu trabalho como atriz. Não importavam as tragédias que Lee representasse sobre o cenário em Chicago, pois simplesmente se negava a pensar que não pudesse conseguir que tudo saísse bem. E Zeke não podia explicar por que naquela ocasião não o conseguiria.

— Esta tudo bem — Disse enquanto estreitava a mão e sentia uma lágrima escorregando pela bochecha — A tive durante um tempo. Posso recordá-la.

E Lee, que não estava acostumada a ver chorar seu irmão mais velho, agachou-se sobre a cama e o abraçou.

— Sinto muito — Disse — OH, Zeke, sinto muito.

— Eu não — Respondeu ele.



E se deu conta de que era certo. Choraria, e seguiria adiante. Talvez algum dia se casasse, encontrasse uma mulher que fosse sua amiga e sua amante. Mas sabia que nunca teria outra alma gêmea. Um homem só tinha uma oportunidade para esse tipo de sorte.

— Além disso — Acrescentou — Se acreditar, como aconteceu com Sininho, ela virá a despedir-se.

— E só? — Perguntou Lee — Simplesmente vai deixá-la?

— Bom — Murmurou Zeke — Conheço alguém que a conhece. Posso seguir a pista através dele.

— Outro antropólogo?

— Um fã do basquete de nove anos.

— Zeke — Disse Lee — O que diz não tem sentido.

— OH, Lee, não tem nem ideia — Respondeu ele, rindo por fim.

— Ideia do que? — Perguntou Jake, que tinha entrado no quarto, junto com sua mulher, Amanda.

— Zeke está apaixonado — Explicou Lee — Mas não pode casar-se com ela.

— Perdão? — Disse Jake.

— Chama-se Nuala — Acrescentou Lee — A conheceu na casa de sua mãe, e a ama. Mas não podem estar juntos.

— Por quê?

Que diabos? Teria que dizer-lhe cedo ou tarde.

— Porque ela é uma fada e eu não o sou.

Lee ficou de pedra. Jake pôs cara de ter sido esbofeteado com um peixe cru. E Amanda ficou calada.

— Perdão?

— Mais concretamente, é uma princesa fada que governará quando Mab, rainha das fadas, parta à Terra do oeste. Ela tem que ficar, assim que eu tive que retornar a para casa, com minha família.

— Tá — Disse Jake — E quando a conheceu?

— Quando caí no túmulo e fui sequestrado pela rainha das fadas. É sua mãe. A mãe de Nuala, quero dizer.

— OH — Disse Lee, com os olhos como pratos.

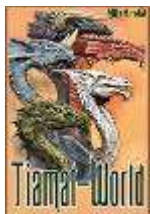
— A rainha das fadas — Repetiu Jake.

— Mab — Esclareceu Zeke — Também a chamam Maeve. Miúda mulher. Muito quente. De fato, todas as fadas o são. E dão umas festas magníficas.

— Zeke Kendall, como se atreve? — Perguntou Lee enquanto levava as mãos aos quadris — Realmente sentia pena por você. E logo vai e solta todas estas mentiras.

— Não é mentira. Falo a sério.

Jake teve que sentar-se, como se fossem falhar as pernas. Não disse nada mais. Simplesmente ficou olhando Zeke, que quis gargalhar. Nem sequer sabia por que. Não estava



fazendo nenhum favor ao falar com seu irmão mais velho sobre Mab e Nuala.

Mas tinha que contar a alguém. Tinha que pintar o retrato de Nuala no mundo real para poder mantê-la viva para ele. Para que suas cores fossem fortes e vibrantes. Necessitava que as pessoas que amava soubessem sobre ela. Que acreditasse nela tanto como ele.

Mas não era assim.

— Amanda? — Perguntou Jake — Você tem que compreendê-lo.

Amanda, que colecionava histórias de folclore e as transformava em ficção. Amanda acreditava nas fadas.

Ao menos até que seu cunhado assegurou ter sido sequestrado por uma.

— Zeke — Disse enquanto lhe dava um tapinha no braço. Começava a cansar-se disso — Foi uma experiência traumática. E naturalmente pode ter assimilado algumas das histórias de seu entorno enquanto estava inconsciente. Para te ajudar a explicar o ocorrido. É assim como começa o folclore. Uma tentativa por definir o mundo natural de maneira que nos dê ao menos certa ilusão de controle sobre ele.

Zeke estava impaciente. Ia a caminho da frustração. Em qualquer momento ficaria louco. Alguém tinha que acreditá-lo.

— Amanda, alguma vez me viu ler uma história sobre folclore? — Perguntou a sua cunhada — Ouviu divagar sobre elfos e gnomos? Disfarcei-me alguma vez no Halloween? Se nem sequer li O senhor dos anéis. Não estou inventando isso.

— Claro que não — Assegurou Amanda — Acredito que o acredita.

— Dá no mesmo. — Disse ele com um suspiro.

— Sentirá-se muito melhor quando levarmos a casa — Disse Lee.

— Não vou para casa.

Silêncio.

— Claro que sim — Disse Jake — Assim que os médicos derem alta. Acreditam que em uma semana ou duas. Maria está acondicionando seu velho quarto no rancho para que possa se recuperar ali.

— De acordo. Faz a reserva — Concordou Zeke — Logo que me tenha despedido da Nuala.

— Não seja idiota — Disse Jake.

Pela primeira vez em sua vida, Zeke se negou a intimidar-se diante seu irmão.

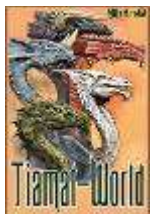
— Partirei depois de vê-la. Nem um minuto antes.

— Zeke... — Disse Lee, e pareceu que ia chorar.

— Estou esperando — Insistiu ele — Esta é minha terceira prova, e não penso falhar. Não me importa o que digam.

Esperou.

O psicólogo foi vê-lo. Escutou com calma enquanto Zeke lhe contava toda sua história sobre as fadas. Falou-lhe da rainha e da princesa, de como as duas facções estavam em guerra, de que Nuala herdaria o trono. Zeke viu como o homem escrevia em sua caderneta Possível transtorno



alucinógeno, e não se importou. Sempre e quando escrevesse sua história.

Zeke passou de estar deitado na cama na do UTI a estar sentado em uma incômoda poltrona. De sua janela via as colinas além dos telhados do Sligo. Na distância, Maeve o observava do alto da Knocknarea. Se fechasse os olhos, quase podia ver as tropas das fadas. Repetia em sua cabeça as aventuras vividas e recordava o corpo de Nuala.

E esperava.

Colm foi visitá-lo e levou um pão que a senhorita O'Brien tinha preparado. Zeke contou a história e descobriu que Colm se sentia igualmente incômodo que sua família ao ouvi-la.

Zeke fez reabilitação para fortalecer seu braço e sua perna esquerdos, que ainda estavam um pouco debilitados. Fez amizade com as enfermeiras e se reunia com elas a tomar chá.

E esperava.

Jake começou os preparativos para levar a todos de volta para casa. Os médicos disseram que Zeke poderia ser transportado a uma clínica particular nos Estados Unidos, e o hospital o ajudou organizado tudo. Zeke reiterou o fato de que, acontecesse o que acontecesse, não iria até não ter visto Nuala.

Sabia que tinha que deixá-la. Tinha que viver sem ela durante o resto de sua vida. Mas não ia partir até que ela se despisse dele. Tinha que confiar em que o faria. Porque, se não, já não haveria nada no que acreditar. Nem no ocorrido, nem nela, nem no que haviam sentido um pelo outro.

E se negava a pôr isso em dúvida.

— Zeke, está esgotando minha paciência — Disse Jake uma manhã. Os dois estavam sentados em um dos mirantes do hospital. O tempo era cinza e a chuva não parava de cair — A não ser que possa me deixar inconsciente de um murro, não tem nada que dizer. Vai vir para casa.

— Não — Respondeu Zeke.

Jake suspirou e passou uma mão pelo cabelo. Continuava sem ter posto seu chapéu.

— Podemos te sedar para subir no avião.

— Se fizer isso, nunca o perdoarei, Jake. Digo-o a sério.

— Zeke, por favor. Tem que entender que sonhou tudo. O cérebro é algo incrível. O seu pode criar mundos inteiros. E isso é o que fez enquanto... Dormia.

— Não sonhei. Quão único faço é tentar ser merecedor da mulher que amo. É tanto o que peço? Não faria você o mesmo pela Amanda?

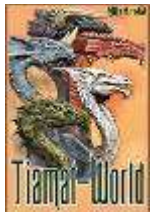
— Passaram oito dias, Zeke. Ninguém veio.

Zeke deu a volta e viu como as gotas de chuva escorregavam pelas janelas.

— Virá.

“E então me despedirei”, pensou. “Veem logo, Nuala, antes que perca a coragem. Antes que fique muito amargo para saborear o tempo que passamos juntos”.

Deram-lhe alta três dias mais tarde; com sua roupa e uma cadeira de rodas. Zeke rogou que o deixassem ficar. Não sabia como Nuala conseguiria encontrá-lo se partisse. Mas regras eram



regras. O hospital declarava que seu estado era o suficientemente bom para ir para casa.

— Não posso ir — Disse, frenético — Por favor.

Odiava fazer sua família passar por aquilo. Eles acreditavam que Nuala vivia só em seu cérebro machucado. Mas ele sabia. Sabia.

Escutou atentamente enquanto a enfermeira o ajudava a colocar os mesmos jeans que Nuala tinha tirado só uma semana antes. Levantou a cabeça quando a porta se abriu, mas descobriu que era Gen, que tinha ido buscá-lo. Ele demorou tudo o que pôde em colocar os sapatos, a camisa e a jaqueta. Eternizou ao colocar o chapéu sobre sua cabeça rapada. Tinha ficado meio calvo depois da operação, de modo que tinha parecido mais fácil começar do zero e tinha raspado tudo. Lee dizia que se parecia com Vin Diesel. A Zeke não importava. Só queria que Nuala pudesse reconhecê-lo quando chegasse.

Porque chegaria.

Assim se sentou na cadeira de rodas e rezou por um milagre. Aguentou a respiração com o passar do vestíbulo enquanto o pessoal do hospital se detinha para lhe desejar uma pronta recuperação e sorria ao ver o lunático que esperava a sua princesa fada.

Viu aproximar a porta de saída como se das portas do inferno se tratasse e soube que não podia atravessá-la. O coração se acelerou e começou a suar as costas. Não podia render-se. Ainda não.

Estava quase na porta quando o ouviu. Uns pés leves, quase invisíveis, correndo. Jurou que podia cheirá-lo. O cravo.

Sabia. Tinha ido buscá-lo.

— Parem! — Exclamou, plantou os pés sobre o chão do terraço e fez que todos se detiveram.

— E agora o que acontece? — Perguntou Jake.

Mas Jake já se pôs em pé. Estava procurando-a, porque sabia que estava ali.

— Nuala!

Mas, antes que pudesse vê-la, a perna esquerda falhou. Viu as faces quase cômicas dos que o rodeavam antes de reagir. O joelho dobrou. O pé direito escorregou e Zeke desabou ali mesmo.

Ficou deitado de barriga para cima, quase sem respiração. Não viu nada salvo as faces de Jake, da enfermeira, da Amanda e de Rock, o marido de Lee, enquanto se aproximavam para levantá-lo do chão.

A ela não viu.

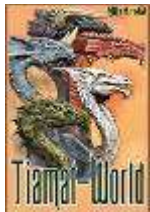
— Nuala!

Mas a única resposta que obteve foi o bate-papo indiferente de um corredor de hospital.

Lentamente, como se tivesse envelhecido trinta anos, Jake se ajoelhou junto a sua cabeça.

— Zeke — Disse em voz baixa, e Zeke soube o difícil que era para seu irmão fazer isso — Não há ninguém aqui. Sinto muito.

Zeke não fechou os olhos. Não ficou em pé de um salto. Simplesmente ficou ali deitado, derrotado. Nuala não ia aparecer. Algo a tinha mantido em seu mundo, algo terrível. E talvez ele



nunca soubesse.

Jamais voltaria a vê-la.

Lutando contra a dor da perda, estirou a mão para Jake.

— De acordo. Vamos.

Capítulo 15

— Espera! — Disse uma voz suave.

Zeke caiu de novo no chão. Nem sequer precisou olhar. Simplesmente sorriu para o teto e esperou. Tudo sairia bem. Já podia descansar. Afinal ia necessitar muita força para fazer o que tinha que fazer. Dizer que a amava e deixá-la partir.

Mas ela estava a salvo. Isso era o que importava.

Bom, isso e que tivesse ido. Como tinha sabido desde o começo. Pensava que já não ficavam mais lágrimas e, entretanto, ameaçaram brotar de novo. Estava tremendo e não tinha nada que ver com fraqueza.

Zeke viu a surpresa no rosto de Jake. Notou como o silêncio se fazia na sala. E os sinos começavam a dançar no vento. E ali estava ela, a seu lado, no chão, colocando a cabeça sobre seu colo.

— OH, Zeke — Disse — Vai estar sempre caindo aos pés de uma fada?

— Só uma fada — Assegurou ele — Me alegre que tenha vindo.

— Sim — Disse ela — Eu também.

Inclinou-se sobre ele, e seu denso cabelo os protegeu do resto do mundo.

— E eu gostaria de saber o que fez com seu precioso cabelo. Eu adorava seu cabelo.

— Barbeei-me isso por tristeza.

— Tristeza por quê?

— Pela mulher que amo.

— OH — Disse ela com lágrimas nos olhos — Tem uma língua de ouro, Zeke Kendall.

Deveria desconfiar dela.

— Não, não deveria — Disse ele — Jamais. Sabia que viria.

— Sabia, não é? Sabia que, inclusive na metade da batalha, precisava fazê-lo. — É ela?

— Sussurrou Lee.

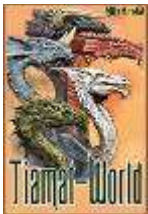
— Mãe de Deus — Disse uma enfermeira — É uma fada de verdade.

— Está tudo bem? — Perguntou a Nuala.

— Agora sim — Respondeu ela com um sorriso.

— O mundo das fadas está a salvo?

— Bom, há uma paz incômoda. Mas o ataque foi repudiado graças a um heroico louco com armadura élfica — Compartilharam outro sorriso enquanto acariciava a cabeça — Cadhla te envia



lembranças, por certo. Queria ser recordado por seus primos em seu rancho.

— Claro que sim. O que acontecerá agora com todos eles?

Nuala deu de ombros.

— Mab está consultando o conselho. O profeta observa e espera.

Zeke assentiu. Desejava mais. Mais tempo, mais palavras, mais futuro.

— Amo-te — Disse antes de perder a oportunidade — Tinha que dizer isso. Deveria tê-lo feito antes. Aconteça o que acontecer, necessito que saiba.

— Alegra-me ouvi-lo.

— Passei a terceira prova?

— OH, sim. Nem sequer Mab podia negá-lo.

— E você me ama?

Nuala lhe acariciou a testa com seus dedos curadores e disse:

— Que pergunta é essa, quando tomei a moléstia de vir até aqui para te encontrar? Direi-te que estes hospitais são lugares ferozes e confusos. Levo horas dando voltas por este.

— Horas? — Perguntou Zeke — Você não mede o tempo.

Pela primeira vez, Nuala pareceu insegura.

— Agora sim.

— Por que?

Nuala afastou o olhar por um momento, e Zeke a amou mais ainda. Parecia como se levasse novas cargas. Novas tristezas. Novas esperanças.

— Bom — Disse — Parece que perdi meu trabalho.

Zeke se levantou e a olhou — O que?

Foi então quando se fixou no que tinha posto. Não era seu precioso vestido de gaze nem seus anéis de prata.

Eram jeans.

Usava jeans azuis, uma camiseta de manga curta e esportivas. E parecia ansiosa, vulnerável. Como se sua reação a sua vestimenta fosse mudar tudo em sua vida.

Zeke não podia decidir o que fazer. O que dizer. Tinha medo de perguntar o que desejava. De modo que voltou a deitar e fechou os olhos.

— Zeke?

— Está aqui, não é?

— Sim.

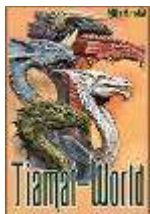
— Acostumarei a isso primeiro. Depois passaremos a seguinte parte.

Sentiu sua risada e sorriu. Depois reuniu coragem, abriu os olhos e descobriu que continuava ali. Com seu jeans azuis e sua camiseta esportiva.

De repente Jake se inclinou sobre ambos.

— Encantado em conhecê-la, senhorita — Disse — Me alegra que tenha vindo por fim a ver Zeke. Mas me parece que preferiria falar em um lugar mais tranquilo.

— Jake? — Disse Zeke, sem incomodar-se em afastar a vista de sua Nuala, vestida como



uma mortal — Esta é Nuala. Nuala, meu irmão Jake. Recorda-o?

Nuala dirigiu a Jake um sorriso deslumbrante.

— O mesmo homem que criou o Grayghost — Disse — É uma honra conhecê-lo.

— O mesmo digo — Disse Jake — Entretanto, é hora de levantar o Zeke do chão.

Pela primeira vez desde que caiu no chão, Zeke tomou um segundo para olhar a seu redor.

Os desconhecidos ficaram parados na metade do vestibulo. Os pacientes estavam de pé em suas portas. Suas irmãs o olhavam como espectadoras em uma peça de teatro. E ele continuava estendido no chão com a cabeça no colo de Nuala.

— Bom — Disse — Se insisti.

— Insisto — Respondeu Jake sorrindo.

Zeke conseguiu voltar para a cadeira de rodas, o qual desgostou de novo a Nuala, pois havia feito lesões defendendo a sua mãe, e o pessoal lhes concedeu uns minutos de privacidade em uma sala de reuniões.

— Nuala — Disse Zeke, mostrando com uma mão a sua família e agarrando-se a Nuala com a outra — Minha família. Família... Nuala.

Seus irmãos ficaram calados. Inclusive Amanda, que parecia mais intrigada que outra coisa, não parecia encontrar as palavras. Foi Lee, é obvio, que rompeu o silêncio.

— Me alegre de vê-la — Disse a Nuala enquanto a abraçava — Não tem ideia de quanto.

Nuala sorriu e Zeke teve que combater a vontade de rir.

— Obrigado — Disse Nuala — É um prazer conhecer por fim à família de Zeke.

— E agora, família — Disse Zeke — Eu gostaria de ter uns minutos a sós com a Nuala.

Depois prometo que iremos.

Jake ainda parecia confuso, mas assentiu e levou a todos fora da sala.

— Agora, por favor, se explique — Disse Zeke a Nuala quando ficaram sozinhos.

Nuala aproximou uma cadeira e se sentou.

— Mab decidiu que a próxima rainha das fadas não deveria estar tão apaixonada por um mortal para preferir transformar-se em um.

— Transformar-se em um? O que quer dizer?

— Minha lealdade está dividida. Desejo muito este mundo para governar o meu com eficácia. Assim que me deram a oportunidade de escolher. É a única maneira que tenho de viver neste mundo, Zeke. Ser mortal.

Durante vários segundos, Zeke não soube o que dizer. Mal podia respirar com a enormidade do que acabava de escutar. Ele estava preparado para despedir-se.

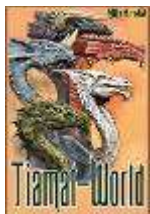
Como assumia aquilo?

— E o é? — Perguntou — Vive neste mundo?

Depois de uns segundos, Nuala assentiu.

Seu salto de fé deixou Zeke sem fôlego. Havia-o feito por ele. Para estar a seu lado. Havia feito sem nem sequer saber se ele teria a coragem de comprometer-se.

— OH, Nuala — Disse negando com a cabeça — Acredita que se arrependerá?



— Sentirei falta de meu mundo, embora estejamos convidados no Samhain. Sentirei falta da minha família, embora Kieran prometeu que faria de mensageiro entre nós. Sentirei falta do prado, embora haja muitas coisas neste mundo que eu gosto inclusive mais. Sabia que há uma máquina que te levanta do chão?

Zeke riu.

— Chamam-no elevador.

— Nem sequer necessitam pó de fadas.

— Nuala — Disse ele — Por que?

— Porque era minha oportunidade de estar com você — Respondeu ela sem hesitar.

Levou tempo e esforço, mas por fim Zeke conseguiu levantar-se da cadeira de rodas.

— Veem aqui — Disse.

Ela se aproximou até que pôde estreitá-la entre seus braços.

— Nunca serei o suficientemente bom para você — Disse Zeke — Mas eu gostaria de tentá-lo. Eu gostaria de te dedicar todo o tempo que esbanjei com outras mulheres. Você gostaria de ver Four Corners em pessoa? E os Andes? As ilhas do Tahití? Estaria disposta a viajar comigo, a se colocar em minha família e a suportar suas interferências o suficiente para se reunir com eles durante as festas?

— Não tenho poderes na terra, Zeke — Disse ela rodeando-o com os braços — Nada salvo habilidade com a harpa e conhecimentos sobre plantas medicinais.

— O qual certamente é útil em uma escavação. Sobre tudo o da harpa. A trouxe com você, não é?

— A ninguém ocorreria separar uma fada de sua harpa. Embora já não seja fada.

— Realmente renunciou à Terra do oeste para envelhecer comigo? Para se balançar comigo no alpendre e contar contos de fadas a nossos netos?

— Será uma honra, Zeke Kendall.

— Então só faz falta uma coisa. Quer se casar comigo, Nuala, filha de Mab? Será minha última amante e o futuro de minha família?

Ao ver o sorriso de Nuala, Zeke soube qual era a resposta.

— Claro que sim. Pensei que nunca me pediria.

— E o que acontece com a rainha?

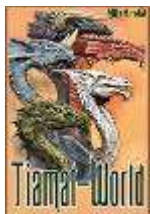
— A rainha terá que esperar um pouco mais antes de partir.

Zeke estava ainda no processo de dar a bem-vinda a sua prometida com um beijo quando a porta se abriu e entrou sua família. A reação à notícia foi positiva e entusiasta.

Foi Gen quem falou por todos.

— Deve-me cinquenta paus!

Quanto à rainha, naquele momento estava de pé frente à água mágica de Nuala. O profeta estava com ela, e também sua filha Sorcha, que contemplava a felicidade de sua irmã com um sorriso agridoce.



— Bom, pequena Sorchá — Disse a rainha — Agora é sua vez.

— Para que? — Perguntou Sorchá.

— Para ser rainha.

Sorchá, que jamais em sua vida se enfrentou a sua mãe, endireitou-se e disse: — Obrigado, mas não.

A rainha nem sequer pareceu adverti-lo. Estava olhando outra vez a Nuala, que se encontrava nos braços de seu mortal. “Que desperdício”, pensou Mab. Ela poderia ter desfrutado daquele homem durante alguns anos. E tampouco o fazia graça ter perdido a sua filha por ele. Realmente pensava que Nuala teria sido uma boa rainha. Mas nenhuma rainha das fadas devia ser presa do tipo de amor que antepor a um mortal a seu próprio reino.

Era o melhor. Acaso não tinha levado ali o mortal para obter essa mesma resposta? Depois de tudo, Orla tinha razão. A final, Nuala teria fracassado como rainha. E Orla seguia sendo muito egoísta. Isso deixava Sorchá como única opção.

— Eu não me desafiaria nisto, Sorchá — Disse a sua filha — Afinal, segue sendo responsável por ajudar a recuperar o equilíbrio no reino. Será mais fácil fazê-lo se for rainha.

— Não, mãe — Respondeu Sorchá — Obrigado, mas não.

— Já veremos, minha filha. Já veremos.

E, antes que Sorchá pudesse protestar, desapareceu. Havia muitas coisas que fazer. Mab pensava que a melhor maneira de recuperar a pedra Coilin era recuperar primeiro a pedra Dearann. E era fantástico que ela tivesse ideia de onde estava. Logo se ocupariam de trocá-las com o Cathal, rei das Dubhlainn Sidhe, e recuperar o equilíbrio.

Ou voltaria a roubar Coilin e ficaria com ambas as pedras. Isso representaria um poder tentador para uma rainha, inclusive afastada da Terra do oeste. No momento, entretanto, a rainha se sentia satisfeita. As fronteiras estavam a salvo de novo. Darragh tinha ido ao exílio e Orla tinha sido despojada de seus poderes. E logo Mab saberia se ansiava mais o poder definitivo ou o descanso definitivo. Em qualquer caso, sabia que era o momento de relaxar-se com seu poder.

Mais atrás, sua filha se virou para o profeta.

— O que ocorrerá... — Perguntou — Se continuo dizendo que não?

Kieran, como tinha por costume, simplesmente observou as sombras.

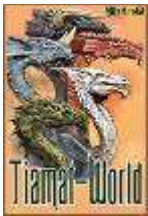
— Tudo mudará.

Sorchá suspirou e sentiu o peso do futuro sobre seus ombros.

— Sim. Isso pensava.

Enquanto o crepúsculo se pousava sobre a terra, os dois se afastaram da casa vazia de Nuala. Era a hora do banquete. A vida das fadas continuava.

Havia lendas que criar, magia que praticar. Enquanto o mundo mortal ia dormir, as fadas dançavam nos prados e iluminavam as sombras do outono com suas luzes piscantes. E, enquanto dançavam, perguntavam-se o que ocorreria depois. As Dubhlainn Sidhe tinham a pedra Coilin. A rainha não tinha nenhuma. Todos eram conscientes da gravidade da situação. Todos sabiam que



não tinha acabado e que não estavam a salvo.

Mas, enquanto a lua se elevava sobre o prado, souberam que isso era algo que teria que esperar a outro momento. Aquela noite era para dançar.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>